



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

**O PROTAGONISMO DA BIBLIOTECA ESCOLAR:
Ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da
cultura letrada**

SANTARÉM/PARÁ

2019

ROSILENE DE ARAÚJO FARIAS

**O PROTAGONISMO DA BIBLIOTECA ESCOLAR:
Ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da
cultura letrada**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - Profletras para obtenção do título de Mestre; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação; área de concentração: Linguagens e Letramentos: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

SANTARÉM/ PARÁ

2019

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFOPA Catalogação de Publicação na
Fonte. UFOPA - Biblioteca Unidade Rondon**

Farias, Rosilene de Araújo.

O protagonismo da biblioteca escolar: ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da cultura letrada / Rosilene de Araújo Farias. - Santarém, 2021.

120f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

Orientador: Zair Henrique Santos.

1. Biblioteca. 2. Leitura - Literatura. 3. Formação de leitor. I. Santos, Zair Henrique. II. Título.

UFOPA/Sistema Integrado de Bibliotecas CDD 23 ed. 027.8



Universidade Federal do Oeste do Pará
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

ATA Nº 17

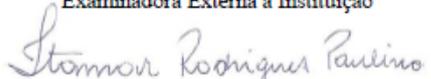
Aos trinta dias do mês de novembro do ano de 2019, às 10:00 horas no Miniauditório Edil Salomão da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). Prof. Dr. Zair Henrique Santos (orientador e presidente), Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto (membro interno) e o Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino (membro externo) a fim de arguirem a mestranda ROSILENE DE ARAÚJO FARIAS, com a dissertação intitulada O PROTAGONISMO DA BIBLIOTECA ESCOLAR: Ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da cultura letrada. Aberta a sessão pelo presidente, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(X) Aprovada, fazendo jus ao título de Mestra em Letras.

() Reprovada


Dra. FABIOLA RIBEIRO FARIAS, UFOPA

Examinadora Externa à Instituição


Dr. ITAMAR RODRIGUES PAULINO, UFOPA

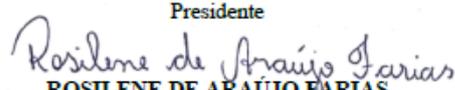
Examinador Externo ao Programa


Dr. LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO, UFOPA

Examinador Interno


Dr. ZAIR HENRIQUE SANTOS, UFOPA

Presidente


ROSILENE DE ARAÚJO FARIAS

Mestrando

A meu filho Guilherme Carlos, por ser o fôlego da minha vida, ele me sustenta e me dá coragem para questionar realidades e propor sempre um mundo novo de possibilidades em volta do livro. A ele por ser um amante da literatura desde o momento em que descobriu o poder das palavras.

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória no mestrado apenas foi possível graças a **Deus**, principalmente, e a todos que estiveram comigo, apoiando-me. A memória não será apagada pelo esquecimento, pois as marcas que essas pessoas deixaram estão tatuadas em meu coração. Cada vez que eu olhar ou pensar nelas, o meu sentimento de gratidão irá atingi-las, em forma de luz, de conforto, de uma leve brisa, representando tudo de positivo que lhes desejo. É assim que vou agradecer-las sempre.

Ao meu filho **Guilherme Carlos** e meu esposo **Orlando Carlos** por me apoiarem sempre que necessário, dando-me carinho e motivação para não desanimar.

À **Marilene de Araújo**, minha **Mãe**, por sempre me incentivar a estudar e a não desistir dos meus ideais.

A minha amiga e irmã **Érika Medeiros**, ao amigo **Venildo Hoff**, a **Ana Clara Hoff** e meus sobrinhos, Ana Clara, Lorenzo e Mateus, que se tornaram família em Santarém, agradeço por me receberem em sua casa, dando-me apoio e carinho nos momentos difíceis.

Ao **Prof. Dr. Zair Henrique Santos**, pela orientação, competência, profissionalismo e dedicação tão importantes.

Ao **Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto**, por ter sido o primeiro a acreditar em mim. Embora o destino nos tenha traçado caminhos diferentes, ficaram as marcas de competência, respeito e carinho.

A todos os **professores do Profletras** pelos ensinamentos práticos e teóricos, que vieram a contribuir para minha formação profissional e pessoal.

Ao Secretário Municipal de Educação, do município de Itaituba- PA, **Amilton Pinho**, por acreditar no projeto e apoiá-lo.

A minha colega de turma **Alessandra Mesquita**, por ler meu texto sempre que necessário, pelas palavras de incentivo e pela amizade.

Aos colegas da turma do mestrado, que foram fundamentais em todos os momentos.

A querida **Tâmys Nauana**, por ter compartilhado desse sonho e me ajudado em todos os momentos.

Aos professores e alunos da **Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora** por aceitarem colaborar para a realização deste estudo, em especial a professora **Clayde Posiadlo e Fátima Leiroz** pelo incentivo e carinho a todo o momento.

Agradeço de coração a todos e todas!

*E*u sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca

(Jorge Luís Borges)

RESUMO

O ambiente escolar possui um espaço privilegiado para a formação do leitor. Infelizmente, não é o que se percebe ocorrer no cotidiano das instituições brasileiras de ensino. Tem-se o espaço, mas não se tem os livros; ou têm-se o espaço e os livros, mas não se têm propostas didáticas que aproximem os alunos dos livros e despertem neles o interesse pela leitura. Considerando esse problema, e com a finalidade de revitalizar e com a pressuposição de que uma biblioteca bem estruturada, com acervo atualizado e propostas didáticas bem definidas de incentivo à leitura pode colaborar significativamente com a formação de leitores nas escolas. Assim, a pesquisa tem como finalidade revitalizar a biblioteca da escola de ensino fundamental A Mão Cooperadora, localizada no município de Itaituba-PA. Essa pesquisa teve como objetivo verificar se houve ampliação na formação de alunos leitores e quais os benefícios resultantes do contato com a leitura através da biblioteca. Este estudo é de natureza interpretativa e interventiva e constitui-se de três fases fundamentais: exploratória, trabalho de campo e análise do material, e se sustenta principalmente nos estudos de Britto (2012; 2015), Candido (2011), Silva (1984; 1993), Santos (2016), Bértolo (2014), Milanesi (2013) e Todorov (2014). A produção e análise dos dados valeram-se dos procedimentos da pesquisa qualitativa, por meio dos seguintes instrumentos: caderno de notas, registros de imagens, questionários e entrevistas, buscou responder a seguinte questão: “uma biblioteca bem equipada, com acervo e equipamentos de qualidade, amparada por ações planejadas de leitura, pode se tornar um centro de disseminação de cultura letrada no âmbito escolar, e assim assumir o protagonismo na formação das pessoas?”. A pesquisa está vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa e teve como “produto” final a reconstrução da Biblioteca Willian Gabriel com um acervo de três mil livros, em sua maioria literário. Os resultados da investigação revelaram significativa ampliação da frequência da comunidade e dos alunos do ensino fundamental, menor e maior, na biblioteca, desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão de textos, bem como melhora na interação e humanização dos estudantes.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Biblioteca Escolar. Cultura Letrada.

ABSTRACT

School environment has got a space that is supposed to be of privilege to the formation of readers. Unfortunately, it is not what can be seen every day in Brazilian education institutes. Either there is space, but there are not books; or there is both space and books, but there is not pedagogical proposals that bring students closer to the books, raising their interest for reading. In the view of this problem, this research assumes that a well-structured library, with up-to-date collections and didactical proposals well defined for motivating reading, can collaborate significantly to the formation of readers at schools. Thus, this research has the aim of revitalizing the public library of the elementary school A Mão Cooperadora, located in the town of Itaituba-Pará, in order to check whether there has been an increase in the formation of reader and what resulting benefits of that contact through the library were. This study is of interpretive and intervention nature, and is made up of three fundamental phases: exploratory, filed research and analysis of material and is supported mainly by the studies of Britto (2012; 2015); Candido (2011); Silva (1984; 1993); Santos (2016); Bértolo (2014); Milanesi (2013) and Todorov (2014). The production and analysis of data used the procedures of qualitative research, by using the following tools: journal, images log, questionnaires and interviews. The research is linked to Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, of Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa, and has had The Library William Gabriel with an archive of three thousand books about world literature. Research results have revealed significant expansion in the library attendance by junior and senior elementary students in the library, developing reading and text comprehension skills, as well as an improvement in the interaction and humanization of students.

Key-words: Reading. Literature. Library. Literate Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada da Escola A Mão Cooperadora em Itaituba- Pará	43
Figura 2 - Sala denominada Biblioteca antes da revitalização - 19/02/2018.....	50
Figura 3 - Fichas de catalogação encontradas em alguns livros.....	53
Figura 4 - Livros de literatura e pesquisa empilhados no laboratório de informática	53
Figura 5 - Layout desenvolvido pelo arquiteto da Semed.	62
Figura 6 - Layout definitivo da biblioteca	65
Figura 7 - Visão frontal - Layout da Biblioteca	65
Figura 8 - Início das obras – 16/07/18.....	66
Figura 9 - Sala pronta após reforma	66
Figura 10 - Convite de inauguração da biblioteca.....	67
Figura 11 - Registro do momento em que a fita da placa da biblioteca foi cortada. 29/11/2018.	68
Figura 12 – Registro da Inauguração: Professor Zair Henrique, alunos e professores. 29/11/2018.....	69
Figura 13 - Biblioteca organizada para a inauguração, espaço infantil.....	71
Figura 14 - Espaço organizado: visão geral.....	71
Figura 15 - Espaço organizado, visão geral frente da biblioteca.....	71
Figura 16 - Organização das estantes por categorias e cores	73
Figura 17 - Livros de literatura clássica	74
Figura 18 - Livros do PNAIC encontrados nos armários das salas de aula.....	75
Figura 19 - Aluno do 3º ano fazendo seu primeiro empréstimo de livro.	77
Figura 20 - Caderno de Controle de empréstimo de livros – 5º ano – Fevereiro de 2019	77
Figura 21 - Empréstimo 5º ano – Março de 2019.....	78
Figura 22 - Aluna do 4º ano lendo “Menina Bonita do Laço de Fita” (Anan Maria Machado)	78
Figura 23 - Alunos do 3º ano realizando leitura livre em grupo	79
Figura 24 - Alunos do 5º assistindo documentário sobre Ana Maria Machado	83
Figura 25 - Professora do 1º ano lendo para os alunos de sua turma.	83
Figura 26 - Livros utilizados na oficina da Ana Maria Machado.....	84

Figura 27 - Turma do 4º ano na atividade de “Ana Maria Machado”.....	85
Figura 28 -As três turmas do 8º ano que organizaram o I Festival Poético na biblioteca.	87
Figura 29 - Peça teatral do Sítio do Pica Pau Amarelo: alunos do 8º ano para alunos do 2º ano	88
Figura 30 - Caixas com livros do PNAIC resgatadas dos armários de professores	93
Figura 31 - Alunas da turma do 8º ano, selecionando os livros resgatados	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantitativo de professores no ano de 2018 da Escola AMC.....	44
Quadro 2 - Relação de turmas/alunos da Escola A Mão Cooperadora - 2018	44
Quadro 3 - Características da pesquisa de intervenção	47
Quadro 4 - Textos trabalhados no I Show Literário AMC	61
Quadro 5 - Detalhe da organização dos livros por categoria e cores.	72
Quadro 6 - Ações realizadas no 1º semestre de 2019.....	82
Quadro 7 - Cronograma de dias específicos para cada turma usar a biblioteca	82
Quadro 8 - Classificação dos alunos que mais leram livros da biblioteca, turno matutino e vespertino	89

LISTA DE SIGLAS

AMC	Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora
Cemic	Centro Educacional do Menor Integrado à Comunidade
Lelit	Grupo de Pesquisa, Estudo e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola
Proler	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
Pibic	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
Pnaic	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNBE	Programa Nacional de Biblioteca Escolar
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PNLL	Plano Nacional do Livro e da Leitura
PPGE	Programa de Pós Graduação em Educação da Ufopa
PPP	Projeto Político-Pedagógico
Profletras	Mestrado Profissional em Letras
Semed	Secretária Municipal de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
Unama	Universidade da Amazônia
Ufopa	Universidade Federal do Oeste do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 LEITURA, ESCOLA E BIBLIOTECA	18
1.1 A importância da leitura para a formação humana.....	18
1.2 Literatura: leitura e humanização	23
1.3 A biblioteca escolar e sua relação com a promoção da leitura.....	29
1.4 A biblioteca escolar como disseminadora de múltiplos saberes.....	35
2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS	39
2.1. Campo de pesquisa: conhecendo a escola a mão cooperadora.....	42
2.2 Afinal, qual é a metodologia do trabalho?.....	45
2.3 Produção de dados: ações antes, durante e depois da revitalização	48
2.3.1 Ações de intervenção: diálogos compartilhados	48
2.3.2 Conhecendo o problema: Falta um espaço, livros ou ações?	49
2.3.3 Um acervo sem uso: livros empoeirados e encaixotados gritam por socorro.	52
2.3.4 Educação e reflexão: Ouvindo a voz da Universidade.	54
2.3.5 Oficina de leitura: Ouvindo a voz da comunidade	55
2.3.6 I Show Literário da AMC: Compartilhando e colhendo ideias	59
2.4 Uma biblioteca renasce dos entulhos	61
2.5 Inauguração da biblioteca willian gabriel.....	67
2.6 A nova cara da biblioteca: seria agora a “ideal”?	69
2.6.1 Arquitetura	70
2.6.2 O Acervo	72
2.6.3 Atendimento	76
2.6.3.1 Planejamento de atividades para a biblioteca	80
2.6.4 Atividades	81
2.7 Desenvolvendo as estratégias elaboradas para o 1º semestre de 2019	83
2.7.1 Conhecendo o autor – 4º ano, Ana Maria Machado	83
2.7.2 Projeto do dia da poesia: “I Festival Poético AMC”	85
2.7.3 Programação do Dia Mundial do livro	88
3 REFLEXÃO SOBRE AVANÇOS E OBSTÁCULOS: ANALISANDO OS RESULTADOS	91
3.1 Uma visão fictícia de uma realidade emergencial.....	91
3.2 Dificuldades enfrentadas e avanços.....	93

3.3 Análises dos “personagens”	94
3.3.1 A escola	94
3.3.2 A família	99
3.3.3 Alunos	101
3.3.4 Poder Municipal	104
3.4 Experiências na biblioteca willian gabriel	107
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	115
ANEXO A	Erro! Indicador não definido.
ANEXO B	118
ANEXO C	119

INTRODUÇÃO

Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda à sua vocação de ser humano.

(TODOROV, 2014)

A minha paixão pela leitura foi despertada na infância, quando eu visitava uma amiga que era apaixonada por livros. Sua casa era como uma biblioteca, não tinha TV, nem internet, mas existia ali um universo admirável de livros. As visitas a sua casa eram sempre recheadas de leituras.

Como não tinha em casa essa influência de ler livros e na biblioteca da escola não havia muitas novidades, passei a frequentar a casa da amiga com mais assiduidade. Assim, conheci Agatha Christie e Sidney Sheldon, por meio dos quais me deparei com tramas de suspense e mistério do romance policial; conheci, ainda, Machado de Assis, Clarice Lispector e Kafka, cujas narrativas densas me mostraram que a literatura estava além da ficção. Difícil citar tantos livros e histórias que me encantaram no decorrer da minha vida de leitora, tão presentes na minha infância e adolescência por todo o período na escola (como aluna), e presentes, mais ainda, em meu trabalho nos dias atuais, como professora.

Como docente, o trabalho com a leitura sempre me inquietou. Iniciei a atividade como professora aos 20 anos de idade e já sabia que aquela seria a minha profissão. Graduei-me em Letras, por escolha e afinidade. Foi a partir de então que tive a certeza da necessidade de conhecer mais sobre os autores da literatura universal. No meu processo de formação tive contato com muitas leituras, com muitos gêneros, literário e não literários. Ao adentrar a realidade da escola pública, como docente, constatei que os alunos não eram instigados a ler e que as escolas não possuíam bibliotecas que oportunizassem o contato dos alunos com a cultura letrada, especialmente das grandes obras. O que se via eram ações esporádicas de atividades de leitura, essas muitas vezes meramente pragmáticas. Eu mesma realizei muitas dessas ações, que não resolviam o problema da pouca prática de leitura na escola.

Diante disso, carreguei esta inquietação comigo por anos. Quando fui aprovada para cursar o mestrado pelo Profletras/Ufopa, percebi que era a minha oportunidade de fazer diferente. Assim, pensei e desenvolvi um projeto que colocasse a biblioteca em evidência, um espaço de leitura que permitisse o encontro de todos os personagens que fazem parte do ambiente escolar: gestor, técnico, servidor, professor, aluno e a família; um espaço que irradiasse conhecimento, que promovesse o acesso à leitura com mais facilidade, coisa que não se percebia em muitas escolas do município. Pensando nessa problemática, propus-me a desenvolver a pesquisa intitulada **O PROTAGONISMO DA BIBLIOTECA ESCOLAR: Ratificando (ou não) a importância do espaço para a promoção da cultura letrada**, com a finalidade de revitalizar uma biblioteca e torná-la centro de irradiação de leitura, por meio de ações planejadas, que atendessem às necessidades da comunidade escolar.

A intervenção aconteceu na Escola municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora, no município de Itaituba-Pará. A pesquisa tem cunho interpretativo e interventivo e tem como produto a (re) construção de uma biblioteca com acervo e equipamentos necessários à sua utilização. Isso nos remete à pergunta que norteou a pesquisa: uma biblioteca bem equipada, com acervo e equipamentos de qualidade, amparada por ações planejadas de leitura, pode se tornar um centro de disseminação de cultura letrada no âmbito escolar, e assim assumir o protagonismo na formação das pessoas?

Pressupõe-se que um espaço de leitura bem organizado, mediado por ações de leitura bem elaboradas, pode protagonizar a difusão da leitura no ambiente escolar, motivando todos os partícipes da instituição de ensino. Nesse contexto, a pesquisa pretende verificar qual o papel da biblioteca, nos moldes sugeridos, e sua relação com a escola na promoção da leitura e da cultura letrada. Pretende verificar, ainda, se após a intervenção a biblioteca assume uma posição de protagonista ou permanece como coadjuvante nas ações de ler.

Esse estudo está vinculado a uma linha de pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), por meio do Grupo de Pesquisa, Estudo e Intervenção em Leitura, Escrita e Literatura na Escola (Lelit) que tem tratado do assunto na região Oeste do Pará.

Para a concretização da presente pesquisa, seguimos um percurso investigativo que se consolidou em leituras bibliográficas que tratam da importância da leitura, da biblioteca no espaço escolar e da literatura para a formação humana. Dessa forma, este trabalho está embasado principalmente nos estudos de Britto (2012; 2015; 2016), Bértolo (2014), Candido (2011), Colomer (2017), Milanesi (1983; 2013), Moraes (1979), Santos (2016) e Silva (1988; 2003). Trata-se de uma investigação qualitativa com uma proposta de intervenção, seguindo o

modelo de Minayo (2009) e Moreira (2011) desenvolvida em três fases: exploratória, trabalho de campo e análise do material empírico.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro apresenta o embasamento teórico imprescindível à realização da pesquisa e pondera sobre a importância da leitura, bem como sobre a origem, avanços e declínios da biblioteca escolar.

O segundo capítulo apresenta a metodologia que norteou a pesquisa: tipo, descrição do contexto escolar, dos sujeitos participantes, da produção dos dados e composição do *corpus*.

E o terceiro capítulo destina-se à análise dos dados e às experiências dos personagens envolvidos com o objeto produzido: a biblioteca. Reflete-se sobre os resultados e os impactos mais importantes. Além disso, faz-se a retomada da pergunta da pesquisa e as considerações finais.

1 LEITURA, ESCOLA E BIBLIOTECA

A eficiência da biblioteca escolar depende não da forma de oferta de texto, mas do quanto a comunidade escolar aprofunda o projeto de formação e o transforma em ações e espaços que o tornem viável, do quanto prevê ações de estudo e de partilha de conhecimento e de experiências a partir da atividade orgânica de estudar, de ler e de procurar organizar informação para pensar e intervir no mundo.

(BRITTO, 2012)

1.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO HUMANA

Do latim *lectura*, a palavra “leitura” significa eleição, escolha. Ler é uma experiência pessoal e pode ser assinalada como decodificação de signos linguísticos e processo de concepção em que o leitor dá sentido a esses códigos. A leitura é uma das práticas sociais de suma importância no desenvolvimento da cognição e proporciona o desenvolvimento do intelecto e da imaginação, além de promover aquisição de conhecimentos sociais e pessoais.

Ler é uma palavra morfológicamente pequena, mas semanticamente enorme; um verbo pequeno que indica uma ação ampla, e está repleto de significados. De acordo com Fisher (2006), a leitura sempre foi diferente da escrita, visto que uma prioriza o som e a outra, os sinais representativos. Ainda de acordo com o autor, a definição de leitura sempre sofrerá alterações, pois ela está sempre em constante processo de expansão, e assim como qualquer outra competência humana, ela é um indicador do avanço da própria humanidade. Contudo, constata-se que a leitura deve ter um significado para o leitor, ela engloba um conjunto de conhecimentos relevantes para a compreensão do texto e do mundo, o processo não acontece da mesma maneira com todas as pessoas.

A “interpretação” dos textos é uma das chaves essenciais da leitura, não basta ler ou decodificar os códigos linguísticos, faz-se necessário compreender e interpretar essa leitura, aprender a ler com diferentes intenções para alcançar objetivos diversos. Partindo dessa premissa, de acordo com Colomer (2007):

Pode-se pensar que a suposição de ler é algo gratuito, mistura-se, talvez paradoxalmente, com a ideia humanista da leitura; mas é evidente que se situamos a justificativa escolar da leitura no prazer alguns efeitos perversos se produzem; por exemplo, a ideia de que “a literatura”, considerada como um todo indivisível, não pode ser ensinada, pode-se unicamente propiciar o contágio (p. 43).

Para alguns autores, como Britto (2015), a leitura é uma atividade necessária, apesar de ser cansativa, dolorosa e exigir muito esforço, o ato de ler não é uma atividade qualquer, ela exige do sujeito leito empenho e objetivos específicos. Nesta mesma esteira, Bértolo (2014, p. 48) faz a seguinte ponderação:

Ler um texto não é uma tarefa simples, requer competência. Requer atenção, memória, concentração, capacidade de relação e associação, visão espacial, certo domínio do léxico e sintático da língua, conhecimento dos códigos narrativos, paciência, imaginação, pensamento lógico, capacidade para formular hipóteses e construir expectativas, tempo e trabalho. Um texto é um *constructo* que é preciso desconstruir e reconstruir e isso exige esforço, embora não signifique que seja isento de prazer.

Se por um lado os estudiosos reconhecem que ler não é tarefa fácil, por outro reconhecem que a leitura é uma necessidade basilar humana, “nenhum ecrã e nenhuma tecnologia conseguirão suprimir a necessidade tradicional da leitura” (ECO, 1993).

Assim como a atividade de ler não se constitui em tarefa simples, definir leitura também não é, uma vez que a leitura vai além da simples união do som com o grafema, entendida, portanto, como uma competência que acompanha o próprio desenvolvimento humano.

O ato de ler é variável, não absoluto. Em sua definição moderna mais ampla, a leitura é, como se sabe, “a capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos”. O leitor “emprega os símbolos para orientar a recuperação de informações de sua memória e, em seguida, cria, com essas informações, uma interpretação plausível da mensagem do escritor”. (...) Mas recentemente, inclui também a extração de informações codificadas de uma tela eletrônica. E a definição de leitura continuará, por certo, a se expandir no futuro porque, assim como qualquer outra aptidão, ela também é um indicador do avanço da própria humanidade (FISCHER, 2006, p. 11).

A leitura acompanha o homem em seu processo de desenvolvimento. Sem descartar a leitura de textos impressos em papel (livros, jornais, etc.), o homem, acompanhando a evolução tecnológica, passou a ler também em outros suportes de textos oferecidos pelas novas tecnologias midiáticas: sites de relacionamento, sites de pesquisa, sites de entretenimentos, entre outros, a Tv que fazem uso do hipertexto¹. Há, nesse processo, uma intrínseca relação entre evolução e leitura, em que a segunda proporciona ao indivíduo acesso a informações e ao conhecimento e, como diz a máxima “Conhecimento é poder”. Vale dizer, então, que a leitura sempre foi circundada pelo poder. Desde os primórdios, sua utilização foi dominada pelas classes dominantes e pelo contexto social, cultural, religioso e político. Ainda hoje, o acesso à leitura se apresenta como prática restrita.

¹ Hipertexto é o termo que remete a um texto ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas, no meio digital denominadas hiperligações.

Nas sociedades contemporâneas, a leitura assume papel importantíssimo no desenvolvimento cultural, científico e político. Ler e conhecer a produção intelectual da humanidade é uma das formas de resistir à dominação dentro da dinâmica das classes na sociedade capitalista. Para Freire (1989, p. 9), a leitura é um processo “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”, por isso, fala da “palavra mundo”. O autor ensina que “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra”, portanto, a primeira corrobora para a aquisição da segunda, possibilitando a construção de significados e colaborando para a formação do leitor cidadão, consciente e reflexivo, que interage com o outro e com contextos distintos, capaz de perceber o seu papel na sociedade.

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1989, p. 13).

Dessa forma, a leitura não tem apenas a função de entreter, de ocupar o tempo livre, exerce funções informativas e formativas que podem não ser agradáveis, mas são essenciais no processo educativo, porque orientam a prática pedagógica, por isso é necessário que a leitura seja orientada no primeiro momento e se desenvolva de acordo com os interesses e motivações de quem lê, e só assim se descobre a verdadeira função da leitura, formar sujeitos mais conscientes e reflexivos.

Pela importância que tem na formação humana, a leitura não pode ser vista como um objeto de consumo, tal qual o mercado capitalista vê, uma vez que transforma a leitura num ramo de negócio, numa fonte de renda. Isso é visível em diversas campanhas que têm sido desenvolvidas com o propósito de promover, estimular ou propagar a leitura. Campanhas que nem sempre têm a real intenção de levar a ler, mas que, disfarçadamente, tem única intenção de vender um produto, o livro. Além disso, há a produção massiva de livros para públicos específicos, moldando, de certa forma, um mercado consumidor próspero. Nesses casos, a leitura é tomada por outros ângulos que não se relacionam a sua essência nem à fruição.

A base teórica que orienta o estudo ora exposto vai de encontro à visão supracitada de leitura que o mercado capitalista vem assumindo. Com ênfase na fruição, admitimos o ato de ler como algo entrelaçado a questões culturais, familiares, sociais e pessoais e, por esse

prisma, pensa-se em como as raízes culturais estabelecem as relações, como interagem com os conhecimentos adquiridos, suas crenças, valores e costumes.

Um fator importante a ser destacado nessa discussão refere-se ao acesso das pessoas à cultura escrita, pois muitas crianças e até mesmo adultos só conseguem ter os livros em mãos no ambiente escolar por diversos motivos, seja financeiro, por não ter a cultura de ler, ou por falta de incentivo. O fato é que na região onde esta pesquisa foi realizada, Oeste do Pará, grande parte da população está distante das bibliotecas e, conseqüentemente, dos livros, porque um número significativo das escolas não tem esse espaço pedagógico tão importante, e quando o têm nem sempre o utilizam modo a determinar o sucesso do entendimento do que se lê. Para Santos (2016, p. 48):

Em muitas comunidades brasileiras, a vivência com material impresso e a realização de práticas de leitura sistemáticas ocorrem quase que exclusivamente no espaço escolar. Daí a necessidade de o professor conhecer as práticas de leitura e entender que os sentidos da leitura estão relacionados aos aspectos socioculturais da comunidade de leitores, reconhecendo que os sentidos e as interpretações variam no tempo histórico e que, por isso, um texto terá inevitavelmente significados diferentes em contextos sociais diferentes, da mesma forma que a identidade de uma comunidade de leitores será o que determina o valor e as formas de leitura de um livro.

A formação de leitor também é tarefa árdua e exige esforço de professores, pais, encarregados de educação e todos aqueles que participam no processo educativo. A criação de hábitos de leitura é um processo demorado e demanda atividade regular e continuada. Entretanto, a maioria dos professores pouco incentiva seus alunos, justamente por ser uma atividade que demanda tempo e preparo. Para mudar este quadro, é preciso que os professores ampliem seu universo de leitura, indo além da leitura profissional e se aproximando do tipo de leitura dos alunos. E, a partir daí, estimular os alunos com atividades diversificadas, como leitura compartilhada, encontros literários, feiras de leitura, momento do conto, crônica, poema e demais gêneros, para que adquiram o hábito da leitura e não leiam apenas para cumprir atividade avaliativa. Estas são opções que requerem tempo, preparo, dedicação e condições para serem realizadas:

Quando o aluno começa a ler é seletivo, pois ignora partes não relevantes para seu objetivo de leitura ou rele informações que são importantes ou difíceis de entender. Nessa etapa, denominada de “durante a leitura”, algumas estratégias são colocadas em ação. Às vezes, o leitor nota ou interrompe a leitura para refletir sobre o que leu. Em outros momentos, prevê o que vai acontecer. Isto significa que a hipótese inicial sobre o que haveria no texto, baseada no conhecimento prévio do aluno, pode ser reavaliada e atualizada, conforme ele inicia a compreensão daquilo que lê (GIROTTI; SOUZA, 2010, p. 50-51).

Por isso, um profissional preparado, capaz de motivar e envolver alunos, professores, pais e encarregados da educação, da promoção da leitura e fazer com que todos cheguem à conclusão de que a leitura poderá ser a resposta para que os alunos obtenham melhores resultados escolares, talvez seja a chave motivadora. Esses resultados demonstram que a leitura é um bem e faz parte do desenvolvimento humano, portanto, é um direito que deve ser assegurado a todos.

De acordo com Bértolo (2014), existem quatro níveis de leitura: *textual*, correspondendo a decifrar texto narrativo enquanto código linguístico; o *autobiográfico*, que consiste na narrativa do “eu”, quando o sujeito leitor se vê como protagonista do que lê; o *metaliterário*, que exige do leitor outras referências literárias, um tipo de leitura que exige do sujeito um arquivo pessoal de leitura; e por fim, o *ideológico*, aquele que cada leitor faz dessa narração inabarcável em que se vê como sujeito social. O educador deve conhecer esses quatro níveis para proporcionar aos alunos a possibilidade de compreensão do texto, não somente por meio da leitura textual, mas que possa desenvolver cada fase de forma natural. Dessa maneira, poderá proporcionar ao educando não só o contato com os livros, mas também explorar a leitura, ultrapassar níveis superficiais de interpretação do texto.

Para Petit (2017, p. 38):

Ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que “lê” o leitor, de certo modo ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. As palavras do texto constituem o leitor, lhe dão lugar.

Nesse sentido, a escolha do tipo de leitura tende a ser subjetiva quando o sujeito tem a capacidade de eleger o que ler. Dar ao aluno a liberdade de fazer as suas escolhas, em optar por ler determinado livro, percorrer as prateleiras para encontrar o que lhe agrada, o que lhe chama a atenção, são atitudes relevantes nas ações de levar a ler, nas quais ele evidencia e seleciona o tipo de leitura a se fazer. Há, assim, o leitor-ouvinte aquele que escuta com os outros, não podendo dar por si próprio o poder e significado da palavra, é a leitura compartilhada. “O leitor-ouvinte procura nas palavras o comum, aquilo que os outros também ouvem, o que escuta a comunidade” (BERTÓLO, 2014, p. 33). Quem lê, procura identificar-se não só com o que lê, mas também com quem lê. Segundo este autor, a mudança desse tipo de leitura é visível quando aparece a leitura silenciosa, o leitor silencioso, a leitura solitária. O leitor silencioso é aquele que procura mais, que tende a escolher suas próprias palavras, procura liberdade, a sua liberdade particular, para assim sua leitura se tornar livre.

O leitor silencioso tem ao seu alcance a possibilidade (e os riscos) de acreditar que é ele – somente ele – quem dá vida às palavras do texto, e a possibilidade (e os riscos) de pensar que essas palavras estão escritas somente (ele). Em outras palavras o leitor silencioso pode chegar a imaginar que ele é o proprietário do texto (BÉRTOLO, 2014, p. 34).

A leitura silenciosa é importante pra que o leitor possa conhecer o texto e a si, porém, é perigosa. O perigo consiste na falta de amadurecimento do leitor, por isso é importante que ele tenha variadas experiências de leitura para que compreenda o que lê, sabendo fazer escolhas e, o mais importante, refletindo sobre elas. Langlade (2014) considera o leitor subjetivo aquele capaz de sentir o que um texto diz, as suas reações subjetivas, ao invés de excluir as sensações do texto lido, na verdade ele estará catalisando da leitura um trajeto interpretativo até sua dimensão reflexiva.

1.2 LITERATURA: LEITURA E HUMANIZAÇÃO

As discussões sobre leitura têm sido acompanhadas pela importância da literatura para o ser humano. Dentro desse contexto, cabe destacar como a literatura age na constituição da pessoa no sentido de formar o caráter, moldar os comportamentos e tornar os seres mais humanos ao experimentar situações fictícias presenciadas nos livros. Contudo, nem todos têm a oportunidade de vivenciar tais experiências. Vale ressaltar que o acesso à literatura é um direito que precisa ser desfrutado por todos, quando não se exerce esse direito, a humanidade sofre um dano irreversível:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos pensamentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 2004, p. 186).

Candido (2004) demonstra a imagem de que um homem sem literatura é um ser inacabado, incompleto, “imperfeito”. A literatura completa o homem, que o integra e o torna humano no sentido mais intenso da palavra. A literatura humaniza, propicia ao homem conhecer a sua essência, conhecer a si e ao outro como membros de uma espécie. Com o mesmo raciocínio, Todorov (2014, p. 77) ressalta os poderes mais profundos que se pode encontrar na literatura enquanto ser humano:

Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. A realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente (mas, ao mesmo tempo, nada é assim tão complexo), a experiência humana. Nesse sentido, pode-se dizer que Dante ou Cervantes nos

ensinam tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos e psicólogos e que não há incompatibilidade entre o primeiro saber e o segundo.

A literatura tem o poder de fazer o sujeito viver experiências singulares. O conhecimento adquirido através do texto literário, assim como as ciências, faz parte do processo de autoconhecimento do homem, pois contribuem no processo de sua construção.

Nessa perspectiva, o leitor assume lugar determinante na discussão sobre leitura e aparece como um sujeito que se coloca diante de mundo em épocas distintas e de formas diferentes. Entre os escritores que dão destaque para a importância do papel do leitor, na construção de si e do outro, evidencia-se Cervantes, em *Dom Quixote* (1605), Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Markus Zusak, em *A menina que roubava livros* (2005) e José Lins do Rego, em *Doidinho*, romance autobiográfico que narra sua vivência em um internato no início do século, registra momentos de angústia ao ler para o professor as lições do livro escolar, mas, apesar do sofrimento que marcou, no geral, sua relação com os objetos de leitura escolares, o futuro escritor confessa a ampliação de horizontes proporcionada por eles, fazendo-o conhecer outros mundos e a relativizar o seu.

Ressalta-se também que, em alguns casos, a leitura provoca prazer, apesar das práticas escolares não terem essa intenção e, de modo geral, a relação entre leitura e prazer ser vista como danosa. Ler poemas e romances, de acordo com Todorov (2014), não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sim sobre as noções críticas tradicionais ou modernas. O autor cita, também, que a leitura tem ocupado posição de âncora para se falar de outros assuntos avesso do que falam as obras em si. Muitas vezes é utilizada para dar lições de moral, para castigar alunos indisciplinados, para trabalhar tópicos gramaticais.

Na literatura a presença de obras que trazem memórias e ao mesmo tempo reflexão é um tema recorrente. Em *Meu pé de laranja lima*, José Mauro de Vasconcelos traz uma reflexão literária sobre o caráter transformador do afeto, sua importância e os riscos de sua ausência para o bom desenvolvimento da criança, por exemplo. No seu primeiro capítulo, a descoberta da leitura das palavras de Zezé, que aos cinco anos já sabia “ler” as coisas ao seu redor. Porém, apesar de conhecer as letras e saber decifrá-las, Zezé já criava sua própria leitura de mundo, através de sua imaginação, das histórias que ouvia e das que criava, fazendo destas uma forma de amenizar as dores da vida. O que chama a atenção nessa passagem da obra é a leitura no *status* social, já que o menino associava o ato de ler a ter destaque social, quando diz que os poetas sempre usavam gravatas, porém a sua descoberta precoce da leitura o faz ser visto por todos como diferente e genial.

Para Santos (2016, p. 18), “ler literatura é um valor positivo para elevar espiritualmente o homem e ajudar a perceber o seu existir em uma sociedade de classes”. A leitura de literatura tem o poder de acrescentar, a quem lê, verdades, dúvidas, alegria, sofrimento, reflexão, faz parte do processo de autoconhecimento humano e o ajuda a se encontrar no mundo, entendê-lo e compreender seu mundo interior. A leitura pode ser considerada como prática social e as condições de sua possibilidade objetiva (SANTOS, 2016).

Diante desse panorama, um dos questionamentos dos professores é saber as formas de promover a leitura de literatura na escola, até que a formação de leitores realize-se de forma que leve o leitor a ter liberdade sobre o que lê. Conforme Eco (2011), os grandes livros contribuem para formar o mundo e, conseqüentemente, para transformar o homem, a leitura de literatura faz parte dos conhecimentos essenciais para constituição educacional e humana do ser, para a sua construção como ser sensível à própria vida, que necessita da subjetividade do eu e do outro. Essas questões podem ser encontradas nos textos literários, porque estes contribuem para a transformação do homem e à reflexão, possibilitando ao homem ser livre para escolher seus caminhos, consciente das conseqüências deles:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidado para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso (TODOROV, 2014, p. 76).

Desse modo, de acordo com o autor, quando a leitura do texto foge ao pragmático, permite ao leitor a transformação de modo que vá para além do óbvio. A leitura de literatura tem o poder de levar o homem a refletir sobre si mesmo e sobre o que o cerca, evidenciando sua condição de ser reflexivo, é nesse ponto que ela humaniza. Através da leitura, o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, explorá-lo, decifrar os sentimentos e emoções que o rodeia e acrescentar vida ao sabor da existência, pode vivenciar experiências que propiciem e solidifiquem conhecimentos significativos de seu processo pessoal e social.

O hábito de leitura depende, também, de outros elos no processo de educação. Britto (2016) esclarece que a leitura literária se supõe irresponsável, mas não no sentido do esquecimento de si e dos problemas da vida para poder continuar vivendo naturalmente, a leitura do texto literário proporciona, a quem ler, inquietações, que são a condução de

inovação da vida. Seria um processo contínuo de mudanças que, ao mesmo tempo que incomoda, conforta.

Na escola, a leitura de literatura tornou-se tarefa enfadonha, assim cita Zilberman (2003, p. 55) “o ler transformou-se em instrumento de ilustração e sinal de civilidade”. De acordo com a autora, a leitura tem se tornado parte do currículo educacional vista de forma negativa, atrelada à ideia de avaliação e doutrinação educacional. Desta maneira, está fugindo ao que de fato o ato de ler literatura deveria desempenhar na escola: despertar no estudante o novo, o desejo de querer conhecer mais, de sentir-se no texto, ou mesmo distante dele, ter a dúvida como parte do seu conhecimento, poder criticar e se posicionar. São muitas as possibilidades que a leitura de literatura pode propiciar a quem lê e a escola tem o papel de favorecê-las:

A leitura literária conduz a indagação sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação de valores postos em sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginários, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo o texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos (COSSON, 2017, p. 50).

A leitura das mais variadas formas de literatura atende demandas específicas, permite ao leitor calibrar sua leitura de acordo com suas necessidades pessoais e, na escola, a leitura é tão importante como qualquer outra disciplina, entretanto, a forma como é apresentada aos alunos deve ser cautelosa e bem planejada, pois quando é usada como ferramenta de avaliação acaba se tornando dispensável, tanto para o aluno como para o professor, toda a “liberdade” da leitura de um texto literário torna-se artificial, gerando um modelo limitado à fruição. De acordo com Zilberman (2008, p. 24), “o exercício da leitura é o ponto de partida para o cerceamento à literatura”. A escola dificilmente o estimulou, a não ser quando condicionado a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática.

Cabe à escola proporcionar caminhos para que o aluno veja a leitura como atividade de autoconhecimento e necessidade, não só para a sua vida escolar, mas também para as experiências de mundo, que ela não seja imperativa e tediosa:

Para que a leitura cumpra o papel que precisa cumprir na vida dos alunos, a escola não pode ter como padrão uma leitura mecânica e desestimulante. Ao contrário. A escola pode e precisa tornar seus alunos capazes de uma leitura abrangente, crítica, inventiva. Só assim os livros farão sentido na vida deles. E só assim a escola estará

ensinando seus alunos a usarem leitura e livros para viverem melhor. Por isso, a organização de um projeto de leitura para a escola é fundamental (LAJOLO, 2005, p. 14).

A função da leitura na escola, portanto, está além da sala de aula, os reflexos podem proporcionar meios para o homem enfrentar os desafios da vida, permitindo investigar as influências dos fatores socioculturais relacionados à estrutura social, aos valores e ideologias às técnicas comunicativas. Essas influências podem ser detectadas pela posição social do sujeito leitor, bem como em sua forma e conteúdo e na sua produção e circulação.

A leitura envolve processos específicos que devem ser socializados e explicitados, as dificuldades sempre existirão, porém não devem ser usadas como obstáculos e justificativa para a pouca prática de leitura no ambiente escolar. As ações precisam ser adequadas de acordo com a realidade, e, apesar de não ser tarefa fácil, são muitos os fatores que precisam ser levados em consideração. Assim:

Nessas circunstâncias, ser leitor depende de diversos fatores que estão além do interesse ou gosto pela leitura: são necessárias condições objetivas (tempo e recursos materiais) e, principalmente, subjetivas (formação, disposição pessoal), as quais estão desigualmente distribuídas na sociedade de classes. Os processos de compreensão e busca do conhecimento estão relacionados mais com formas de acesso à cultura do que com métodos e aos programas de formação (BRITTO, 2012, p. 42).

Pensar nas condições de formar leitores é delicado, como explica Britto (2012), envolve questões objetivas e subjetivas. Tais condições se configuram no cotidiano escolar, como falta de livros, de locais adequados para os livros, de preparo do professor para desenvolver atividade de fruição do texto literário, de falta de entendimento da comunidade escolar com relação ao lugar do livro e da literatura na constituição do ser humano. O papel da leitura na escola é colaborar para a educação democrática, alcançada por meio de atividades que levem o educando ao senso de responsabilidade, cidadania e autoconhecimento, o que já significa um grande passo quando se trata de leitura, de refletir com consciência a função social e humana.

Ainda para a realização desse papel, a leitura de literatura deve fazer parte do currículo. Conforme Santos (2016), ler literatura não é apenas ler enredo, é, acima de tudo, compreender a obra de arte como reflexo do ser humano, é relevante levar em consideração seu conhecimento de mundo, que faz parte do desenvolvimento pessoal e social do indivíduo. Ler o texto literário é um dos caminhos que pode levar a criança ou o jovem a ler outros tipos de textos.

Todo estudante é um leitor, antes de ser iniciado ao ensino da literatura; “formá-lo”, portanto, significa antes de tudo: dar condições para ele descobrir que sua convivência com o texto e a escrita antecede sua relação com uma instituição reconhecida e legitimada pela sociedade a que chamamos literatura; está presente em boa parte dos momentos de sua vida; e, talvez, por ser destituída de mistérios e sacralidade, trata-se de uma atividade boa e agradável (SILVA, 2008, p. 52).

Fazer-se leitor não é, portanto, tarefa fácil, exige enxergar além do explícito no texto. Assim, a literatura é indispensável na escola, porque confere a quem lê verdades reais e irreais, principalmente nos dias hodiernos, em que as inovações tecnológicas tão atrativas tendem a afastar cada vez mais os alunos dos livros impressos. Dispositivos como celulares, computadores, videogames e TV, bem como o acesso restrito à leitura, no núcleo familiar, e a “falta de incentivo”, têm ocasionado pouco interesse pela leitura, inclusive da literária. E, por isso, dificuldades marcantes são sentidas na escola, tanto no desenvolvimento da escrita quanto no comportamental. Dessa forma, a leitura vem sendo substituída pela ociosidade e, algumas vezes, é percebida sem muita importância:

Os estudos sobre história educativa demonstram que os professores sempre se inclinaram para os textos informativos, considerando-os fáceis de entender e de controlar ante as sutilezas das leituras literárias. Sua crença era compartilhada pelos pais de amplos setores sociais, que pensavam que seus filhos não podiam perder tempo em divagações. Então, como agora em tantas regiões pouco alfabetizadas, a literatura foi vista como um luxo supérfluo, algo próprio das elites sociais e abissalmente distanciado das necessidades da maioria da população, que devia aprender a linguagem escrita o mais rápido depressa possível para poder começar a ganhar a vida (COLOMER, 2007, p. 35).

De acordo com a autora, a leitura permite ao leitor vivenciar experiências que propiciem e solidifiquem os conhecimentos de seu processo de aprendizagem. O hábito de leitura está associado a outros elos no processo de educação. Sem ler o aluno não sabe pesquisar, resumir, resgatar a ideia principal do texto, analisar, criticar, julgar, posicionar-se. A leitura de literatura deve despertar o desejo do novo e a reflexão do antigo. O equilíbrio entre os dois só o texto literário pode proporcionar, e, para isso acontecer, é imprescindível a fuga do pragmático.

A leitura não é vista como atividade que tem como objetivo fazer do texto um instrumento de prazer. Para Barthes (2015, p. 20), “o texto de prazer é aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela e está ligado a uma prática confortável da leitura”. A ponderação do autor se enquadra na proposta de que a leitura deva contribuir para que o leitor possa romper com modelos padrões. É mais viável que, principalmente, aqueles que estão adentrando no universo do texto, tenham a oportunidade de

compreender que, ao ler um texto, possam usufruir de algo mais além do que o conforto e a calma.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. O leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1999, p. 77).

Para Fischer (2006, p. 284-285), a leitura, mesmo sendo atividade de liberdade, sofre restrições condicionadas a questões culturais e religiosas e quando isso acontece, a leitura não contribui para a reflexão. Ler nessas condições impede que o sujeito leitor compreenda o quanto pessoal ela é. Citando Kafka, Fischer (2006) demonstra como a leitura contribui para a formação humana:

De modo geral, acho que devemos ler apenas os livros que nos cortam e nos ferem. Se o livro que estivemos lendo não nos despertar como um golpe na cabeça, para que perder tempo lendo-o, afinal de contas? Para que nos faça feliz, como você escreveu? Meu Deus, poderíamos ser tão felizes assim se nem tivéssemos livros; livros que nos alegam, nós mesmos também poderíamos escrever num estalar de dedos. Precisamos, na verdade, de livros que nos toquem como um doloroso infortúnio, como a morte de alguém que amamos mais do que a nós mesmos, que nos façam sentir como se tivéssemos sido expulsos do convívio para as florestas, distantes de qualquer presença humana, como um suicídio. Um livro tem de ser o machado que rompe o oceano congelado que habita dentro de nós. (FISCHER, 2006, p. 285 *apud* KAFKA, 1883-1924).

As palavras de Fischer entrelaçadas às de Kafka nos mostram como o exercício da leitura, principalmente do literário, tem o “poder” de tocar quem lê. Através da leitura é possível avançar degraus significativos, ler abrange questões que vão além do superficial, como aborda Silva (2008, p. 28), “há de se ler literatura para romper o silêncio, desentrevando, azeitando e retroalimentando os sentimentos e a inteligência do mundo”. A leitura não serve mais como fuga, mas sim como encontro.

1.3 A BIBLIOTECA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A PROMOÇÃO DA LEITURA

Diante das explanações conceituais sobre leitura e literatura e a relação com a formação humana, destacamos nesta subseção a biblioteca escolar e sua relação com a promoção da leitura. Biblioteca (do grego βιβλιοθήκη, composto de βιβλίον, "livro", e θήκη "depósito"), na definição tradicional do termo, é um espaço físico em que se guardam livros. As primeiras bibliotecas surgiram na antiguidade clássica, a mais antiga foi de Alexandria², que reunia a maior coleção de manuscritos do mundo antigo, cerca de 500.000 volumes, foi fundada por Ptolomeu I Sóter³, rei do Egito, e os eruditos encarregados da biblioteca eram considerados os homens mais capazes de Alexandria na época, como Zenódoto de Éfeso⁴ e o poeta Calímaco⁵, que fez o primeiro catálogo geral dos livros. A história da biblioteca é muito longa, cheia de avanços e regressos. Numa classificação geral, as bibliotecas dividem-se em: pública, infantil, universitária, nacional, comunitária e escolar. Interessa-nos, nesse estudo, as bibliotecas escolares, as quais tiveram seu surgimento na França, após muitas reformas e mudanças sociais, com adequações e inúmeras transformações:

As bibliotecas escolares parecem, efetivamente, então, ter-se desenvolvido, de maneira contínua, entre o Segundo Império⁶ e a *Belle Époque*⁷, tentando, não sem dificuldades, conjugar sua dupla finalidade de serem bibliotecas de sala de aula e bibliotecas de empréstimos destinados aos familiares dos alunos. A Grande Guerra não lhes foi fatal, já que a instituição é relançada em 1915 (HÉBRARD, 2009, p. 17).

A trajetória da biblioteca e da leitura perpassa por questões conflituosas, mesmo assim, ela tem resistido e ressurgido em meio a mudanças e adequações a dualidade em sua função, funcionando ora como sala de aula, ora como disseminadora da leitura.

²A Biblioteca de *Alexandria* foi uma das mais célebres bibliotecas da história e um dos maiores centros do saber da Antiguidade. Ficava situada na região portuária da cidade de *Alexandria*, no Egito. Nasceu durante o período helenístico, tendo como propósito refletir os valores de sua época.

³Ptolomeu I Sóter foi um general macedônio de Alexandre, o Grande que se tornou sátrapa do Egito de 323 a.C. a 283 a.C., fundando a Dinastia Ptolemaica.

⁴*Zenódoto*. (325-234). *Zenódoto de Éfeso* foi o primeiro bibliotecário da grande biblioteca de Alexandria. Foi editor cuidadoso da *Ilíada* e da *Odisseia* e fundador da crítica homérica, considerado em Suídas como o primeiro editor crítico (diorthotés) de Homero.

⁵Calímaco, foi um poeta, bibliotecário, gramático e mitógrafo grego.

⁶O Segundo Império francês foi o regime monárquico bonapartista implantado por Napoleão III de 1852 a 1870, entre os períodos históricos da Segunda República e da Terceira República, na França.

⁷*Belle Époque* é um período da história francesa marcado pela paz e harmonia territorial, com os avanços artísticos e tecnológicos em fase latente. A *Belle Époque* ("bela época", em português) deve ser compreendida como um estado de espírito do povo francês, que começou em meados do século XIX e terminou com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Com o surgimento de algumas tecnologias, como o cinema e o telefone, por exemplo, a *Belle Époque* se caracterizou como a "era de ouro" para a sociedade francesa no âmbito cultural e científico. Assim, a França transformou-se em referência mundial em educação, ciência e arte, sendo a capital Paris o "coração" da *Belle Époque* Mundial.

Em nosso país, a história da biblioteca se confunde com a história da colonização, já que muitos dos livros que chegavam ao Brasil eram de cunho religioso, vários passavam por intensa vistoria, pois não poderiam conter assuntos obscenos ou heréticos, de acordo com Milanesi (1983). A primeira biblioteca escolar, no Brasil, surgiu no período colonial com a obrigação de catequização dos indígenas. Os jesuítas necessitavam de material para ensinar e aprender, e a fé católica era o tema fundamental desse processo:

Os jesuítas sempre enriqueceram suas livrarias não somente por causa de suas necessidades pessoais, mas, principalmente, pelas responsabilidades que tinham nos seus seminários e colégios, onde recebiam alunos para o aprendizado desde as primeiras letras até cursos de filosofias, que se equiparavam a verdadeiras faculdades. As bibliotecas dos jesuítas não ficavam abertas só para os alunos e padres, mas para qualquer pessoa que fizesse o pedido competente. Elas tinham, por conseguinte, acervos de nível universitário, abrangendo os mais vários conhecimentos (MORAES, 1979, p. 402).

As bibliotecas, mesmo tendo como função principal compor o acervo, que tinha como objetivo colaborar para a catequização dos indígenas, eram compostas também por obras de conhecimento. Com a expulsão da Companhia de Jesus, as bibliotecas dos jesuítas sofreram grande perda, quase todo o acervo foi destruído e obras importantíssimas viraram embrulho para cosméticos (MORAES, 1979).

Foi dada pouca importância aos livros e às bibliotecas, que eram patrimônios nacionais, diferente da França que, mesmo passando por grandes conflitos, conseguiu reconstruir suas bibliotecas, ressaltando sua importância para a formação dos indivíduos; no Brasil, mesmo os livros ocupando posição de grande importância no momento de dominação social, foram descartados.

Segundo Milanesi (1983), só após a independência do Brasil que novos projetos surgiram no espaço nacional, fundaram-se jornais e, juntamente com eles, implantaram-se as tipografias, que contribuíram para a difusão de novas ideias. Em seguida, novas bibliotecas surgiram. Os folhetos também apareceram nesse período:

É um novo tempo para o pensamento no Brasil. Abrem-se escolas, criam-se jornais, circulam ideias. O livro tem o campo de penetração ampliado. O cerceamento é menor à literatura, a população passou a ter o acesso a ela facilitado. Além da biblioteca Pública da Bahia (1811) e da Biblioteca Imperial e Pública do Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional), incorporada ao patrimônio do estado em 1825, novas foram criadas: Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, uma junção das bibliotecas da Cúria e do Mosteiro de São Paulo Francisco, compradas com o objetivo de servir a uma futura universidade paulista. Em 1837, fundou-se outra biblioteca pública no Rio de Janeiro: a do Real Gabinete Português de Leitura. Progressivamente, outras foram criadas ampliando as possibilidades de acesso ao livro (MILANESI, 1979, p. 30-31).

O advento de várias bibliotecas após a independência não favoreceu a população, basicamente analfabeta. Ninguém lia neste começo de século, com exceção dos padres, os bacharéis e alguns estudantes.

O nascimento da biblioteca teve sua origem no Brasil ancorada em outras questões que nada tinha a ver com formar leitores, em vez disso, as ações de leitura estavam ligadas às questões políticas, o objetivo era dominar o mais fraco através da cultura letrada, função exercida indiretamente pelos religiosos.

De acordo com Paulo Freire (1989), não é possível pensar em educação desassociando-a do poder. A leitura representa um ato de poder. Ensinar a população pobre a ler significava dar poder a ela e este não era o objetivo. Desta forma, na pirâmide que engloba a leitura, quem está na base não faz parte do mesmo universo letrado de quem está no topo.

É impossível pensar em biblioteca hoje sem que se considere a liberdade de acesso à informação como um direito humano. E ainda: que essa liberdade seja uma das condições básicas para o exercício do pensamento criador. A biblioteca oferece segmento do pensamento humano registrado, esse conhecimento humano acumulado em milênios, construído conflitivamente (MILANESI, 1979, p. 97-98).

No Brasil, a história da biblioteca escolar tem sua trajetória educacional marcada por fortes acontecimentos que determinaram sua relação com a educação nacional, sendo construída ou sendo destruída na mesma intensidade. Somente no século XX, a biblioteca escolar foi incluída nas reformas educacionais. Mas foi na década de 1930 que as reformas educacionais foram determinantes para a biblioteca escolar. “No âmbito nacional as reformas do ensino pautadas na Escola Nova realizadas por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935), legitimaram a biblioteca escolar no sistema de ensino” (EGGERT-STEINDEL; FONSECA, 2010, p. 2). Tais mudanças apresentam momentos relevantes para a história da leitura no país.

As mudanças efetuadas no campo mais amplo da Biblioteconomia combinavam-se a iniciativas de natureza mais propriamente educacional de grande visibilidade. No Rio de Janeiro, surgiram, em 1932, a Biblioteca Central de Educação (chefiada por Armando de Campos); e, em 1934, da Biblioteca Infantil (dirigida por Cecília Meireles); ambas durante a reforma educacional de Anísio Teixeira. Em São Paulo foram inauguradas, em 1931, a Biblioteca Pedagógica Central (sob responsabilidade de Achiles Raspantini); e, em 1936, a Biblioteca Infantil Municipal (a partir de 1955, denominada Biblioteca Infantil Monteiro Lobato), gerida por Lenyra Fraccaroli até sua aposentadoria em 1961. A primeira foi normatizada pela reforma Lourenço Filho; a segunda pela administração Mario de Andrade do Departamento de Cultura (VIDAL, 2014, p. 500).

A importância que as bibliotecas escolares começam a assumir nas escolas tornou-se cada vez maior. Em 1987, a Lei Nº 19-A/87 de 3 de junho, sobre as medidas de emergência

no ensino – aprendizagem da Língua Portuguesa, no artigo 4.º, reconhece finalmente a importância das bibliotecas escolares:

§1º Serão criadas bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino que ainda não as possuam e implementadas medidas no sentido de assegurar a permanente atualização e o enriquecimento bibliográfico das bibliotecas escolares.

§2º As bibliotecas escolares serão apetrechadas com os livros indispensáveis ao desenvolvimento cultural e ao ensino – aprendizagem da língua materna e adequada à idade dos alunos, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura criar as condições de acesso e de orientação dos alunos relativamente à leitura.

Em 1996, o Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Cultura decidiu criar o Programa Rede de Bibliotecas Escolares, tendo como objetivo a instalação de bibliotecas escolares nas escolas de todos os níveis de ensino. Porém, essas medidas não garantiram a implementação das bibliotecas como ditava o documento oficial.

Os problemas relacionados à leitura ganhavam algum “apoio” do governo federal por meio de um conjunto de ações que buscavam promover a leitura no país, visando garantir a democratização do acesso ao livro e a instalação de bibliotecas públicas em todo território nacional. Dentre as ações estão o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), o Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE), programas que concentravam grande parte de suas ações na distribuição de livros e na formação de acervo para as bibliotecas. Porém, não houve qualificação para os mediadores ou professores que ficavam nas bibliotecas. Esses programas falharam, já que não existem mais.

As práticas pedagógicas das escolas públicas têm deixado a biblioteca fora de seus planejamentos. Entre os pontos essenciais para manter as bibliotecas ativas, um fundamental é que façam parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas, documento que orienta as ações a serem desenvolvidas nas escolas e metas a serem alcançadas. Em muitas situações, a obrigatoriedade surge quando as instituições necessitam legalmente da biblioteca, mesmo que não haja plano de leitura.

Atualmente, a Lei nº 12.244/2010 orienta as escolas a ter biblioteca escolar. Todas as escolas devem se adequar até 2020, mas quase nove anos se passaram e não há dados que indiquem investimentos para cumprir a lei até o prazo estimado:

Art. 1º - As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei.

Art. 2º - Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar

orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º - Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998 (BRASIL, 2010).

É preocupante que, mesmo diante da promulgação da lei, não há certeza da implantação das bibliotecas nas escolas. Os programas destinados à leitura, em boa parte, falharam. Questiona-se, então, como colocar a lei em prática e fazer da biblioteca um espaço que faça a diferença nas instituições de ensino? Um caminho possível é o reconhecimento da necessidade de se efetivar um bibliotecário na escola e reconhecer a importância das bibliotecas escolares na formação de leitores.

Um dos grandes entraves para uma visão adequada a respeito das bibliotecas escolares é vê-la como necessidade secundária. A maioria dos discentes não sabe como e porque fazê-la ser uma necessidade primária, sua implantação não consiste em reestruturar este espaço físico, a biblioteca é uma das formas de ampliação do acervo cultural.

A relação da biblioteca escolar com o processo de educação é estreita, porém as práticas de leitura mais comuns nas escolas estão ligadas às práticas avaliativas – talvez seja esse também um dos motivos do insucesso. Para Silva (1988, p. 134), a escola sem biblioteca é um espaço incompleto, pois sem ensino, sem proposta de programas de leitura, a biblioteca é como um objeto que vem com um manual que ninguém entende. Compreender o papel que a biblioteca desempenha ou pode desempenhar no espaço escolar talvez seja a iniciativa para que seja usada ativamente, sem necessariamente ter um cronograma fixo, um modelo. Possuir um programa de funcionamento não significa ter um único modelo, mas adequar-se ao público e fazer com que este procure a biblioteca por livre escolha:

Se a formação do leitor está essencialmente condicionada à alfabetização, então “ler” é, por necessidade, submeter-se aos objetivos que a escola tenta atingir através de seus programas e métodos – estes, por sua vez, são determinados e selecionados conforme as condições ou recursos do próprio ambiente escolar (SILVA, 1988, p. 135).

Neste viés, se a leitura está sempre condicionada a outras atividades, como explicita Silva (1988), outras opções podem ser implementadas pela comunidade escolar, uma vez que a biblioteca só atinge sua função quando, além de propiciar a leitura, garante a seu público o ato de dizer, escrever, criar e pensar (MILANESI, 1979).

A biblioteca escolar pode proporcionar a todos os seus usuários momentos de busca pelo conhecimento, sabedoria e reflexão através das atividades que podem ser propostas, como encontro com escritores, contadores de histórias, concursos de leitura, workshops de teatro, ciranda de livros, encontro entre alunos para leituras de histórias e também apoio ao currículo por meio de propostas de trabalhos de outras disciplinas, de produção de textos relacionados com histórias tradicionais, de conferências sobre personalidades ou acontecimentos da nossa história.

1.4 A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO DISSEMINADORA DE MÚLTIPLOS SABERES

Ter biblioteca nas escolas não constitui apenas vontade de ter livros à disposição dos alunos, trata-se de cumprir a Lei nº 12.244/10 que dispõe sobre as bibliotecas escolares, sua função educativa e social, sendo obrigatório esse espaço pedagógico no ambiente escolar. Hábitos e atitudes dos leitores em formação podem ser iniciados na biblioteca, bem como o desenvolvimento *de habilidades e capacidades* e o estímulo à frequência a outros tipos de biblioteca. Sob esta visão, a biblioteca precisa ter acervo adequado e atualizado. É válido destacar que não é responsável somente pela leitura de literatura, é a grande guardiã dos mais diferentes tipos de conhecimentos:

Até porque não faz sentido falar de leitor crítico para ler um texto de instrução de como montar uma caixa de sapato, textos informativos ligeiros, texto do dia-a-dia. Todos estão pensando em leitura que pressupõe investimento: as leituras culturais do mundo do sujeito, leitura de História, leitura de Filosofia, leitura da Política, leitura de Ciências, não são literárias, mas o que há de comum nessas leituras com a literária é que supõem uma forma de ver e perceber o mundo (SANTOS, 2016, p. 35).

Como lugar dos livros ela não guarda apenas obras literárias, pode, pois, disponibilizar diferentes ramos do conhecimento no sentido de possibilitar ao aluno acesso à informação e à construção do conhecimento, já que o ser humano se configura como um ser histórico e em construção. Assim, o leitor pode conhecer variados assuntos além do literário através da biblioteca escolar. Isso faz parte do processo de sujeito consciente.

O que deve ser levado em consideração, em se tratando de biblioteca escolar, é não somente o processo ensino-aprendizagem, mas com o que ela contribui para o processo de formação educacional e humana do indivíduo, tanto por proporcionar o contato com o texto literário, já discutido nos tópicos anteriores, como para propiciar o acesso do aluno a

publicações das mais diferentes áreas de conhecimento, também relevantes no desenvolvimento intelectual do indivíduo.

A biblioteca real ou virtual, enquanto concentração de esforços de ordenamento da produção intelectual do homem, permanece como fator essencial do desenvolvimento. E nunca acabará. Muda a sua configuração física, transformando-se as operações de acesso à informação e até tem o nome trocado, mas, na essência, permanece como a ação concreta do homem, o grande desafio e jogo humano para não perder o que ele próprio criou (MILANESÍ, 2013, p. 14).

A biblioteca escolar, por mais que passe por processos de construção e desconstrução, permanece como fonte de inspiração, conhecimento e desenvolvimento. Negar ao estudante o direito de ter acesso à cultura letrada por meio da biblioteca é recusar o direito ao conhecimento, que vai além de seguir parâmetros de formação formal, é negar um direito de ser humano ao cidadão, é desconsiderar o potencial que os livros têm, e ser desrespeitoso para com o patrimônio da humanidade historicamente construído e acumulado. “A biblioteca escolar não tem como tarefa corrigir a educação que se faz em sala de aula ou de ser uma espécie de contraponto, um lugar de liberdade e de livre escolha” (BRITTO, 2012). Também não é a responsável em educar ou salvar os alunos da miséria e da ignorância, contudo, o contato com o conhecimento é privilégio de poucos e a biblioteca pode estabelecer essa possibilidade de contato com a arte e a cultura letrada:

A necessidade de instalação de bibliotecas escolares não é tão nova ou recente como parece. Em verdades, esse problema, ao invés de ser solucionado, vem se agravando nas últimas décadas e neste início de terceiro milênio – continuam as nossas escolas a agir como “instrumentos imperfeitos”, não apresentando condições concretas para a formação de leitores e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do gosto pela leitura junto ao segmento estudantil (SILVA, 2009, p. 188).

Nesse contexto, a ausência da biblioteca na escola é uma situação considerada muito grave, assim como tê-la e não lhe dar as adequadas condições de funcionamento, renovação de acervo, presença de funcionário responsável por mantê-la aberta e ativa, professores compromissados em desenvolver um trabalho que contagie os alunos a usá-la para o estudo e para a vida, uma comunidade escolar consciente do papel da biblioteca dentro da escola, bem como um poder público ciente e responsável por sua necessária contribuição para a implementação e continuidade desses locais.

O acervo de uma biblioteca escolar (considerando sempre o nível de autonomia e de desenvoltura intelectual dos usuários) precisa incluir obras de ciências, história, geografia, psicologia, literatura, artes etc., e organizar-se de forma a permitir percursos formativos mais amplos e densos. A eficiência da biblioteca escolar depende, em grande medida, do quanto a comunidade incorpora um projeto de formação como o que aqui se delineou, em especial da ação dos docentes (BRITTO, 2012, p. 57).

É na escola e principalmente nas bibliotecas escolares que os alunos podem *adquirir o gosto pelos livros e pela leitura* e fazer com que esta seja sempre parte do seu cotidiano, dos seus tempos livres. A biblioteca escolar deve ser de livre acesso aos alunos para poderem frequentar sempre que tenham vontade e não quando o professor mandar, ou quando fizerem algo de errado para cumprir sua punição. É um espaço de múltiplos conhecimentos, com oferta propícia e inovadora dos mais variados assuntos, da leitura à matemática. Um fator preponderante na continuidade desses lugares são as estratégias de uso da biblioteca. Elas precisam ser elaboradas em conjunto com os professores das diversas disciplinas para não contemplar apenas uma área de conhecimento:

As habilidades para usar a biblioteca e os recursos informacionais não são aspectos isolados do projeto pedagógico da escola. Assim como a leitura e a escrita, elas constituem um conjunto de habilidades usadas para alcançar outros objetivos de aprendizagem. Lemos para descobrir significados. Escrevemos para transmitir ideias. Utilizamos as habilidades de usar a biblioteca para localizar e interpretar informações que ampliam nosso conhecimento e nos permitem tomar decisões e fazer escolhas adequadas. O programa de desenvolvimento de habilidades para usar a biblioteca e a informação deve integrar-se à proposta curricular da escola. (KUHLETHAU, 2013, p. 19).

A orientação quanto ao trabalho com leitura é que todos a assumam como necessária ao sucesso educativo dos alunos, vendo-a como uma aliada do estudo, porém precisa estar atrelada a outras atividades escolares e necessita ser praticada continuamente. Apesar de na maioria das vezes a leitura ser reconhecida como prática importante no processo de ensino-aprendizagem, nem todos os professores a desenvolvem satisfatoriamente com seus alunos de modo a conduzi-los para que a façam de forma integral, para que saibam fazer escolhas e se posicionar diante delas. Para tanto, são necessárias boas práticas na biblioteca escolar:

Os sentidos que se tira da leitura (reagindo em face da história, dos argumentos propostos, do jogo entre os pontos de vista) vai se instalar imediatamente no contexto cultural onde cada leitor evolui. Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica agindo nos modelos do imaginário coletivo que o aceita. Assim a leitura afirma-se como parte interessada de uma cultura (JOUVE, 2002, p. 22).

O leitor dá sentido ao que lê conforme seu repertório cultural. Quanto mais lê provavelmente mais conteúdo terá e poderá se posicionar diante de variadas temáticas. Assim, a leitura ajuda o indivíduo a evoluir como pessoa social e intelectual, de acordo com as suas escolhas de leitura. Esta também está ligada às questões culturais do leitor, o meio onde está inserido e a disponibilidade de livros, assim, a leitura pode transformar a mentalidade do ser humano. Quanto às bibliotecas, particularmente as escolares, que é foco da pesquisa, é preciso

que sejam instaladas nos ambientes escolares que ainda não as têm e se adequem ao seu público, a sua realidade, a sua cultura. Deve ser atualizada com o presente e fazendo referências ao passado. A renovação do acervo precisa ser constante, a compra de livros deve ser realizada de maneira organizada e seguir uma política de manutenção desses ambientes nas escolas. A biblioteca é um espaço que precisa ser “vivo”, ativo, assim sendo, as pessoas perceberão que sua presença é indispensável na educação.

2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Ados – jovens e velhos, no passado e no presente – admitiram sua primazia. Para um oficial egípcio antigo, era um “barco sobre a água”. Para um aluno nigeriano, quatro mil anos mais tarde, “um raio de luz incidindo em um poço escuro e profundo”. Para a maioria de nós, será sempre a voz da própria civilização... Estamos falando da leitura.

(FISCHER, 2006)

A leitura e a literatura sempre estiveram presentes em minha vida pessoal e profissional, apaixonei-me pelos livros muito cedo. Desde o ensino médio já tinha escolhido minha carreira profissional, ser professora de literatura, objetivo que foi alcançado. Porém, com o passar dos anos exercendo a profissão, algumas inquietações começaram a fazer parte do meu dia a dia: por que é tão difícil formar leitores nas escolas? O que leva a juventude a se afastar cada vez mais da literatura? Por que as aulas de leitura são enfadonhas para os jovens, etc. Assim, tentei buscar respostas em projetos “mágicos” nas escolas em que trabalhei para solucionar, mesmo que paliativamente, esses problemas educacionais. Logo percebi que o resultado era pontual, poucos alunos eram motivados por meio das feiras literárias, das exposições de leitura, dos saraus, das contações de histórias, dos teatros adaptados de livros e de outras ações pedagógicas de leitura. Com o passar dos anos, o que era inquietação começou a gerar desânimo.

Passei oito anos trabalhando a disciplina de Literatura em escolas particulares do município de Itaituba⁸ e, a partir de 2014, comecei a vivenciar outra realidade na carreira docente, agora como funcionária pública efetiva. Procurei repetir o meu fazer pedagógico de incentivar a leitura agregada à experiência docente, entretanto a angústia só aumentou: outro público, espaços improvisados de educação, salas lotadas, alunos pouco alfabetizados, pobreza reinante, distanciamento entre o aluno e os livros, ausência de bibliotecas. Apesar desses entraves, continuei acreditando no poder humanizador da leitura literária e também no seu potencial de desenvolvimento intelectual do alunado.

⁸ Itaituba é uma cidade do Estado do Pará. Os habitantes se chamam itaitubenses. O município se estende por 62 040,1 km² e contava com 97 343 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 1,6 habitantes por km² no território do município. A origem do nome é tupi, significando “ajuntamento de água da pedra”, através da junção dos termos itá (“pedra”), ‘y (“água”) e tyba (“ajuntamento”). O acesso à cidade pode ser feito por via aérea, por meio do Aeroporto de Itaituba. Voos regulares conectam a cidade a importantes cidades na região e no país. Outras formas de acesso incluem as Rodovias BR-163. (Rodovia Cuiabá-Santarém) e BR-230 (Transamazônica), além do Rio Tapajós. A partir do Porto de Itaituba partem regularmente embarcações de pequeno, médio e grande porte, conectando a cidade aos portos de Santarém, Belém, Manaus e Macapá.

Quando iniciei o mestrado profissional em letras – Profletras, senti que era a oportunidade de agregar o que mais gostava: leitura e literatura. Inicialmente, a minha proposta de trabalho navegou em outros mares, mas acabou ancorando na biblioteca escolar como coração da escola. Conheci o Lelit⁹ e vi que há várias possibilidades de se promover a leitura: espaços de ler, bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, armários de leitura, intervenções. Na revisão bibliográfica tomei conhecimento da tese do professor Zair Henrique Santos, intitulada: “Entre o Compromisso e a Realidade: Relato e Análise de uma Ação de Levar a Ler no Oeste do Pará”. Esta pesquisa foi inspiradora para o meu caminhar investigativo, pois é uma leitura interessante com um final um pouco melancólico. Digo isso porque o leitor vai vivenciando a criação dos lugares de ler, a empolgação das pessoas da comunidade, pesquisadores, alunos e, ao final, percebe-se a realidade na mesma velocidade com que são criadas as ações de ler, estas também desaparecem.

Dos atores que protagonizaram a criação dos espaços de leitura, apenas a professora Andria Araújo conseguiu, um ano depois, expandir o lugar de ler, talvez devido a seu perfil de formadora e seu vínculo comunitário, uma vez que, conseguiu envolver toda a Escola PA 254 km 11, conquistando colegas para levar adiante o trabalho de leitura. Nesta escola, as práticas de leitura aumentaram nas salas de aulas e o Armário de leitura tornou-se, por assim dizer, um patrimônio de toda a Escola, ajudando no complemento educacional dos alunos e aumentando a circulação de livros e de leituras no lugar (SANTOS, 2016, p. 130).

Então passei a questionar o seguinte: será que uma biblioteca bem equipada com um plano de ação pedagógica de leitura estabelecido e com um agente cultural dedicado poderia convencer uma comunidade de que ler é necessário? De todas as escolas onde lecionei não havia uma com biblioteca ativa que fizesse circular de forma qualitativa o conhecimento, então o retrato deste espaço que vinha a minha mente era a descrição de Santos (2016) na qual mostra onde estavam os livros, depois de uma ação de ler que gerou um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de letras, entulhados e esquecidos no meio de tambores, troféus, papel higiênico, material de limpeza, lixos. Quando funcionam, Segundo Silva (1988), servem para aulas de reforço ou para castigar alunos “indisciplinados”, e se a biblioteca assumisse o protagonismo de formar leitores competentes, poderia contribuir para um fazer educativo, onde o pragmático não seria o ponto fundamental, mas a liberdade e a reflexão do que se lê e discute na escola, não só em sala de aula, como na biblioteca escolar poderia expandir os horizontes no espaço escolar. Dessa forma, busquei embasamento para a caminhada investigativa nos autores como Candido (2011), Colomer (2016), Britto (2016), Eco (2011)

⁹ Lelit é um grupo de estudos literários, criado no ano de 2013, pelo Professor Doutor Luiz Percival Leme Britto, tem como objetivo fazer um estudo sobre leitura, literatura e biblioteca. Alunos dos cursos de Letras, Pedagogia, de pós-graduação, dos mestrados Profletras e Mestrado em Educação participam ativamente das atividades desenvolvidas pelo grupo que tem como ideal ler literatura, viver e aprender.

Milanesi (2014), Santos (2016), Silva (1988), Zilberman (2003) Escolhido o objeto da pesquisa passei a procurar meios de materializar a biblioteca “ideal” para executar um projeto de intervenção e pós-análise de dados e verificar os resultados. Fui guiada pelo grupo de trabalho formado a partir do projeto de pesquisa “Entre o compromisso e a realidade: Levar a ler a lugares distantes”, que é composto por mestrandos do Profletras, PPGE¹⁰, bolsistas do PIBic e bolsista de extensão da Ufopa. São trabalhos localizados em vários municípios do Oeste do Pará que mostram como as pessoas dos lugares distantes estão apartados da cultura letrada, o que reflete o distanciamento do estado das pessoas pobres e da educação pública.

No ano de 2017 estava lotada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Barão do Rio Branco e ministrava aulas nessa escola desde que ingressei no município, vi a oportunidade de fazer algo a mais por aquele lugar, que me acolheu e onde pude aprender a lidar com uma realidade totalmente distante da que eu estava habituada.

Procurei informações e pedi as licenças necessárias para desenvolver uma pesquisa interventiva com a direção da escola e a Secretaria municipal de educação de Itaituba (SEMED). A escola Barão do Rio Branco não possuía um lugar organizado de leitura, havia livros espalhados pela escola, uns em um depósito, outros nas salas de aula e secretaria, talvez esta fosse a grande chance de fazer algo diferente pela comunidade. Em conversa preliminar com o secretário de educação do município, ele expôs a vontade de que o projeto fosse desenvolvido em uma escola periférica do município de Itaituba no KM 05, argumentou que os alunos desse lugar eram muito carentes, mas como esta ficava distante, sugeri que fosse em uma escola mais próxima, pois seria difícil a locomoção devido a minha rotina de estudo e viagem para Santarém. Assim, ficou acertado que o trabalho aconteceria na Escola Barão do Rio Branco.

No final do ano, para a minha surpresa, fiquei sabendo que a Escola Barão do Rio Branco não iria mais atender as turmas do 6º ao 9º anos do ensino fundamental II, no ano de 2018, fato que desestabilizou o andamento da pesquisa, pois seis meses de planejamento precisaram ser revistos e reiniciados. Assim, fui transferida para a Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora. A escolha dessa instituição se deu por motivos de aceitação da comunidade e necessidade de desenvolver ações de leitura na escola. No primeiro contato que tive com a equipe, já pude observar que não existia uma biblioteca na

¹⁰ PPGE - O Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (PPGE/UFOPA) foi criado em 2012, sob a coordenação do Prof. Dr. Anselmo Alencar Colares. A junção de esforços dos doutores em educação e de áreas afins possibilitou naquele mesmo ano a submissão de proposta de criação do curso, porém, sua aprovação pela CAPES ocorreu em 2013, para a oferta de 25 vagas anuais.

escola, mas já existia um item no PPP que tinha como objetivo principal revitalizar a biblioteca da escola, e como a Semed permaneceu com o comprometimento em apoiar o desenvolvimento do projeto, independentemente do local onde fosse aplicada, a aceitação dessa instituição para desenvolver a intervenção foi imediata. Fui, então, lotada na escola com 135 horas e comecei os trabalhos de investigação por meio de entrevistas com professores e ex-funcionários da instituição para analisar as possíveis causas de uma escola localizada no centro da zona urbana, que atende uma clientela de quase mil alunos, não possuir uma biblioteca que atendesse essa comunidade. Será que finalmente iria colocar em andamento a investigação?

2.1. CAMPO DE PESQUISA: CONHECENDO A ESCOLA A MÃO COOPERADORA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora está localizada na décima primeira, s/n, Bairro Bela Vista, município de Itaituba, Pará. Sua fundação data de 25 de fevereiro de 1982. No ano letivo de 2018 havia 759 alunos na faixa etária de seis a dezoito anos, matriculados regularmente em turmas do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, na escola, distribuídos nos turnos matutino e vespertino. Alguns alunos são residentes em bairros periféricos bem distantes da escola, dentre eles: Quilômetro 5, Novo Paraíso, Piracaná e Wirlande Freire.

A Escola A Mão Cooperadora, também conhecida por AMC, é fruto das Obras Sociais e Educacionais da Igreja de Deus no Brasil, uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos ou econômicos, fundada em 10 de junho de 1973, com duração por tempo indeterminado e com sede em Curitiba, Estado do Paraná e foro em Curitiba – Paraná. A entidade é filiada à Igreja de Deus no Brasil, sendo, porém, totalmente independente e autônoma, mantendo em suas atividades os mesmos princípios.

Em Itaituba-PA, a escola foi fundada em 1982 em decorrência do trabalho desenvolvido pela entidade - Obra Social e Educacional da Igreja do Brasil. Nesse contexto a escola foi fundada para suprir a carência de vagas para os menores atendidos no Centro Educacional do Menor Integrado à Comunidade (CEMIC), possibilitando assim, um trabalho extensivo de atendimento a menores que, além de atendimento em creches, recebiam educação formal no Ensino Infantil e no Ensino Fundamental.

Figura 1 - Fachada da Escola A Mão Cooperadora em Itaituba- Pará



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Desde a sua fundação, em 1973 a AMC, vem buscando formar cidadãos sensíveis ao mundo e ao outro. A escola quando surgiu tinha como missão cooperar na formação de cidadãos conscientes, sujeitos de sua própria história, oferecendo-lhes instrumentos e subsídios para ajudarem outras crianças no futuro, ou seja, tornar-se também uma “mão cooperadora” e servir pessoas atendendo as suas necessidades educacionais, sociais, espirituais e afetivas com qualidade superior.

Tinha como proposta pedagógica fazer o “resgate” de crianças e jovens considerados frágeis socialmente. Muitos não possuíam família estruturada ou eram órfãs, pois pertenciam a famílias garimpeiras e eram praticamente abandonados pelos pais, que se aventuravam nos garimpos em busca de vida melhor. Os programas oferecidos pela escola estavam voltados para as questões religiosas e sociais, que eram a base das Obras Sociais Igreja de Deus.

A escola sofreu inúmeras transformações no decorrer dos anos, algumas por questões políticas, dentre elas, a sua desvinculação com as obras sociais da Igreja de Deus no Brasil, que era entidade mantenedora. De Escola Conveniada passou a Escola Municipal. Apesar da municipalização, a escola ainda conserva em sua política pedagógica muitos preceitos da antiga gestão, principalmente relacionados às questões religiosas.

O quadro de servidores em 2018 estava assim configurado: 51 servidores, dentre esses, 34 professores (conforme Quadro 1), 09 profissionais de apoio, 01 secretária, 03 auxiliares administrativos, 01 professora lotada na biblioteca, 01 coordenador pedagógico, 01 gestor e 01 vice.

Quadro 1 - Quantitativo de professores no ano de 2018 da Escola AMC.

Nº	DISCIPLINA	PROFESSOR
01	Educação Geral (1º ao 5º anos)	12
02	Língua Portuguesa	04
03	Matemática	03
04	História	01
05	Estudos Amazônicos	02
06	Geografia	02
07	Ciências	02
08	Ensino da Arte	03
09	Ensino Religioso	01
10	Educação Física	01
11	Redação	03
Total		34

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Quanto à estrutura física, a escola dispõe de prédio antigo em alvenaria, em bom estado de conservação, dividido em dois pavilhões. A escola possui onze salas de aula, todas climatizadas e oito salas de apoio. No PPP há a descrição de que a escola possui sala de informática e uma biblioteca, porém existem as salas com as placas nas portas, mas de fato esses espaços não funcionam e já se encontram desativados há bastante tempo. O primeiro pavilhão comporta o núcleo de sala da direção, secretaria, sala de professores, banheiros de funcionários, sala de hora atividade e sete salas de aula e banheiros de alunos. O segundo pavilhão é composto por quatro salas de aula, cozinha, espaço para laboratório de informática e biblioteca. A escola possui uma quadra poliesportiva sem cobertura, fato este que interfere decisivamente nas atividades físicas dos alunos.

A Escola A Mão Cooperadora atendeu em 2018 a 759 alunos matriculados regularmente nas séries do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental I e II, como mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Relação de turmas/alunos da Escola A Mão Cooperadora - 2018

Nº	Turma	Nº de turmas	Nº de alunos
1	1º ANO	2	56
2	2º ANO	2	56
3	3º ANO	2	69
4	4º ANO	2	75
5	5º ANO	3	101
6	6º ANO	3	113
7	7º ANO	3	106
8	8º ANO	3	95
9	9º ANO	2	88
Total		12	759

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Para melhor processo de desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas observações e entrevistas (informais) com funcionários. As entrevistas desta etapa foram realizadas nos meses de fevereiro a março de 2018, com cinco funcionários da escola, os quais se disponibilizaram em colaborar com esta etapa da pesquisa. Os funcionários, por meio de entrevistas informais, puderam relatar e dar informações precisas sobre a (não) existência da biblioteca na escola.

Elencamos os objetivos traçados para o desenvolvimento deste trabalho científico:

- Averiguar as possibilidades de revitalizar a biblioteca na Escola A Mão Cooperadora junto ao poder público municipal e de forma coletiva com a comunidade;
- Promover e analisar a efetiva irradiação da cultura letrada através da biblioteca escolar;
- Verificar se uma biblioteca distante dos grandes centros da cultura pode sobreviver e formar cidadãos reflexivos.

Para alcançar os objetivos propostos, organizamos a proposta de intervenção em duas etapas. A primeira consistiu na realização de palestras, reuniões e oficinas envolvendo o corpo docente da escola, Secretaria de Educação do município, pais/responsáveis e alunos. Algumas dessas atividades contaram com o apoio da Semed. E em algumas delas contou-se com a participação do orientador desta pesquisa, professor Dr. Zair Henrique, com a participação de bibliotecário da Ufopa, do município e com a participação do Coordenador Geral do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) na região Oeste do Pará, Professor Dr. Luís Percival Leme Britto. Uma ação mais ampla foi necessária tendo em vista resultados de estudos sobre o “desaparecimento” de muitas bibliotecas na Amazônia, fato que ocorre, talvez, pela falta de formação de agentes culturais que promovam a conscientização das pessoas sobre a riqueza do bem que é uma biblioteca. Os resultados observados nessa fase inicial serão descritos posteriormente. Entrevistas e dados gerados a partir das práticas de leitura serão anexados e analisados no final do trabalho.

A segunda etapa consistiu da observação de como a comunidade, em especial a escolar, recebeu a nova biblioteca. Esta etapa serviu de suporte para o capítulo III: Conhecendo o problema: Falta um espaço, livro, ações ou vontade?

2.2 AFINAL, QUAL É A METODOLOGIA DO TRABALHO?

Investigar os efeitos de uma biblioteca que promove a leitura em um espaço escolar é ficar atento a muitas “vozes”: dos gestores, dos discentes, dos docentes, dos funcionários, dos

pais, da investigadora, de todos que constituem a escola ou que tem algum tipo de vínculo como ela. Assim, para cumprir com os propósitos da pesquisa, o presente trabalho valeu-se dos recursos da pesquisa qualitativa de intervenção. Não se trata de uma pesquisa-ação por julgar que o tempo de convivência com os alunos e corpo docente foi pequeno, menos de um ano.

A pesquisa foi de cunho social e pretendeu mudar a realidade da escola AMC no quesito leitura, como bem pontua Sanchez Gamboa (2012, p. 31), a pesquisa pretendeu a “transformação da realidade social e o melhoramento da vida dos sujeitos imersos nessa realidade”.

Para Minayo (2009):

A pesquisa qualitativa se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p. 22).

Um dos objetivos da pesquisa qualitativa é trazer o sujeito para o problema. De acordo com Minayo (2009), a palavra principal da pesquisa qualitativa é a compreensão: compreender primeiramente o teor do problema da pesquisa para então verificar as possibilidades de solução, assim como a cooperação, sendo estes os caminhos para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Os fatos analisados são importantes em uma pesquisa, porém, o papel social do sujeito é fundamental dentro do espaço estudado, pois as ações humanas podem mudar, já que se trata de um conjunto de pessoas em volta de um problema, por isso as mudanças e métodos alternativos podem surgir a partir da ação humana.

Optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo por ser um meio de produção de conhecimento que não busca mensurar, medir, mas sim compreender e buscar explicações a valores e significados num meio social. A preocupação centra-se em levantar elementos que contribuam para a compreensão e explicação do que se está investigando e, neste processo, as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa.

Seguiram-se os pressupostos de Moreira (2008) que destaca dois princípios que norteiam a pesquisa de intervenção: a) A consideração das realidades sociais e cotidianas; b) O compromisso ético e político da produção de práticas inovadoras.

Tendo como base tais princípios, a autor enfatiza algumas características a serem consideradas, apresentada a seguir com um paralelo à pesquisa em questão:

Quadro 3 - Características da pesquisa de intervenção

Características da Pesquisa-intervenção	Aplicação da Intervenção na pesquisa
1ª - Deve acontecer dentro do contexto pesquisado.	Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora
2ª - É desencadeada pela demanda, contribuindo na solução de problemas.	Ausência de um projeto de leitura e de uma biblioteca capacitada para atender o público da comunidade escolar.
3ª - O pesquisador atua como mediador que articula, organiza encontros, sistematiza as vozes e os saberes produzidos pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, agindo num processo de escuta ativa.	Entrevista, observação, organização das palestras, reuniões, oficinas e estratégias de leitura.
4ª - Interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.	Entrevista, reuniões, palestras (Zair Henrique Santos), oficinas e eventos para promover a leitura (Show Literário) para a aproximação com a literatura e cultura letrada.
5ª – As experiências cotidianas e práticas do coletivo, sistematizadas, permitem descobertas e elaborações teórico metodológicas.	Análises de dados a partir das ações para a reconstrução da biblioteca da escola, ações de leitura e outras formas de conhecimento ofertado através da biblioteca escolar.

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Na pesquisa qualitativa de intervenção, “a partir do momento em que o pesquisador entra no contexto no qual se dá a pesquisa, suas perguntas e propostas já constituem uma intervenção” (MOREIRA, 2008, p. 243). Desta forma, a intervenção iniciou no momento que adentramos no espaço da escola A Mão Cooperadora, com a proposta de reconstrução da biblioteca e elaboração de atividades de leitura.

Outra questão de importante relevância é o fato de que, como afirma Moreira (2008, p. 430), “a pesquisa de intervenção só acontecerá se houver um problema comum a ser solucionado”. Foi o que aconteceu na AMC, o problema da pesquisa girou em torno da não existência de uma biblioteca ativa na escola e, conseqüentemente, da não existência de ações coletivas para formação de leitores nesta instituição, apenas ações isoladas de promoção de leitura realizadas nas salas de aula por alguns professores. Havia carência de um projeto educativo geral voltado para a formação de leitores, mas isso não significava que não havia vontade para organizá-lo e executá-lo. Existia a ausência de profissional capacitado para a efetiva mediação da leitura no espaço da biblioteca com a missão de promover o conhecimento cultural, que atendesse às necessidades da comunidade estudantil, alicerçado por um plano de ação consistente.

Para realizar a pesquisa, adotamos como direcionamento os conceitos de Minayo (2009) que prediz três etapas de desenvolvimento do trabalho investigativo: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental. Assim:

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2009, p. 57).

A autora destaca que as abordagens qualitativas são mais apropriadas a investigações científicas de grupos, segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob o ponto de vista dos atores sociais, de relações e para análises de discursos e documentos. O método qualitativo envolve a empiria e sistematização progressiva do conhecimento até que a compreensão da lógica interna do grupo seja desvelada.

A 1ª etapa, a fase exploratória, foi a produção do projeto e de todos os procedimentos necessários para a sua execução. Nesta etapa, ocorreu a elaboração da proposta de pesquisa e intervenção: “reconstruindo o espaço para a promoção da leitura”, constituiu uma fase fundamental para as ações posteriores.

Na 2ª etapa, o trabalho de campo, ocorreu a aplicação da proposta de intervenção. Essa fase teve como objetivo primordial a execução de ações para a reconstrução do espaço (físico) e foram realizadas ações de conscientização e oficinas para intensificar a importância da biblioteca para a escola, os dados colhidos através dessas ações são parte importante da análise de dados. Esta etapa foi muito intensa.

A 3ª e última etapa da pesquisa foi a análise e tratamento do material empírico e documental. Na análise de dados, buscamos compreendê-lo e interpretá-los, articulando-os às teorias e leituras científicas que fundamentam o trato do papel da biblioteca na escola, as estratégias para a sua reconstrução, para a formação de leitores e o seu uso como disseminadora de múltiplos conhecimentos. Essas fases são discutidas com mais detalhes no capítulo III.

2.3 PRODUÇÃO DE DADOS: AÇÕES ANTES, DURANTE E DEPOIS DA REVITALIZAÇÃO

2.3.1 Ações de intervenção: diálogos compartilhados

Após o contato inicial com a gestão da escola foi necessário apresentar o projeto para a equipe escolar. Dessa maneira, o 1º encontro ocorreu no dia 02/02/2018 com o corpo docente da instituição. A pauta da reunião foi minha transferência para a escola que estava atrelada ao projeto de pesquisa e isso era um fator que mexeria com a estrutura da escola.

Além disso, o projeto de intervenção foi apresentado para os professores presentes. Nesta ocasião, tive a oportunidade de falar um pouco para os colegas sobre a Lei nº 12.244/2010 que trata da obrigatoriedade da biblioteca nas escolas.

Quando refletimos sobre esse processo (formação do leitor crítico), compreendemos que isso só é possível quando a educação alcança seus objetivos, sendo que, para serem atingidos, é necessário que os meios utilizados sejam compatíveis e eficazes. Portanto, entre os vários recursos educativos encontra-se a biblioteca escolar, uma solução indispensável para o desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem e essencial para a constituição do bom leitor e do próprio ser humano.

A escola contava com **32** professores, mas nesta reunião apenas 50% compareceram. A justificativa é que muitos ainda estavam de férias. A visão em grupo do problema foi relevante para se compreender os fatores que foram determinantes para desencadeá-lo.

A receptividade dos funcionários foi positiva, muitos falaram da leitura como um instrumento para alcançar seus objetivos na vida, por ser a porta do conhecimento em sociedade, argumentado que é uma ferramenta que possibilita ao indivíduo firmar-se como sujeito pensante, criativo e capaz de modificar a realidade, criticá-la e enfrentá-la. Em sociedades como a nossa, que prestigiam uma cultura letrada, não ter acesso à leitura revela a situação de desvantagem social a que está submetida uma grande parcela de nossa população, incluindo as escolas que não têm uma biblioteca onde possam ser desenvolvidas diversas atividades de leitura que contribua com a formação do alunado.

Na maioria das vezes, a informação é abarrotada com ações que agregam pouco ou nada na constituição do conhecimento do indivíduo. A informação contida na leitura é essencial para a transformação da consciência de uma sociedade. Alguns funcionários citaram a importância da leitura na formação dos alunos e afirmaram a dificuldade que têm em desenvolver atividades diferentes por não terem uma biblioteca ativa.

2.3.2 Conhecendo o problema: Falta um espaço, livros ou ações?

Ao iniciar a proposta de intervenção, que no primeiro momento consistia na organização do acervo, o que nos chamou atenção foi o fato de haver uma sala com uma placa na porta com o nome biblioteca. De certo modo, foi uma alegria saber que “existia” uma biblioteca ali, porém, ao abrir a porta e adentrar aquele espaço pela primeira vez, foi possível vermos que se tratava apenas de um depósito de livros velhos e lixo, e ver os livros no chão foi deprimente, já que é triste observar as condições em que se encontrava a sala, repleta de

lixo, livros com poeira, teia de aranha e muita solidão. Não havia condição de aquele espaço ser chamado de biblioteca, pois, além de não ser utilizado, estava fechado há quase quatro anos. Ao questionarmos onde se encontravam os livros em condições de uso, nos informaram que eles estavam em outro ambiente, pois a escola tinha como objetivo, para o ano letivo de 2018, reorganizar aquele espaço.

Figura 2 - Sala denominada Biblioteca antes da revitalização - 19/02/2018



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2018)

De acordo com os questionamentos apresentados na reunião, era necessário verificar as condições de desenvolver o projeto na escola. Assim, foi iniciada a sequência de entrevistas e observações da rotina na instituição. Uma das entrevistadas, professora que está na escola desde sua fundação, relatou que a biblioteca estava desativada há mais de quatro anos, desempenhando espaço de ociosidade. Explicou, ainda, que durante o tempo de sua docência, nesta escola, pôde ver a biblioteca ser construída e desconstruída por três vezes:

“A escola já teve biblioteca em funcionamento, mas, por várias questões, não permaneceu” (Professora – fragmento de entrevista)

De acordo com relato de outros funcionários antigos da instituição, as justificativas apresentadas para a desativação da biblioteca são, entre outras: troca de gestão, falta de um funcionário que cuide e movimente esse espaço de leitura e a necessidade de salas para turmas novas.

Ao perguntar a uma professora qual era a percepção que ela tinha sobre a biblioteca da escola, obtivemos a seguinte resposta:

“Hoje, o papel que ela (biblioteca) tem desempenhado é de depósito ou sala extra para aula, mas em muitas situações foi isolada pela desorganização”. (Professora – fragmento de entrevista)

Questionada se a biblioteca está integrada ao Projeto Político Pedagógico da escola - PPP, sua resposta foi:

“A biblioteca nunca esteve associada ao projeto político pedagógico da escola”. (Professora – fragmento de entrevista)

Segundo ela, este é um dos fatores que tem influenciado para o “sumiço” da biblioteca, evidenciando a inexistência de uma política para uso e preservação da biblioteca escolar. E concluiu:

“No momento em que se precisou de mais um espaço para a formação de novas turmas e de salas de aula, a biblioteca foi desativada”. (Professora – fragmento de entrevista).

As condições da sala, onde antes funcionava a biblioteca da escola, era de total desordem e abandono, os livros estavam em meio ao lixo, conforme Imagem 2. Após minuciosa observação e conversas com outros professores, nos informaram que os livros que ainda poderiam ser utilizados já tinham sido retirados desse espaço, pois, além da desorganização, a sala estava com infiltração e goteiras, fato que ocasionou a destruição de muitos livros. Os livros retirados estavam na sala ao lado (laboratório de informática, também desativado), todos empilhados e misturados. A intenção da equipe escolar era reformar a sala antiga e reorganizar o espaço denominado biblioteca, porém a escola não apresentava nenhum projeto para concretizar essa organização. Como houve troca de gestão, estavam fazendo os ajustes nas metas para o ano letivo.

Um fato importante relatado foi de a escola não possuir uma biblioteca em funcionamento e haver um funcionário lotado pela Semed com 200 horas na biblioteca, que não estava desenvolvendo nenhum trabalho voltado para a organização desse espaço, mas realizando outras atividades de apoio na secretaria da escola, por decisão da gestão.

Outro aspecto a ser discutido é o descaso com a lotação de profissionais nas bibliotecas. “Na verdade eu senti tipo assim (...) o trabalho lá só pra me aguentar também até chegar a minha aposentadoria” (professora da biblioteca em 2013). O poder público não tem a preocupação em lotar alguém nesses espaços visando o desenvolvimento de um trabalho voltado ao incentivo à leitura. (MESQUITA, 2018, p. 71).

Esse tipo de situação relatada por Mesquita (2018) é comum nas escolas, não só do município de Itaituba-PA, mas de outras localidades também. Não existe uma política de lotação de funcionários para a biblioteca, geralmente o critério seguido é a readaptação

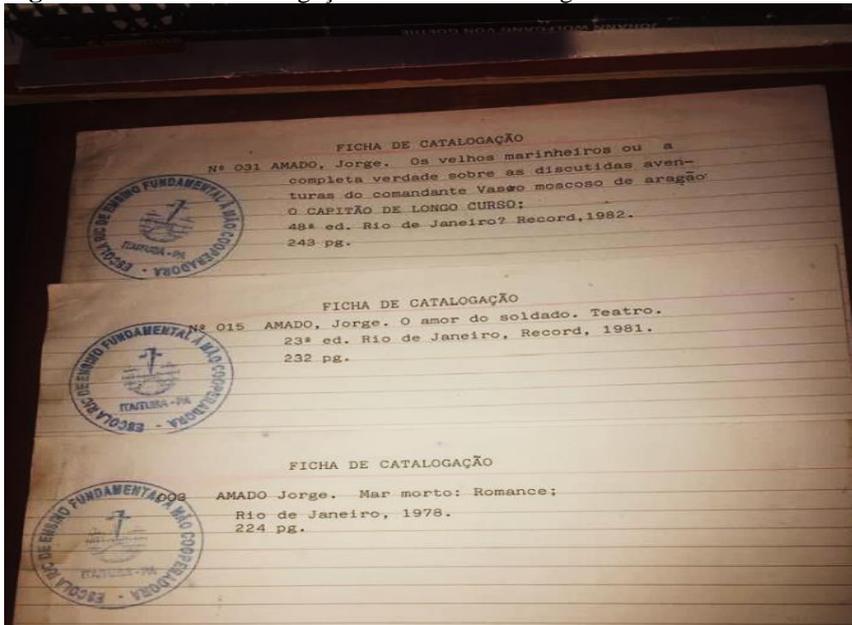
funcional. Os funcionários são lotados nos espaços, primeiramente pensando em amenizar a carga de trabalho, e os espaços (alguns não existem de fato ou não oferecem condições de funcionar) não proporcionam meios para que se possa desenvolver um trabalho de leitura, além de não ser ofertado a esses funcionários qualificação específica para que possam fazer um trabalho a contento.

Ao questionarmos a mesma funcionária, que relatou sobre as condições do espaço, se já houve mediador (professor, bibliotecário ou técnico administrativo) na biblioteca para o atendimento de alunos e professores, ela afirmou que já houve inúmeras vezes, na escola, atividades de leitura desenvolvidas por meio da biblioteca, em anos anteriores. Contudo, nunca foi um bibliotecário específico, mas professores readaptados, especialmente os de língua portuguesa, que sempre idealizavam os projetos. Verificamos aqui, um dos problemas que norteiam as atividades de leitura nas escolas: é direcionada para o professor de língua portuguesa a responsabilidade de promover a leitura, sendo papel de todos os professores promover educação interdisciplinar.

2.3.3 Um acervo sem uso: livros empoeirados e encaixotados gritam por socorro.

A sala que estava designada como biblioteca escolar encontrava-se sem condições para ser utilizada, pois virou um grande depósito de livros didáticos antigos, de móveis velhos e de outros objetos. Esta sala já havia sido esvaziada e parte dos livros remanejados para outra sala, que funcionava como o laboratório de informática. A sala do laboratório era três vezes maior que a sala que funcionava como biblioteca. As prateleiras da biblioteca estavam quebradas e enferrujadas, a sala não tinha mesas nem cadeiras. Não havia computador para o arquivamento de livros, também não foi encontrado livro de registros de empréstimos e controle do acervo. Porém, ao folharmos os livros, encontramos dentro de alguns, fichas de catalogação e livros numerados, o que dá a entender que já houve em algum momento alguém que organizou e catalogou os livros, que naquele momento se encontravam cobertos de poeira e em péssimas condições de uso.

Figura 3 - Fichas de catalogação encontradas em alguns livros



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2018)

Figura 4 - Livros de literatura e pesquisa empilhados no laboratório de informática



Fonte: Arquivos da pesquisadora (2018)

O acervo encontrado na escola foi de 1.800 livros subdivididos nos seguintes gêneros: literatura infantil, literatura infanto-juvenil, clássicos, autoajuda, religiosos, enciclopédias, paradidáticos e revistas. Grande parte desse acervo não apresentava condições para uso, uns estavam deteriorados, faltando páginas, riscados, ou manchados com as páginas coladas, resultado de infiltrações na sala. O precário local, onde os livros estavam, era pequeno, úmido, com móveis estragados e sem prateleiras para armazená-los. Já fazia bastante tempo que a sala se encontrava nas condições observadas, de acordo com as informações colhidas de

funcionário, que relatam, também, que boa parte dos livros de literatura estava empilhada, como se observou na Figura 4.

2.3.4 Educação e reflexão: Ouvindo a voz da Universidade.

Como fazia parte da intervenção promover palestras e oficinas que contribuíssem para a disposição e criação de um espaço, a biblioteca organizada seria essencial para a execução de projetos educacionais de grande porte, favoráveis ao bom desempenho no processo de alfabetização e formação do leitor crítico.

No dia 19 de abril de 2018 aconteceu a palestra com o tema: *Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará*. Esse foi o tema principal que levou o Professor Doutor Zair Henrique Santos a Itaituba, em parceria com a Escola A Mão Cooperadora e Secretária Municipal de Educação – Semed. O professor, orientador desta pesquisa, já há alguns anos, desenvolve projetos de pesquisas com esta temática, fomentando discussões sobre estratégias de informação e formação acerca da importância da leitura e da biblioteca escolar no fazer educativo e humano.

O objetivo da palestra foi demonstrar os resultados da sua pesquisa que resultou em sua tese de doutorado. A intervenção foi realizada por estudantes de Letras da Ufopa, em comunidades do interior do Pará, onde foram implantados espaços de leitura, evidenciando os avanços e obstáculos enfrentados nestes projetos. A palestra, de suma importância, fez parte das ações cuja finalidade era orientar e informar os educadores sobre leitura e espaços de leitura.

Outra finalidade da presença do Dr. Zair na AMC era conhecer o espaço onde seria desenvolvida a pesquisa e a aplicação da intervenção. Sua avaliação foi fundamental no desenvolvimento da pesquisa, uma vez que suas considerações sobre a importância da biblioteca na escola, a adequação do espaço, o cuidado e preservação, as ações de leitura e outras formas de conhecimentos que podem ser percorridos através da biblioteca escolar, contribuíram significativamente com a pesquisa.

A intenção da escola como espaço social e orientadora de seus educandos deve ser, a princípio, agir em prol de uma metodologia que seja capaz de “*instigar o papel da leitura não apenas pelo prazer, que não seja “o ler pelo ler”, algo contra a vontade própria.*” (Professor Dr. Zair – trecho da palestra). A escola tem o papel edificador enquanto sujeito crítico, a começar pela liberdade de pensamento, de construção de ideias do próprio ponto de vista e, principalmente, do raciocínio problematizador.

Reiteramos que a palestra teve resultado positivo, não só para esta pesquisa, mas também para os professores da rede urbana e rural que participaram de forma bem produtiva. O evento fez parte da primeira etapa de um cronograma de atividades organizada pela Semed, este em três fases, e tinha como objetivo, além de levar informação, fazer uma pequena formação sobre formação de leitores, mediadores de leitura e espaço de leitura.

No dia 20 de abril, o professor Dr. Zair Henrique Santos fez uma visita à escola AMC, o objetivo foi conhecer o espaço onde seria implantada a biblioteca da escola, conhecer a gestão e alguns professores, fazer avaliação preliminar do acervo existente e por fim dar as orientações cabíveis para a reestruturação da biblioteca escolar.

De nada adiantará aumentar o acervo, pintar o lugar de ler, criar as melhores condições físicas, se a leitura não for entendida pelos promotores como um bem cultural que pode transformar a capacidade reflexiva de todos. É necessário que aumente o acervo de livros, mas, acima de tudo, é de fundamental importância que a quantidade de pessoas lendo com qualidade também se multipliquem, e isso será realidade quando a ideia de leitura se ampliar e deixar de ser vista como um ato mecânico, pragmático, de simples entretenimento, tornando-se uma necessidade e direito de todos de se apropriar desse bem cultural produzido pelos homens. (SANTOS, 2016, p. 135).

As orientações e observações do professor serviram para esclarecer que uma biblioteca não tem função decorativa dentro de uma escola. Esta fala deixou evidente que um dos fatores que contribuiu para que a escola não tivesse conseguido manter a sua biblioteca ativa em diferentes ocasiões foi a forma como a leitura é vista pela comunidade escolar: como uma atividade pragmática, sem estratégia de leitura que tenha como foco e protagonismo formar leitores.

2.3.5 Oficina de leitura: Ouvindo a voz da comunidade

Na sequência de ações de formação organizada pela Semed em parceria com a pesquisa, a segunda oficina foi realizada em 09 de maio na sala de reunião da Secretaria Municipal de Educação. O objetivo foi fazer demonstração de projetos de reestruturação de espaços de leitura, falar sobre mediadores de leitura e formação de leitores e demonstrar as dificuldades na implantação e permanência da biblioteca no espaço escolar.

A II Oficina intitulada *Sala de leitura/biblioteca escolar - atividades e recursos lúcidos no campo de atuação na Instituição de Ensino* foi organizada com a participação de professores de sala de Leitura/Biblioteca da rede pública de ensino, com dinâmica pedagógica

e palestras. A oficina contou com a presença de 32 professores da rede municipal de ensino, que trabalham em espaços de leitura no município de Itaituba-Pará, zona urbana e rural.

A oficina teve início pela manhã e foi ministrada pelo bibliotecário da Ufopa/Itaituba-PA, que apresentou estratégias de leitura, organização de acervo e dinâmicas pedagógicas.

Na primeira etapa foi feita a demonstração de como se organizar o acervo e, além de dicas de atendimento, foram realizadas algumas propostas de atividades que colaboraram para a melhor compreensão da biblioteca como um espaço de múltiplos saberes e interação.

À tarde foi dada continuidade à oficina, ministrada por mim, professora Rosilene de Araújo Farias. Este momento objetivou contribuir com os participantes por meio de explicações sobre: conceito de leitura, tipos de leitura, formação de leitores, biblioteca escolar e mediador de leitura. Ressalta-se, ainda, a importância da leitura na formação humana, por meio de ações de leitura que estejam além de atividades pragmáticas no espaço escolar, visto que este tipo de atividade é usado como lúdica em muitas ocasiões nas escolas, bem como utilizada com o intuito de avaliar o desempenho escolar do estudante, indo contra a oportunidade de proporcionar a quem lê, a chance de liberdade perante a leitura. Esta, que pode contribuir para uma visão reflexiva, para uma postura autônoma e crítica diante dos mais variados tipos de textos.

Para dar embasamento nesse momento de informação e reflexão, utilizamos o texto, “*No Lugar da leitura Biblioteca e formação*”, de Luiz Percival Leme Britto. A escolha desse material teve como objetivo proporcionar, aos participantes, melhor compreensão da biblioteca escolar e da importância da leitura. Na ocasião foram realizadas leituras e diálogos sobre cada tópico do texto.

Também foi utilizado, nesta oficina, o texto “*Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento e Parâmetros para bibliotecas escolares*”, organizado por Bernadete Campello. Trata-se de uma cartilha que descreve de forma prática como deve ser o Layout de bibliotecas escolares, define os padrões para criação e aperfeiçoamento de bibliotecas das escolas brasileiras. Os indicadores apresentados nos Parâmetros visam apoiar a implementação da Lei nº 12.244 de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino básico do país, estabelecendo o prazo máximo de dez anos para sua efetivação:

De acordo com os Parâmetros, uma biblioteca escolar:

- conta com espaço físico exclusivo, suficiente para acomodar:
 - o acervo;
 - os ambientes para serviços e atividades para usuários;

- os serviços técnicos e administrativos;
 - possui materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários;
 - tem acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez;
 - fornece acesso a informações digitais (internet);
 - funciona como espaço de aprendizagem;
 - é administrada por bibliotecário qualificado, apoiado por equipe adequada em quantidade e qualificação para fornecer serviços à comunidade escolar.
- Os Parâmetros estabelecem indicadores numéricos (mínimos e exemplares) para cada um desses aspectos. No que dizem respeito ao espaço físico, os parâmetros definem que:

A biblioteca escolar conta com espaço físico exclusivo:

- no nível básico: de 50m² até 100m²;
- no nível exemplar: acima de 300m².

A biblioteca escolar possui assentos para acomodar usuários que ali vão para consultar os materiais e/ou realizar atividades:

- no nível básico: assentos suficientes para acomodar simultaneamente uma classe inteira, além de usuários avulsos;
- no nível exemplar: assentos suficientes para acomodar simultaneamente uma classe inteira, usuários avulsos e grupos de alunos. (CAMPELLO, 2016, p. 8-9)

Nesse segundo momento da oficina foi realizado um trabalho de informação e conscientização quanto à importância do ato de ler e sobre as adequações do espaço físico da biblioteca escolar, e incluiu uma parte teórica: Britto (2015), Campello (2016), Candido (2011), Santos (2016), Silva (1988), Machado (2011) e Milanesi (1983), com o intuito de complementar e enriquecer a formação profissional, tentando suprir as carências demonstradas.

A oficina foi finalizada com uma parte prática, que teve como objetivo a descontração e reflexão do grupo, através de leitura pública do livro *Palavras, Palavrinhas e Palavrões*, de Ana Maria Machado. Nessa etapa houve um investimento não só no campo pessoal, levando ao autoconhecimento, como também no campo profissional, buscando-se o aprimoramento dos *conhecimentos e competências* por meio de atividades que englobassem um conteúdo variado e dinâmico, contribuindo assim para o aprendizado e reflexões.

Após a realização da segunda parte da oficina, houve o compartilhamento das seguintes inquietações e dúvidas dos participantes da oficina:

- 1º - boa parte das crianças não tem contato com a leitura em casa, a responsabilidade está centrada no ambiente escolar;
- 2º - os readaptados são colocados como responsáveis das bibliotecas, porém só alguns que, esporadicamente, têm uma formação;
- 3º - a diferença entre educação e ensinar, problemas que estão relacionados ao papel do professor junto ao responsável da sala de leitura;

- 4º - a problemática da secretária de educação em saber definir as funções do responsável pelas salas de leitura;
- 5º - a confusão gerada no ambiente escolar com +Alfabetização e com projetos pessoais (sobre ensinar leitura);
- 6º - implicações sobre o posicionamento do responsável pela sala de leitura acerca das “ordens” da gestão escolar, que julga esse funcionário como desnecessário;
- 7º - decorrências sobre como o aluno se sente diante das atitudes do responsável pela biblioteca;
- 8º Observações de que o aluno, quando chega ao fundamental maior, perde o hábito (interesse) pela leitura nesse período da vida escolar.

Podemos perceber por estas 8 inquietações destacadas que o problema que cerca a biblioteca na escola é unânime entre os que têm desempenhado a função de “bibliotecários”. Há pouca preparação para desempenharem suas atividades, muitos não conseguem desenvolver um trabalho de qualidade e eficaz, e sentem-se frustrados já que são julgados a todo o momento como despreparados e acomodados. Por fim, as políticas de lotação de funcionários em salas de leitura/biblioteca são frágeis, já que não há formação e averiguação das condições de trabalho desse servidor.

No final da oficina ocorreu um momento de socialização e exposição do projeto desenvolvido por uma professora da comunidade de Moraes de Almeida, distrito de Itaituba-PA. O projeto ***“A leitura é uma viagem”*** tem como finalidade realizar atividades de leitura de forma dinâmica na escola.

A realização desta oficina permitiu questionamentos e reflexões profundas. Mesmo em meio a dificuldades, há muita vontade de promover a leitura, tanto na zona urbana como na zona rural. Essas oficinas foram avaliadas de forma positiva pelos participantes, pois acham-se despreparados e de “mãos atadas” diante das complicações escolares.

A partir das atividades desenvolvidas ao longo da oficina de leitura, foi possível percebermos que existem muitas dúvidas na maneira de movimentar e organizar a biblioteca. A partir dos depoimentos e posicionamentos dos professores participantes da oficina, notamos que são necessárias ações que contribuam para ampliar a capacidade de ver a leitura de forma crítica e autônoma, de reconhecer a importância da leitura e da capacitação dos mediadores.

2.3.6 I Show Literário da AMC: Compartilhando e colhendo ideias

O projeto I Show Literário foi elaborado com o intuito de divulgar para a comunidade escolar a proposta de revitalização da biblioteca e integrar mais os professores e alunos em ações de leitura. Fazê-los ver que a biblioteca pode ser um local de convergência para dinamizar a leitura na escola.

O projeto literário foi planejado no início do mês de maio de 2018, por meio de encontros semanais com professores e alunos das turmas de 8º e 9º anos, aos sábados, com a duração de três horas por encontro. O objetivo dos encontros era escolher e discutir os textos de literatura que seriam trabalhados no Show Literário. Para êxito do projeto, foi crucial a participação dos outros professores da instituição, além dos da disciplina de língua portuguesa. O projeto foi desenvolvido em duas etapas.

Na primeira etapa foi feito trabalho de sensibilização e reflexão sobre as diversas formas de leitura. Foram desenvolvidas atividades que despertassem a imaginação, fantasia e reflexão, estimulando a importância do ato de ler através da utilização de diversos tipos de textos (poemas, contos, crônicas, romances, novelas, anedotas, textos jornalísticos etc.). também ocorreram atividades de teatro e música que dinamizassem o evento, permitindo reflexão sobre as diversas formas de leitura e verificando os conhecimentos prévios dos professores e alunos acerca do texto literário. Assim, a leitura de mundo não é a mesma defendida por Paulo Freire (1989), mas as diversas formas de leitura que os sujeitos possuem, examinando até que ponto poderiam ser usadas no evento. Esta primeira fase teve o intuito de demonstrar a diversidade do texto literário e evidenciar para a comunidade o quão deficiente era a escola quando o assunto era leitura. Isso foi percebido de forma abrupta pela falta de uma biblioteca que auxiliasse alunos e professores.

No primeiro encontro da Oficina de Leitura (04/05/2018) foram efetuados questionamentos quanto à expectativa dos professores em relação ao Show Literário e quanto ao interesse deles em participar, questionamos também quais apresentações poderiam ser desenvolvidas. Além disso, alguns professores quiseram saber por que o evento literário não se restringia às aulas de língua portuguesa. Depois de muita discussão foi definida a data de realização do evento: 25/05/2018.

Os professores de língua portuguesa colaboraram de forma significativa com a execução do projeto. Entretanto, a direção da escola não compreendeu bem a proposta, ocasionado assim algumas limitações nas ações. Como foi observado no tópico em que acontece a descrição da instituição, o fato de a escola ter sido fundada pela Igreja de Deus do

Brasil contribui fortemente para que alguns colaboradores da instituição tenham postura menos flexível com relação a algumas atividades escolares, não aceitando, de certa forma, a laicidade da escola, que já pertence ao município e segue as determinações da Semed.

É importante que se diga que o evento não alcançou grande número de funcionários participantes, já que alguns consideraram a atividade como responsabilidade dos professores de língua portuguesa. Os demais questionaram a escolha de algumas obras, considerando-as como inadequadas para serem trabalhadas nas escolas, por exemplo, as obras de Edgar Allan Poe e a obra Harry Potter, de J.K. Rowling, que foram as mais contestadas. Este fato levou à seguinte reflexão: é possível que este tipo de pensamento também possa ter contribuído para a desativação da biblioteca da escola e para as escassas atividades de leitura.

Depois de tanto tempo de autoritarismo e totalitarismo, respirando o faça/não faça, o pode/não pode, o de acordo-com-as-normas/em-desacordo-com-as-normas, e o proibido/permitido, e o vale/não vale e o certo/errado, estabelecidos arbitrariamente pelo regime opressor, passamos, consciente ou inconscientemente, a exercer o poder e o controle da censura sobre nós mesmos e/ou sobre as outras pessoas de nossa ação pedagógica, reproduzimos o poder da censura e, por isso mesmo, restringimos a liberdade dos nossos alunos. E mais: por não refletimos mais contundentemente sobre as consequências da censura (explícita ou implícita), ainda reclamamos da falta de iniciativa, autonomia e criatividade dos educandos... (SILVA, 1988, p. 26-27).

O evento também contou com a colaboração de pais/responsáveis e alunos, as turmas de 8º e 9º anos participaram diretamente da programação na elaboração das apresentações e na campanha de coleta de livros de literatura para a escola. São essas turmas que têm contribuído para a realização das atividades de leitura na escola. Uma das principais contribuições foi incentivar os estudantes a compreender como a literatura auxilia para a sua formação, não apenas como leitores, mas como pessoas críticas e atuantes.

Na segunda etapa foi realizada a culminância do projeto “I Show Literário”, no dia 29 de junho de 2018. A escolha da data foi alterada por ser o último dia de aula do primeiro semestre, assim a programação fecharia as atividades do semestre.

Os alunos realizaram a primeira campanha para a coleta de livros de literatura com esse evento. A *campanha* serviu como incentivo para que os alunos se envolvessem com o projeto e para atualizar parte do acervo de literatura juvenil da escola, já que 80% dos livros que estão à disposição da escola são resultantes dos programas de leitura ofertados pelo governo federal, e em sua maioria são livros infantis.

O objetivo alcançado com o Show Literário não era apenas conseguir livros de literatura para escola, mas também verba para aquisição de material que não fosse só de literatura, já que a biblioteca é um espaço de múltiplos conhecimentos, não se restringindo ao

literário. Assim, o evento envolveu música, teatro, poemas, cinema, como pode ser observado no Quadro 4.

Quadro 4 - Textos trabalhados no I Show Literário AMC

Nº	Texto	Autor (es)	Atividade
1	Poema “Bailarina”	Cecília Meireles	Declamação e coreografia;
2	Poema “Ismália” intertextualidade com a música “Bandolins”	Alphonsus de Guimarães, Oswaldo Montenegro	Declamação do poema, na sequência com a coreografia da música;
3	Poema “Metade”	Oswaldo Montenegro	Expressão corporal
4	Poema “Pequei” intertextualidade com a música “Pai nosso”	Gregório de Matos Guerra, Banda Diante do trono	Declamação e expressão corporal;
5	Poema “Quadrilha”	Carlos Drummond de Andrade	Encenação teatral
6	Poema “O bicho” intertextualidade com a música “Anjos da rua”	Manuel Bandeira, Banda Rosa de Sharon	Encenação teatral e expressão corporal
7	Romance “Iracema”	José de Alencar	Encenação teatral
8	Conto “Emília”	Monteiro Lobato	Coreografia
9	Romance “Alice no país das maravilhas”	Lewis Carroll	Encenação teatral
10	Conto “A bela adormecida”	Charles Perraut	Encenação teatral
11	Conto “Branca de Neve”	Irmãos Grimm	Encenação teatral
12	Poema “Meus oito anos” intertextualidade com a música “Era uma vez”	Casemiro de Abreu, KellSmith	Leitura pública coreografia em libras;
13	Conto “Peter Pan”	James Matthew Barrie	Coreografia em ballet clássico.

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

As atividades desenvolvidas na 1º etapa da intervenção tiveram como objetivos principais promover ações que pudessem contribuir para a revitalização da biblioteca (espaço físico) e atualização do acervo de literatura, pois, entre os livros que estavam disponíveis, muitos eram infantis e os de pesquisa estavam desatualizados. Nessas ações, buscamos conseguir computadores para os alunos utilizarem nas pesquisas escolares. Todas as ações realizadas até aquele momento estavam voltadas para concretizar e dar vida novamente à biblioteca, pois, para que as ações de leitura aconteçam também na coletividade é necessário que a biblioteca esteja organizada.

2.4 UMA BIBLIOTECA RENASCE DOS ENTULHOS

Após as ações desenvolvidas na 1º etapa da intervenção, o que parecia impossível começou a ganhar vida e forma: o nascimento da nova biblioteca. O tempo era exíguo e havia a dependência da colaboração de muitos. Após uma reunião com a gestão e o conselho de classe da escola, sugerimos que fosse feita uma troca de sala. A que funcionava como biblioteca era pequena e não tinha condições de ofertar, para aquela clientela de quase mil

alunos, um ambiente amplo e aconchegante. A sugestão foi de que a sala que estava denominada como laboratório fosse usada para revitalização da biblioteca, a equipe avaliou a proposta e concordou.

O primeiro Layout¹¹ da biblioteca foi desenvolvido pelo arquiteto da Semed, contudo, em conversa com o orientador educacional e coordenação da escola AMC, chegou-se à conclusão de que o projeto era muito grande e não seria possível ser realizado no tempo estimado. A imagem, a seguir, refere-se ao primeiro layout. O planejamento foi focado na questão decorativa, entretanto, existem elementos que são essenciais para uma biblioteca escolar e que não apareceram no layout: os livros.

Figura 5 - Layout desenvolvido pelo arquiteto da Semed.



Fonte: Semed (2018)

A implantação da biblioteca escolar deve ser conceituada como uma estratégia, projetada e incentivada pela administração educacional e pelas equipes diretoras para incentivar e dar apoio, de maneira contínua, a processos concretos de melhoras do ensino que estejam sendo desenvolvidos nas escolas.

Pensar em biblioteca é pensar num espaço de vivências leitoras, de dinâmicas e hipóteses que vislumbrem um lugar de movimento, rotinas relativamente "fixas", não necessariamente imutáveis, que estejam trabalhando, funcionando, movimentando as práticas de leitura, a ordem das coisas. Em um processo de construção e desconstrução de ideias, romper paradigmas é o encontro com o inusitado, o novo, desconstrução de pensamentos

¹¹ Layout é a forma de distribuir melhor o espaço físico da biblioteca para tornar o ambiente agradável, sinalizado e adequado para comportar o mobiliário, o acervo, o espaço para pesquisa, entre outros espaços. Fatores ambientais, como iluminação, temperatura, acústica e cores, são elementos que fazem parte do layout.

sólidos e achismos, as ações alinhadas a tais pensamentos precisam, para obter boas experiências, canalizar, propor, se impor em um lugar aconchegante e importante, que não seja visto apenas pela decoração, mas pela funcionalidade e necessidade.

Eu me pergunto para que serve a biblioteca, o que é a biblioteca. Muitas vezes, as pessoas acham que a biblioteca tinha que ser um lugar que... como se fosse uma feira, uma festa, alegre, que atraísse todo mundo. Eu creio que a biblioteca precisa ser um lugar de recolhimento, um lugar bem-vindo, lugar agradável, onde vou para estar, vou para ler, vou para encontrar-me, recolher-me, refletir, silenciar, imaginar... um lugar que vou para, acima de tudo, me sentir bem comigo e poder perguntar sobre mim e sobre a vida, estudar... É um lugar que – se não todo ele, não precisa ser todo – tem também de ter o silêncio do encontro, o silêncio gostoso e agradável, em que alguém com o livro pode encontrar-se consigo, com o outro e pensar o mundo, a vida, e indagar a existência, sonhar, fantasiar – fantasia de que tanto falava Bartolomeu Campos de Queirós. Um lugar de ser, um lugar de estar (BRITO, 2015, p. 20).

Destaca-se, então, o quanto a biblioteca pode ser um lugar que exige muito mais que espaço decorado, frio, calma, silêncio. Precisa ter o que o leitor quer encontrar, mas nem mesmo ele sabe o que procura. Um grande livro, talvez! Um texto que possa lhe proporcionar prazer, o prazer que contenta, enche, dá euforia, aquele que vem da cultura, não rompe com ela, sendo esta uma prática confortável da leitura; ou seria o texto de fruição, onde o leitor queira se perder, sair de sua zona de conforto, queira sentir a dor e não o conforto (BARTHES, 2015), aquele que, a cada página lida e virada, um suspiro de felicidade surge, uma pausa para a imaginação e uma euforia que o faz querer seguir “devorando” diminutamente cada ideia, cada letra feita por descritores magistrais, a vida por meio da palavra, a morte também, a alegria que antes não caberia nas palavras agora apreciadas, e as palavras dizem muito mais do que afirma a sua tão conhecida grafia e o mistério do livro. A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados, “o leitor é um caçador que percorre terras alheias” (CHARTIER, 1999, p. 77). Não revelar tudo ao leitor é transportá-lo, portanto, para outro mundo, então esquecido dos prazos e compromissos, lá de fora o pequeno leitor vive a magia da biblioteca, que está na transferência de experiências.

Esse sentir jamais será relegado, nem ao todo revelado, a vida fantasiada mesmo na tragédia é mais bela, sublime, afável, superior que os terrores e barbáries da vida real. Lá somos heroínas e heróis, somos as minorias e, às vezes, o discurso muda nossa cabeça e faz nos ver o outro como eu e mudar nossas ideias, nossos posicionamentos sobre os lados de cada coisa, no livro não se fica em cima do muro, porque não existem muros, nenhum tipo de limitação. Há o infinito, ou algo além do infinito, nomeá-lo seria defini-lo, defini-lo poderia limitá-lo, então, pensemos em algo que não se limita.

Além disso, para aqueles que associam biblioteca apenas a livros de literatura, convém destacar que as obras literárias são tão importantes quanto às das demais disciplinas, ou seja, elas podem carregar informações contextuais ligadas à História, Geografia, Ciências, Biologia, que positivamente propiciam a construção do conhecimento e o bom desempenho no processo de constituição pessoal formação do leitor crítico.

Uma biblioteca que funciona de verdade deve ser um espaço que proporcione aos seus usuários a ampliação da capacidade de reflexão, de conhecimento, de paz interior, compartilhamento de aprendizado, etc. Ela não se limita somente à leitura de literatura ou às pesquisas escolares, seu acervo é um conjunto que deve atender as prioridades de conhecimento daqueles que a buscam. Dessa maneira a biblioteca precisa ser atualizada, já que para muitos alunos, ela será a base para a sua ampliação de conhecimento (BRITTO, 2002, p. 57).

Todo acervo deve ser apropriado pelo aluno e docente, principalmente, por aqueles educandos que, devido às dificuldades encontradas no processo de alfabetização, resistem aos projetos ligados à leitura e ao uso da biblioteca, ela deve ofertar a seus usuários o novo e o velho, já que o conhecimento é um caminho que quando percorrido é ilimitado.

Tomada a decisão sobre o espaço, fomos em busca de apoios. Como o primeiro layout elaborado pelo arquiteto da Semed não atendeu as nossas expectativas, decidimos que faríamos esse layout de outra forma. Entramos em contato com um ex-aluno, que hoje cursa arquitetura na Unama/Santarém, que rapidamente aceitou o desafio. Passamos as medidas da sala e as ideias do que gostaríamos que fosse feito. A ideia era que o espaço fosse moderno e acolhedor, mas com a essência de uma biblioteca. Pensamos em um espaço lúdico e afável no qual a prioridade fossem os livros e que tivesse uma decoração leve, mas que contribuísse para o envolvimento dos alunos com os espaços. Essa arquitetura foi idealizada pela equipe de professores da escola, visto que a todo o momento buscávamos através dos funcionários ouvir suas ideias para que todos sentissem que fizeram parte desse trabalho de reconstrução do espaço físico.

Figura 6 - Layout definitivo da biblioteca



Fonte: Hugo Lima (2018)

Figura 7 - Visão frontal - Layout da Biblioteca



Fonte: Hugo Lima

Para que a reconstrução fosse realizada, era necessário ter o apoio da Semed, parceria que não foi fácil concretizar. Após muitas idas à esta secretaria e muitas reuniões com o secretário de educação, conseguimos iniciar a reforma do espaço. A data para iniciar a reforma foi o mês de março de 2018, porém o trâmite para a liberação dos materiais foi muito demorado, com um atraso de seis meses. Nesse intervalo foram realizadas ações na escola para contribuir com a reforma, como rifas e o Show Literário. Além das ações de leitura que aconteciam paralelamente com o planejamento da revitalização, o objetivo era que os servidores e alunos percebessem o quanto era emergencial essa reforma. A conclusão não dependia apenas da vontade da comunidade, mas também do apoio do poder municipal.

Após muitas reuniões e parcerias com alguns amigos da escola, estes aderiram ao projeto e começaram a sonhar junto com a comunidade escolar.

Figura 8 - Início das obras – 16/07/18



Fonte: Arquivos da pesquisa (2018)

A reforma teve início no mês de julho, mas foi lenta e complicada. Seguindo as condições do espaço, a sala agora era bem espaçosa e arejada, tinha as perfeitas condições de se transformar na biblioteca com atendimento de até cinquenta alunos de forma bem confortável. Todos aguardavam ansiosos.

Figura 9 - Sala pronta após reforma

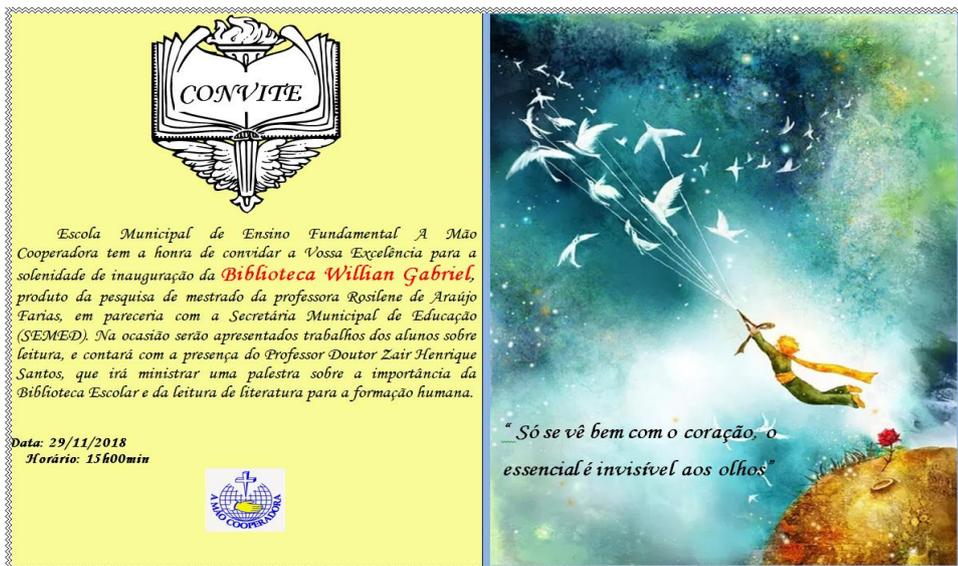


Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

2.5 INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA WILLIAN GABRIEL¹²

A inauguração da biblioteca aconteceu em 29 de novembro de 2018, um momento muito esperado por toda a comunidade escolar. Foram meses intensos de planejamento e trabalho árduo para a concretização dessa etapa. Para a ocasião foi organizada uma comemoração e estiveram presentes: o Secretário Municipal de Educação, a Diretora de Ensino, vários canais de televisão, a equipe gestora da escola e boa parte dos professores, além de alguns parceiros que contribuíram com a reforma de forma direta e indireta. A família do aluno que foi homenageado, levando o nome da biblioteca, também compareceu à inauguração. Desde que o projeto foi iniciado, algumas ações de leitura foram sendo idealizadas por alguns professores para que o acervo já fosse utilizado e no dia da inauguração acontecesse uma culminância dessas leituras.

Figura 10 - Convite de inauguração da biblioteca



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Na inauguração contamos com a presença do Professor Zair Henrique Santos (orientador do projeto), que palestrou sobre a importância da biblioteca enquanto bem cultural e sobre o ato de ler, e ressaltou para a comunidade a importância de cuidar do patrimônio que estava recebendo, abordando pontos que são fundamentais quando se trata de biblioteca e leitura, tais como:

¹² Willian Gabriel foi aluno da escola e faleceu em 2015 de forma repentina. Por ser um aluno muito dedicado e amante da literatura, seu sonho era ver a biblioteca da escola organizada. A escolha do nome da biblioteca deu-se por meio de votação. Das três opções: Machado de Assis (Homenagem a um autor), Pastora Celi Henke (Uma das fundadoras da escola) e Willian Gabriel (aluno já falecido que amava ler e escrever), o nome William Gabriel foi o escolhido.

- Ser local de liberdade para formar o ser humano;
- Ser visitada semestralmente pelas autoridades educacionais do município;
- Não ser acessório, e sim termo essencial;
- Fazer parte do projeto pedagógico da escola;
- Ser um patrimônio imaterial da “A Mão Cooperadora” e sociedade Itaitubense;
- Ser local de busca do conhecimento novo;
- Instigar permanência, existência, durabilidade;
- Ser centro de educação;
- Servir de exemplo para o poder público implantar em outras escolas;
- Transformar o material obsoleto em conhecimento;
- Ser centro de referência cultural;
- Ser o coração da escola.

Figura 11 - Registro do momento em que a fita da placa da biblioteca foi cortada. 29/11/2018.



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

A cerimônia de inauguração foi planejada pelos professores, o objetivo era que o momento fosse de confraternização e reflexão acerca da importância da biblioteca para a comunidade.

A biblioteca estava organizada e à espera de seus donos, os alunos, que prepararam apresentações culturais para o momento mais esperado, a inauguração. Porém, mesmo com toda a divulgação e movimento na escola, alguns professores não participaram do momento.

A programação teve início às 15 horas com a composição da mesa de autoridades. Na sequência tivemos as apresentações culturais dos alunos e a palestra do professor Zair Henrique Santos. Por fim, a fita foi cortada e todos puderam conhecer a Biblioteca Willian Gabriel.

Figura 12 – Registro da Inauguração: Professor Zair Henrique, alunos e professores. 29/11/2018



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

2.6 A NOVA CARA DA BIBLIOTECA: SERIA AGORA A “IDEAL”?

A biblioteca da escola foi pensada e organizada para integrar-se com a sala de aula e contribuir no desenvolvimento do currículo escolar. Deve funcionar como um centro de recursos educativos, agregado ao processo de ensino-aprendizagem e com o objetivo primordial de desenvolver e promover a leitura e a informação. Pode, ainda, servir como base para a comunidade em suas necessidades, pois como pondera Roca (2012, p. 25):

É importante garantir uma estrutura organizacional estável que facilite a criação de um contexto presencial propício para a aprendizagem e para a leitura. Por sua vez, esse contexto forma um lugar de encontro e relação pessoal dentro da comunidade com grande valor educacional. Mas esse trabalho deve ser realizado levando-se em consideração que a biblioteca não é uma instituição diferenciada, e sim parte da instituição escolar.

Compreender que a biblioteca é um espaço que precisa do coletivo é um ponto essencial a ser entendido dentro da escola. Dessa maneira o planejamento para a execução do espaço deve ser pensando em conjunto, pois a biblioteca é um recurso facilitador de processos

de ensino-aprendizagem, no entanto, ela é mais que um recurso, porque gera possibilidades consecutivas de apoio ao trabalho do professor e de aprendizagem do aluno.

2.6.1 Arquitetura

Nem sempre as bibliotecas estão instaladas em prédios construídos especialmente para atender às necessidades que aparecem e aos serviços e produtos oferecidos. Muitas delas funcionam em espaços adaptados ou em pequenas salas. Daí a importância de se ter, nesses espaços, pessoas capazes de perceber com rapidez os problemas e de buscar soluções para que o trabalho com a leitura não se inviabilize. Diante de situações assim, a biblioteca foi readaptada em um novo espaço para que pudesse ofertar um local amplo e arejado, com acomodação para até cinquenta pessoas, ou seja, para que pudesse receber uma turma completa de uma só vez.

O mobiliário da biblioteca Willian Gabriel é composto por cinco mesas de fórmica em formato hexagonal, vinte e cinco cadeiras “secretária” azul laminada, uma cadeira giratória, doze estantes de aço, um armário em material MDF, uma mesa para atendimento, um expositor de livros, seis puffs quadrados e coloridos, um sofá pequeno, oito banquetas de aço coloridas, um *puff* redondo que fica em volta da árvore, tapete de E.V.A, doze almofadas e um computador.

A Prefeitura de Itaituba forneceu as cinco mesas, um jogo de mesa infantil em madeira, uma mesa infantil redonda pequena, seis das oito banquetas, as vinte e cinco cadeiras, mais a giratória, o computador, os quatorze nichos e dez prateleiras. Os *puffs*, incluindo o que está em volta da árvore, foram adquiridos por meio de uma rifa, o tapete foi doado pela escola, as almofadas foram confeccionadas por uma das professoras da escola e o enchimento foi doado por outros. O material utilizado para a produção da árvore foi doado pelo Secretário de Educação, a pintura da sala, piso, adesivos, porta e mão de obra, foram arcados pela Semed, porém a pintura final foi realizada por um pintor particular, pois a equipe que estava desenvolvendo o trabalho não estava suprindo as expectativas do Layout quanto à qualidade do serviço. As estantes já eram da escola, todas são de aço, com a reforma foram adquiridos quatorze nichos e mais nove prateleiras de MDF, que foram fixadas na parede. Essa mobília compõe o espaço para o público infantil.

Figura 13 - Biblioteca organizada para a inauguração, espaço infantil



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Figura 14 - Espaço organizado: visão geral



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018).

Figura 15 - Espaço organizado, visão geral frente da biblioteca.



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

O espaço está dividido de acordo com a clientela que a escola tem, foi criado para ser um local acolhedor e moderno, com muitas referências de livros e autores.

2.6.2 O Acervo

Organizar uma biblioteca não é uma tarefa simples. Demanda uma série de cuidados que devem ser observados para que se atinjam os objetivos aos quais se propõe.

A biblioteca escolar deve ser encarada como um espaço dinâmico e indispensável na formação do cidadão. É este espaço que abrirá, ainda no ensino básico, os caminhos para que os alunos desenvolvam a curiosidade e o senso crítico que os levarão à cidadania plena.

Como a escola AMC atende alunos do 1º ao 9º do Ensino Fundamental, o acervo foi pensado exatamente para proporcionar caminhos para que os usuários pudessem ter facilidade em utilizar o acervo. Dessa maneira, a organização do acervo foi dividida em categorias, de acordo com o modelo usado pelo Lelit e por Mesquita (2018).

Quadro 5 - Detalhe da organização dos livros por categoria e cores.

CATEGORIA	COR
Infantil	Laranja
Infantojuvenil	Rosa escuro
Juvenil	Azul royal
Clássico	Verde
Pesquisa	Preto
Revistas	Vermelho
Quadrinhos	Amarelo
Autoajuda e religiosos	Lilás
Audiovisuais	Branco

Fonte: Adaptado de Lelit e por Mesquita (2018)

Essa primeira organização serviu como forma de agilizar o uso da biblioteca, pois mesmo antes da inauguração os empréstimos já estavam sendo realizados.

Figura 16 - Organização das estantes por categorias e cores



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2018)

O acervo encontrado na escola foi de 1800 livros, exemplares oriundos de diferentes programas nacionais de incentivo à leitura e outros dos quais não há registro de como passaram a fazer parte do acervo da escola. Conforme a biblioteca ia ganhando forma para a inauguração, o acervo ia aumentando e, com a realização das programações, muitos livros foram sendo adquiridos. No dia da inauguração a biblioteca já contava com um acervo de 2.126 exemplares, subdivididos em: juvenis 279; infanto-juvenil 675; infantis 502; clássicos 162; pesquisa 389; autoajuda e religiosos 107; revistas 158; quadrinhos 16. Além dos livros, a biblioteca já contava com uma quantidade de 35 filmes. Os livros variam entre os gêneros poesia, conto, crônica, romances, novelas, teóricos, revistas e dicionários. Há também registro na escola de livros como literatura clássica, toda a coleção do Jorge Amado Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Murilo Mendes, poesia completa, dentre outros.

Figura 17 - Livros de literatura clássica



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

A biblioteca também fez o resgate de livros oriundo do PNAIC de anos anteriores, que estavam com os professores. Os livros estavam trancafiados em caixas nas salas de aula, mas, diferente do que prega o programa, o aluno não tinha acesso a eles, uma vez que os cantinhos de leitura das salas já não eram organizados:

Em uma concepção de alfabetização focada na inserção das crianças nas práticas sociais, podem ser desenvolvidas metodologias que, de modo concomitante, favoreçam a apropriação do sistema alfabético de escrita por meio de atividades lúdicas e reflexivas e a participação em situações de leitura e produção de textos, ampliando as referências culturais das crianças. (BRASIL, s.d., p. 20).

Houve resistência para que esses livros fossem para a biblioteca, mas, após algumas reuniões, eles começaram a aparecer. Este fato leva a algumas indagações: o que leva os professores a guardar esse material como se fosse um objeto pessoal? O objetivo seria para fazer planejamento? Ou seria só para ter os livros em seu poder? Qual a vantagem em ter esses materiais nos armários da sala de aula, mas não ofertar aos alunos?

Situações como essa levam a pensar como os professores têm planejado suas aulas em volta do livro, pois se as práticas de leitura na escola têm sido prioridade, os livros precisam estar nas mãos dos leitores, de nada adianta a escola tê-los trancados em armários, caixas ou baús.

Qual a vantagem de ter esses livros à mostra e não serem tocados? Para não se deteriorarem? Os livros foram feitos para serem lidos, manuseados. Apesar de o sistema capitalista tê-los tornado uma mercadoria, de alto custo por sinal, é preciso fomentar nas escolas que este instrumento faz mais efeito sendo usado mesmo que não se mantenha em bom estado pela utilização do que trancado a chave, escondido de quem realmente é o seu destinatário, pois os programas que os distribuem têm como finalidade “provê as escolas de educação básica pública com obras didáticas, pedagógicas e literárias”, bem como com outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, tal como se evidencia no portal do FNDE concernente aos Programas do Livro³². (MESQUITA, 2018, p. 72)

Figura 18 - Livros do PNAIC encontrados nos armários das salas de aula.



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

É importante, então, que o livro deixe de ser visto como objeto de decoração, o que muitas vezes é desejo do aluno, porque ele não o tem em casa e a escola é, em muitas situações, o único local que lhe dá a oportunidade de tocar, ler e descobrir o segredo que está por trás de cada palavra de um livro. Essas crianças têm passado por uma situação na qual o que lhe é direito está sendo negado, o direito à literatura, que tanto defende Candido (2011).

Os programas do Governo Federal têm disponibilizado para as escolas um número significativo de livros, isso é comprovado quando se tem contato com esse material e se pode verificar a sua diversidade. Assim, observamos que as escolas dispõem de livros, talvez o que falte a muitas delas seja um espaço apropriado para acondicioná-los, um espaço convergente, onde os agentes escolares se encontrem e encontrem os livros, e que irradiem, a partir desses encontros, ações planejadas de leitura pela escola inteira e, quem sabe, estendam essas ações à comunidade adjacente à escola.

Ainda sobre o acervo, foram identificados, também, livros destinados à formação dos educadores e ajudantes das redes públicas com temas transversais como: Ética, Saúde, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural e cartilhas de informática. Diante disso, reitera-se que um espaço de encontro da comunidade escolar com os livros ao alcance dos olhos e das mãos e um bom planejamento de leitura fará as ações de leitura ganharem evidência em qualquer instituição de ensino.

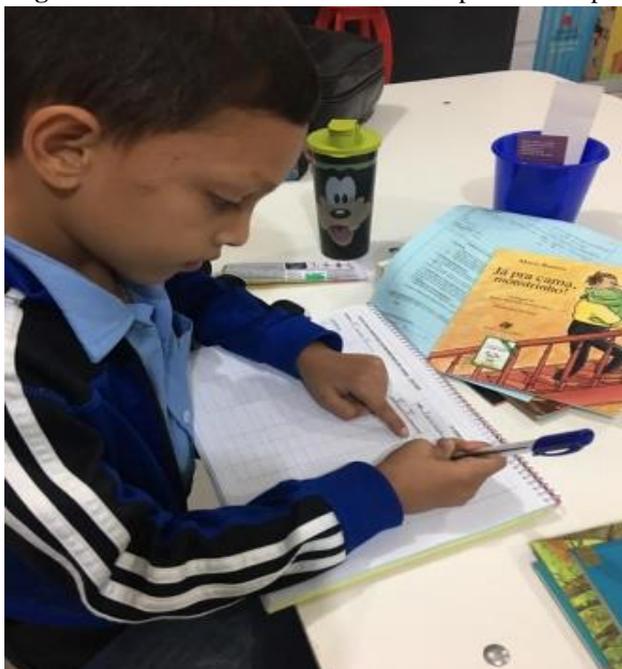
2.6.3 Atendimento

Trabalhamos em dias específicos na biblioteca, o que facilitou muito para impulsionar a concretização das obras para a organização do acervo e elaboração de propostas de leitura, que posteriormente poderiam ser desenvolvidas na escola. Uma dessas propostas foi a I Feira de Leitura (projeto em anexo) realizada em dezembro de 2018, duas semanas após a inauguração. A Feira de Leitura que tinha como intuito compartilhar atividade de leitura desenvolvida com as turmas de oitavo ano, na qual trabalhávamos, e fazer uma exposição de algumas obras disponíveis na biblioteca.

A rotina de empréstimos na biblioteca é muito intensa, o horário de funcionamento são todos os dias da semana, das 08h às 11h30min e das 14h às 18h. Meus dias de trabalho são terça, quarta e quinta-feira, no período das 08h às 11h30min, e à tarde na quarta-feira no período das 14h às 18h. Os demais dias são de responsabilidade da outra funcionária, lotada na biblioteca. Com adesão do programa Mais Educação, que iniciou este ano na escola, um projeto está sendo elaborado para que as atividades de leitura do programa sejam executadas na biblioteca da escola.

Os empréstimos são registrados em dois livros, uma para as turmas do 1º ao 5º e outra para as turmas do 6º ao 9º. É uma ação que tem dado muito certo. Os alunos fazem empréstimos e eles têm sete dias pra entregar o livro e mais sete dias pra fazer a renovação, caso precise finalizar sua leitura. Geralmente, não fazem só um empréstimo, eles têm a liberdade de chegar até a biblioteca, escolher o livro que desejam e acham adequado, mas com a devida orientação quando necessário. Os alunos menores sempre pedem opinião sobre a leitura que eles podem fazer e alguns professores acompanham seus alunos para fazer empréstimo de livros, mais as turmas de 1º ao 3º ano, as quais aproveitamos para conversas sobre os autores, sobre alguns livros lidos, e para fazer leitura em grupo. Usamos a biblioteca para passar áudios livros, vídeos e filmes adaptados de obras literárias.

Figura 19 - Aluno do 3º ano fazendo seu primeiro empréstimo de livro.



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

As turmas com o maior número de empréstimos são as do 5º e 6º anos. Isso acontece por influência e incentivo da professora do quinto ano, que valoriza muito a leitura e faz da ação de ler um momento diferenciado em suas aulas. Essa motivação é percebida na escola, pois quando o aluno é motivado em sala de aula chega com outro olhar na biblioteca. Por isso, destacamos que o trabalho do professor influencia diretamente o aluno, assim, ele vai para a biblioteca porque é incentivado a ler, porque reconhece a sua importância, e não para cumprir uma atividade pragmática.

Figura 20 - Caderno de Controle de empréstimo de livros – 5º ano – Fevereiro de 2019

FICHA PARA REGISTROS DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - BSV/AMC						1º SEMESTRE DE 2019	
TURMA: 5º ano A						Mês: Fevereiro	
LEITOR (a)	TÍTULO	AUTOR	DATA DE RECEBIMENTO	DATA DE DEVOLUÇÃO	ASSINATURA	OBSERVAÇÃO	
Yago Guilherme	Márcia	C. S. Leuzis	21/02/19	02/03	Yago	OK	
Mathias Batista	Juliana e Viktory	Olson Barba	21/02	02/03	Mathias	OK	
Davina Santos	Charmelle Bussomini	Mª Alice Longoni	21/02	02/03	Davina	OK	
Mathias Rodrigues	Guaraci Vempiras	Franciska Gylis	21/02	02/03	Mathias	OK	
Marta Johanna	Guaraci Vempiras	Jerrin Benton	21/02	02/03	Marta	OK	
Yannick Brito	Paula Fialho	Kick Riordan	21/02	02/03	Yannick	OK	
Caílla Caprioto	Juliana Bussomini	Olson Barba	21/02	02/03	Caílla	OK	
Mathias Rodrigues	Charmelle Bussomini	Luiza Bayona	25/02	06/03	Mathias	OK	
Caio Rocha	Mimosa	Wanda Morgan	25/02	06/03	Caio	OK	
Ignacio Alves	Os Reis do	Ignacio	26/02	06/03	Ignacio	OK	
Jonatas	Um livro na	Jonatas	26/02	08/03	Jonatas	OK	
Anna Maria	Marcos de	Marcos de	26/02	08/03	Anna	OK	
Samuel Vitorino	Edição de	Samuel	26/02	07/03	Samuel	OK	
Maria Clara	Anna Maria	BARC Newton	26/02	07	Maria	OK	

Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Figura 21 - Empréstimo 5º ano – Março de 2019

FICHA PARA REGISTROS DE EMPRÉSTIMO DE LIVROS - BW/AMC				1º SEMESTRE DE 2019		MÊS: Março	
TURMA: 5 - A							
LEITOR (a)	TÍTULO	AUTOR	DATA DO EMPRÉSTIMO	DATA DA DEVOLUÇÃO/RENOVAÇÃO	ASSINATURA E OBSERVAÇÃO		
Lina Sophia	O primeiro do castelo	David Almond	07/03	15/03	Lina Sophia		
Vitor Emanuel	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Vitor Emanuel		
Luiz Rocha	Diário de um bandido	Jeff Kinney	07/03	15/03	Luiz Rocha		
Kathiany	Diário de um bandido	Jeff Kinney	07/03	15/03	Kathiany		
Alexandre	O mar, a terra e o vento	Jacques Loup	07/03	15/03	Alexandre		
Fernando Lucas	Os contos de fadas	Walter de la Torre	07/03	15/03	Fernando Lucas		
Matheus Botelho	Diário de um bandido	Jeff Kinney	07/03	15/03	Matheus Botelho		
Yasmim Cristina	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Yasmim Cristina		
Yasmim Lima	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Yasmim Lima		
Juliane	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Juliane		
Leandro do Bate	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Leandro do Bate		
Mark	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Mark		
Mit	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Mit		
Yasmim de S.	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Yasmim de S.		
Vitor Emanuel	Li colana	William Shakespeare	07/03	15/03	Vitor Emanuel		

Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Foi possível verificarmos que os alunos do 6º ao 9º ano frequentam e emprestam bastantes livros, além de utilizarem a biblioteca para realizar pesquisas de matérias como história, geografia, ciências, estudos amazônicos, artes e religião. Às vezes preferem permanecer na biblioteca e fazer lá o que mais gostam, ler.

Além dos livros, os filmes e documentários geralmente são utilizados em atividades planejadas realizadas pelos professores de forma independente, como a sessão de cinema na biblioteca. Os professores planejam e, com antecedência, muitos procuram saber se na biblioteca há outros materiais que contenham algo sobre o tema trabalhado no filme. Para realizar essa atividade, o professor precisa fazer reserva da biblioteca com antecedência de pelo menos três dias, para que nenhum outro professor se programe para usar o espaço no mesmo momento.

Figura 22 - Aluna do 4º ano lendo “Menina Bonita do Laço de Fita” (Anan Maria Machado)



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Figura 23 - Alunos do 3º ano realizando leitura livre em grupo



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

O atendimento é um momento importante, porque a biblioteca escolar é um ambiente que deve oferecer para o aluno mais que informação. Nesta conjuntura, é relevante pensar sobre o papel da biblioteca escolar como espaço de formação do leitor, já que o discurso do outro na relação de leitura com um sujeito leitor será velado por vários olhares, embaralhados por inúmeras situações envolvidas, por muitos sentimentos e emoções, em distintas e contínuas etapas, desde a aproximação simplesmente visual até a constituição de uma definição quase nunca determinante, visto que o conhecimento será sempre transitório.

Faz-se necessária uma reflexão anterior sobre o trabalho pedagógico, porque até mesmo uma boa biblioteca escolar, em condições ideais de funcionamento, ao invés de ser um espaço para a práxis crítica e criativa, pode transforma-se em mais um instrumento de um tipo de ensino já caduco, baseado na exposição dogmática, autoritária, normativa e doutrinal do mestre. (SILVA, 1988, p. 138).

Nesse contexto, a biblioteca escolar hoje é vista como grande centro de informação e multimídia que proporciona o acesso à informação e a ideias que se ampliam através da leitura. Mesmo que sejam leituras breves e de textos pequenos, um leitor passará por níveis diferentes de leitura, que vai de uma decodificação rápida das informações a uma análise mais detalhada do conteúdo, o que colabora para a construção de significados atrelados a sua visão de mundo.

2.6.3.1 Planejamento de atividades para a biblioteca

O projeto elaborado para a biblioteca precisa ter um bom cronograma, além de boas propostas de leitura, ações que caibam na organização do espaço. Essas ações, para serem concluídas, necessitam do apoio da equipe escolar e do poder municipal.

Ficou decidido pela comunidade escolar que no início do ano, na semana pedagógica que acontece em janeiro, a escola iria elaborar uma estratégia de funcionamento da biblioteca. Entretanto, ao iniciar a semana pedagógica, esse momento não aconteceu devido a muitas questões que precisavam ser faladas na semana pedagógica, como elaboração do PPP, análise dos resultados do ano anterior, dentre outros assuntos.

Assim, elaboramos um cronograma de funcionamento e metas a serem realizadas no 1º semestre de 2019, em outro momento. Essas estratégias subsidiaram as atividades para a análise final do trabalho.

Apresentamos, a seguir, alguns pontos essenciais dessas estratégias:

- Organização de mostras e exposições;
- Redação de publicações que contenham informações a respeito do horário de funcionamento, serviços e coleções;
- Fornecimento de informação sobre a biblioteca nos encontros com novos estudantes e seus pais;
- Organização de grupos de “amigos da biblioteca” para pais e outros interessados;
- Organização de feiras de livros e campanhas de leitura e capacitação em informação;
- Sinalização eficiente de áreas internas e externas da biblioteca;
- Início de entendimentos com outras organizações na área (por exemplo: biblioteca pública, museu e sociedades históricas locais).

Sobre o plano de ação, este deve ser avaliado, examinado e revisto anualmente, assim também o documento de política global deve ser inteiramente rediscutido, no mínimo a cada seis meses pela equipe escolar, pois a escola é um ambiente que está a cada dia apresentando novos comportamentos e a clientela de alunos muda a cada ano, além de haver alteração no quadro de servidores. Dessa forma, o planejamento precisa ser avaliado e refeito se necessário, conquanto seja compatível com a realidade da comunidade.

2.6.4 Atividades

O ano letivo de 2019 teve início no dia 16 de janeiro com a jornada pedagógica. Este momento seria uma oportunidade para discutir e planejar as propostas e estratégias que serão desenvolvidas no decorrer do ano letivo. Seria este o momento ideal para que pudéssemos discutir quais ações seriam desenvolvidas na biblioteca no decorrer do ano e uma oportunidade dos demais professores colaborarem e opinarem sobre o funcionamento da biblioteca.

Os objetivos em torno da proposta curricular e das atividades de leitura a serem desenvolvidas pela escola e pela biblioteca, quando discutidos em parceria com professores e bibliotecários, envolvendo a participação dos alunos, poderão contribuir para a abertura de novos caminhos, na busca pelos recursos informativos disponíveis na biblioteca, e no possível rompimento com a reprodução do discurso dogmático praticado em sala de aula (MILANESI, 1988; SILVA, W., 1995).

Infelizmente, naquele momento não foi aberto espaço para discutir as ações que seriam tomadas. Dessa forma, começamos a organizar a biblioteca para o início do ano letivo. Ainda em agosto de 2018, solicitei junto à Semed que a minha lotação fosse dividida entre sala de aula e a biblioteca da escola, devido ao fato de os mestrandos do Profletras (meu caso) não poderem se afastar integralmente, nem parcialmente da sala de aula, uma forma encontrada para aderir às quatro atividades que precisavam de tempo para desenvolvimento, realizar a pesquisa, organizar a biblioteca, trabalhar com os alunos em sala de aula e viajar para Santarém semanalmente. Enviei o documento para a Semed justificando os meus motivos e a necessidade de estar na biblioteca e em sala de aula paralelamente. O documento passou por análise e aceitaram a minha lotação, desde então comecei a trabalhar regularmente na biblioteca.

Como a biblioteca foi inaugurada no dia 29 de dezembro, faltando um mês para o fim do ano letivo, o ideal seria que em janeiro de 2019, antes do início das aulas, já pudéssemos apresentar para os alunos como seria o funcionamento da biblioteca no ano letivo de 2019, mas o posicionamento da equipe escolar demonstrou que não existia ainda uma preocupação imediata sobre as medidas que precisariam ser tomadas acerca da organização da rotina de uso do espaço. Estar com o espaço físico pronto parecia o suficiente, dessa maneira, a preocupação em movimentar esse ambiente se estendeu aos professores de língua portuguesa sobrecarregando-os. Assim, algumas metas de funcionamento da biblioteca foram elaboradas e apresentadas a equipe escolar:

Quadro 6 - Ações realizadas no 1º semestre de 2019

Mês	Ações
Fevereiro	<ul style="list-style-type: none"> • Catalogação do acervo; • Cadastro de alunos e funcionários; • Produção das carteirinhas dos alunos; • Cadastro dos livros no programa, • Roda de leitura.
Março	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da intensidade de empréstimos; • Realização de ações com as turmas do 3º ao 5º anos; • Programação do Dia da Poesia 21 de março; • Rodas de leitura.
Abril	<ul style="list-style-type: none"> • Observação da intensidade de empréstimos; • Programação do dia da Biblioteca, 9 de abril; • Programação do dia do livro infantil 18 de abril (1º ao 5º); • Programação do dia mundial do livro 23 de abril (6º ao 9º); • Clube Asas da leitura (Professor Carlos Paiva); • Rodas de leitura.
Maio	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade conhecendo o autor; • Sarau de poesia para as mães; • Rodas de leitura; • Noite do pijama e contação de histórias. (1º e 5º anos).
Junho	<ul style="list-style-type: none"> • II Show Literário AMC; • Rodas de leitura; • Momento do conto; • E ENCERRAMENTO DO 1º SEMESTRE.

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Foi elaborado um cronograma de funcionamento para que todos os professores tivessem um horário fixo durante suas aulas para desenvolver atividade de leitura na biblioteca. A proposta era que toda semana as turmas tivessem 30 minutos de leitura na biblioteca, mas como a escola possui 11 turmas, do primeiro ao quinto ano pela parte da manhã, e 11 turmas, do sexto ao nono pela parte da tarde, a proposta seria inviável. Então pensou-se em outro cronograma (conforme quadro a seguir) a ser seguido pelos professores para desenvolver atividades de leitura direcionadas durante a semana.

Quadro 7 - Cronograma de dias específicos para cada turma usar a biblioteca

Turmas	DIAS DA SEMANA PARA O FUNCIONAMENTO				
	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
1º ano A, 6º ano A	X				
1º ano B, 6º ano B	X				
2º ano A, 6º ano C			X		
2º ano B, 7º ano A			X		
3º ano A, 7º ano B					X
3º ano B, 7º ano C					X
4º ano A, 8º ano A				X	
4º ano B, 8º ano B				X	
4º ano C, 8º ano C				X	
5º ano A, 9º ano A		X			
5º ano B, 9º ano B		X			

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Dentro desse cronograma de atividades é de responsabilidade do professor fazer o seu planejamento e apresentar para o funcionário da biblioteca para que ambos possam contribuir com a atividade, dar sugestões ou ajustar, caso necessário.

Figura 25 - Professora do 1º ano lendo para os alunos de sua turma.



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Figura 24 - Alunos do 5º assistindo documentário sobre Ana Maria Machado



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

2.7 DESENVOLVENDO AS ESTRATÉGIAS ELABORADAS PARA O 1º SEMESTRE DE 2019

2.7.1 Conhecendo o autor – 4º ano, Ana Maria Machado

A atividade “Conhecendo o Autor” foi planejada para as turmas do terceiro ao quinto ano. Para esta atividade, foram selecionados três escritores infantis: Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Bartolomeu Campos de Queiroz. A escolha dos escritores se deu pela quantidade de obras desses autores disponíveis na biblioteca. Além de envolver as turmas do terceiro ao quinto ano, a atividade envolveu também os alunos dos oitavos anos A e B. Esta proposta foi programada da seguinte maneira: as turmas do oitavo ano tinham que pesquisar a biografia dos autores, bem como ler as obras que estavam disponíveis na biblioteca para, assim, fazer a leitura para os alunos menores.

Figura 26 - Livros utilizados na oficina da Ana Maria Machado



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

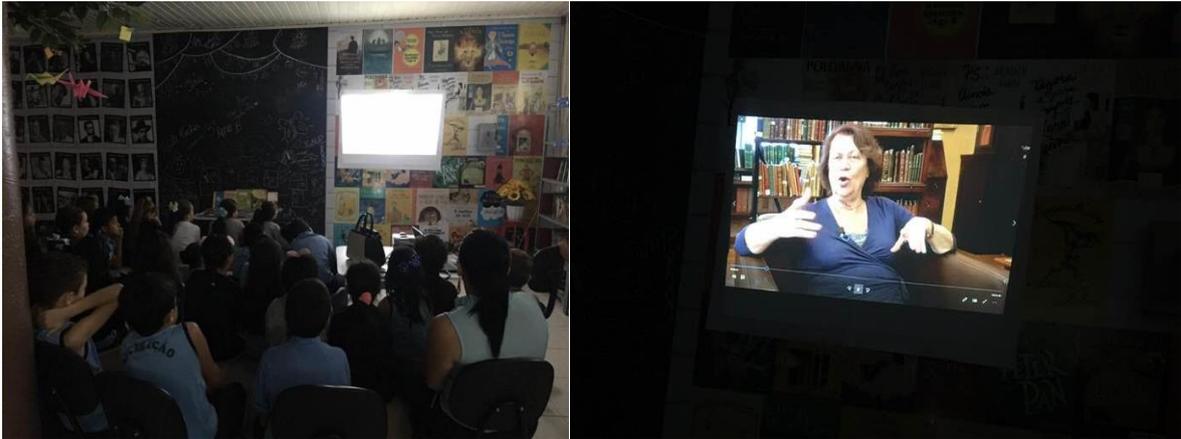
A seleção dos autores foi dividida da seguinte maneira: para os alunos do terceiro ano, ficou decidido que seria Ruth Rocha, para os alunos do quarto ano, Ana Maria Machado e para os alunos do quinto ano, Machado de Assis. Mudamos para Machado de Assis o autor do 5º ano porque a professora já estava desenvolvendo uma atividade sobre o escritor com sua turma, dessa maneira, o Bartolomeu Campos de Queiroz ficou para o segundo semestre.

Os alunos do 8º ano, além de lerem as obras disponíveis na biblioteca e estudarem a biografia dos autores, pesquisaram vídeos de algumas obras, usaram vídeos do Lelit que foram produzidos no ano de 2018, no I Festival de Vídeo de Livros de Literatura¹³. Os alunos utilizaram o vídeo “A maravilhosa ponte do meu irmão” de Ana Maria Machado (a escritora participou do VI Seminário do Lelit¹⁴). Este vídeo empolgou tanto os alunos que, logo após a execução da atividade, eles fizeram leituras dos livros “Menina Bonita do Laço de Fita” e “Palavras Palavrinhas e Palavrões”, da mesma autora, para as turmas do 4º ano.

¹³ O “I Festival de Vídeo de Livros de Literatura” foi um projeto da Ufopa, vinculado ao Lelit e coordenado pelo professor Doutor Luiz Percival Leme Britto e pelo professor Doutor Zair Henrique Santos. A atividade foi organizada pelos alunos de Letras, Pedagogia e pelos mestrandos do Profletras, em junho de 2018.

¹⁴ Programação que acontece anualmente na Ufopa, o evento é organizado pelo Lelit para divulgar a literatura infantil e Infantojuvenil, além das oficinas, a programação sempre traz um escritor de renome para palestrar.

Figura 27 - Turma do 4º ano na atividade de “Ana Maria Machado”.



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

A sequência da atividade foi desenvolvida pela professora em sala de aula, na qual a turma produziu um pequeno livrinho sobre importância de ler e sobre a importância da escritora para o público infantil. Este livro foi apresentado na escola AMC, na programação do “Dia Mundial do Livro”, atividade que aconteceu em 23 de abril de 2019.

2.7.2 Projeto do dia da poesia: “I Festival Poético AMC”

O projeto intitulado “I Festival Poético AMC” (projeto em anexo) é uma manifestação artística que tem como princípio valorizar a arte literária e outras manifestações culturais a ela associadas. As apresentações propostas nesse trabalho estão condizentes com esse propósito e foram desenvolvidas pelos alunos das turmas do 8º ano A, B e C da Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora, na biblioteca da escola e durante as aulas de língua portuguesa, ao longo do 1º bimestre letivo. A leitura de poemas é sempre instigante para os alunos e professores.

Numa oficina de poesia é recomendável que oicineiro apresente formas orais, escritas, visuais, teatrais, musicais, etc. de poesia. No que diz respeito à oralidade, observa-se que as novas gerações, depois dos anos 1970 introduziram outras formas de dizer, de falar poesia, aproximando-a do cotidiano e resgatando o seu aspecto gestual, corporal e teatral. (SANT’ANNA, 2009, p. 167).

Nesse sentido, o festival foi, então, o momento de divulgação dos trabalhos realizados pelos alunos, como a produção de poemas, leitura e declamação de poemas de escritores consagrados e poemas produzidos por professores e alunos, ocasião em que eles puderam se

aproximar do texto poético. Abaixo apresentamos dois poemas produzidos por alunos do 8º ano.

Tramas internas

Tramas internas muitos têm
Sobre qualquer assunto que lhe vem
Pequenos problemas de assuntos tensos
Alguns pequenos, outros intensos

Você fica preso em problemas mentais
Chega a ter dificuldades com problemas reais
Sua mente vira uma jaula trancada
E você fica sem saber como sair dessa cilada

Uma jaula protegida por grandes guardiões
Guardiões formados por suas próprias indecisões
Em um castelo sombrio como um enterro
Que só te lembra do seu maior erro

Agora a saída... deixo para você concluir
Como você decide dessa prisão fugir
Deixe sua mente criar
Conforme você desejar

Por que, aliás, não existe beco sem saída
Você ainda tem tempo de viver sua vida
E, no final, quando você tiver sua liberdade
Você poderá curtir sua doce eternidade

(Guilherme Darling, aluno do 8º ano. 21/02/2019)

A poesia é considerada uma excelente opção para professores que se propõem a trabalhar com textos expressivos, visando o desenvolvimento de alunos-leitores-críticos-reflexivos, visto que os autores deste gênero empenham-se em mostrar seu pensamento sobre o mundo, a cultura, o meio social e seus sentimentos no momento em que está escrevendo. No texto do aluno, podemos notar a angústia do eu-lírico ao falar das “tramas internas” que um adolescente vive. De acordo com Alcantara¹⁵ (2017):

Ensinar poesia no ambiente escolar numa visão holística¹⁶ de formação do sujeito é possível. Infelizmente, o ensino de poesia tem adotado o aspecto pragmático, ignorando a formação integral e a interdisciplinaridade que ela pode trazer para o ensino. No nosso entendimento, a poesia faz o indivíduo transcender a limitação imposta pelo cotidiano. (p. 34)

¹⁵ Elaine Cristina de Vasconcelos Alcantara produziu a dissertação com o tema: “Poesia na Escola – Seu Ensino na Perspectiva de Formação Holística”, no ano de 2017, pelo Profletras.

¹⁶ O termo holismo surgiu na antiguidade clássica, ou melhor, na Grécia antiga, originado da expressão “holos” que significa todo. A educação holística reconhece o potencial inato do estudante para o pensamento inteligente, criativo e sistêmico.

O valor da poesia na escola está na sua ação formadora, pois ela representa uma forma de ajudar a expandir o domínio da linguagem e habilita o leitor na construção do conhecimento. Assim, o texto poético possibilita ao indivíduo conhecer a si mesmo e ao outro e ainda o mundo que está a sua volta. Leva-o à reflexão e à busca de novos sentidos que um texto pode oferecer.

Diante disso, foi realizada na biblioteca da escola, em alusão ao “Dia Internacional da Poesia (21/03), uma atividade que mobilizou a escola inteira. Foram três dias de apresentações nos quais alunos expuseram e declamaram suas poesias para a comunidade escolar. As atividades foram realizadas no horário de aula, iniciando em 19 de março pela manhã e se estendendo até o dia 21 de março à tarde.

Figura 28 -As três turmas do 8º ano que organizaram o I Festival Poético na biblioteca.



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

É importante que o estudo da poesia aconteça na escola, onde a convivência com este gênero literário ocorra, de fato, permitindo o contato com diferentes autores e estilos, reavivando a capacidade de olhar a essência do texto poético através das atividades propostas. Além disso, o projeto ampliará o vocabulário e o repertório dos alunos com declamações, leituras, escritas, exposição de ideias e composições.

Para a realização desse projeto os alunos fizeram um mês de oficina na biblioteca, onde pesquisaram e estudaram os mais variados poetas brasileiros.

2.7.3 Programação do Dia Mundial do livro

Dia 23 de abril se comemora o Dia Mundial do Livro, em alusão a esta data, a biblioteca Willian Gabriel se preparou para um dia inteiro de programação voltada para o livro. A culminância do projeto ocorreu no dia 23 de abril de 2019 com apresentações variadas, por exemplo, alunos de cada série escolheram um livro para ler e socializar com a comunidade escolar, a forma de apresentação era livre. Na ocasião, foi divulgada a relação dos alunos que leram maior número de livros literários e, também, a relação dos alunos de cada série que mais fizeram empréstimos de livros na biblioteca e leituras. Esses alunos foram premiados com livros e camisetas do evento.

Os alunos do 1º ao 5º ano realizaram atividades na parte da manhã e as turmas do 6º ao 9º, no período da tarde, (projeto em anexo). No período da manhã as professoras do 4º e 5º anos selecionaram alguns alunos para falar sobre os livros que leram, depois de uma leitura prévia. Os livros escolhidos foram principalmente de Monteiro Lobato, já que no dia 18 de abril comemora-se o dia Nacional do Livro infantil.

Os alunos do 8º ano prepararam rodas de leitura na biblioteca, no refeitório e na área verde da escola, fizeram leituras públicas para alunos menores, realizaram dinâmica com as crianças e caracterizaram-se de acordo com alguns personagens literários, foi um momento muito rico, em volta do livro e da literatura. Houve atividades dentro da biblioteca: um grupo de alunos apresentaram peças teatrais tomando por base as obras de Monteiro Lobato. As professoras, revezando entre si, leram de forma dinâmica para as turmas.

Figura 29 - Peça teatral do Sítio do Pica Pau Amarelo: alunos do 8º ano para alunos do 2º ano



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

No refeitório ocorreram algumas apresentações, como um coral da música “A Magia da Leitura”, de Gustavo Palinski:

A magia da leitura

Gustavo Palinski

Como dizia o poeta “tudo tem o seu preço”
 basta fazer o que você gosta
 valorizar o mundo à sua volta
 leia um livro
 faça uma poesia
 tente desligar-se um pouco
 dessa tecnologia
 ouvi dizer que hoje em dia o mundo está perdido
 mas estou aqui para te mostrar para te provar
 que a magia da leitura nos fortaleceu
 que a magia da leitura nos fortaleceu....

Além de os alunos realizarem variadas apresentações sobre os livros que leram, compartilharam suas produções feitas em sala de aula, com resumos, desenhos e poemas, que posteriormente serão expostas na biblioteca. A participação dos alunos foi intensa e boa parte dos professores participaram, mas não houve uma adesão esperada, visto que cada professor deveria ter montado com suas turmas uma apresentação para a programação, apenas as turmas do 4º e 5º fizeram apresentações. Espera-se que, se houver a segunda edição do evento, a adesão seja maior.

Quadro 8 - Classificação dos alunos que mais leram livros da biblioteca, turno matutino e vespertino.

MANHÃ			
Série	Aluno (a)	Nº de livros	Colocação
3º A	Vinícius Rocha	9 livros	1º lugar
3º B	João Guilherme	10 livros	1º lugar
4º A	Nicolle Miranda	8 livros	1º lugar
4º B	Jamilly Silva	11 livros	1º lugar
4º C	Riquelme Sousa	9 livros	1º lugar
5º A	Katiucy Rodrigues Passos	14 livros	1º lugar
5º B	Victor Gabriel	8 livros	1º lugar
TARDE			
Série	Aluno (a)	Nº de livros	Colocação
6º A	Ismael Sousa	15 livros	1º lugar
6º B	Samuel Paiva	08 livros	1º lugar
6º C	Emily Sayuri	6 livros	1º lugar

Quadro 9 - Classificação dos alunos que mais leram livros da biblioteca, turno matutino e vespertino
(continuação)

7° A	Lanna Natally	4 livros	1° lugar
7° B	Thaís Eduarda	6 livros	1° lugar
7° C	Eduardo Sampaio	5 livros	1° lugar
8° A	Emelly Luane	5 livros	1° lugar
8° B	Pedro Eliakim	5 livros	1° lugar
8° C	Camila Sousa	5 livros	1° lugar
9° A	Erik Conceição	6 livros	1° lugar
9° b	Ellen Cristina	3 livros	1° lugar

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Ao avaliarmos a atividade de empréstimos de livros diariamente na biblioteca, podemos observar de forma inicial a intensidade de leituras realizadas pelos alunos, conforme o quadro anterior a frequência de empréstimos das turmas do 3° ao 5° são maiores, seja pela maior motivação dos professores ou pelo atendimento que é realizado na parte da manhã, já que no período da manhã, além de ser seu quem fica na biblioteca e faz os atendimentos, estou sempre procurando os professores para que elaborem as atividades de leitura, pesquisas, dentre outros na biblioteca, o envolvimento dos alunos do período matutino com a biblioteca é bem mais intenso do que os dos adolescentes, do período vespertino, acredito que seja pela novidade de não conhecerem uma biblioteca e pela curiosidade de estar ali, em contato com os livros. Aproveitando esses pontos de encontro: a novidade e a curiosidade, faço convites diários para os alunos do período da manhã, emprestem os livros todas as sextas e que leiam no fim de semana em casa, além de poderem levar livros diariamente, contudo que façam a entrega de forma regular. os do 8° ano vão auxiliar no atendimento das turmas da manhã, além de fazerem leituras para os menores, essa foi das maneiras encontradas para que os alunos do 6° ao 9° estivessem mais envolvidos na rotina da biblioteca.

3 REFLEXÃO SOBRE AVANÇOS E OBSTÁCULOS: ANALISANDO OS RESULTADOS

Pegar um livro e abri-lo guarda a possibilidade do fato estético.

O que são as palavras dormindo num livro?

O que são esses símbolos mortos?

Nada, absolutamente.

O que é um livro se não o abrimos?

Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas;

mas se o lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez.

(Jorge Luís Borges)

3.1 UMA VISÃO FICTÍCIA DE UMA REALIDADE EMERGENCIAL

O livro sempre significou símbolo de poder, ora social, ora intelectual. Na Idade Média, a igreja, para manter seu poder, disseminou a ideia de que os livros e as bibliotecas eram perigosos para as pessoas que tinham pouca ou nenhuma instrução e que constituíam a maioria da população medieval. Dessa maneira, eram obrigadas a acreditar no que a igreja pregava. Na obra “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco, toda a trama gira em torno de um livro, um clássico de Aristóteles que falava sobre o riso. Essa expressão humana de contentamento foi considerada perigosa por um dos monges da história, o Venerável Jorge, que fazia de tudo para manter as rígidas disciplinas no mosteiro e guardava em uma torre a sete chaves inúmeros clássicos da literatura. Porém, para os poucos intelectuais daquele período, os livros tinham o saber necessário que poderia trazer o desenvolvimento intelectual, tecnológico e científico tão necessário e já almejado na época, por isso eles eram favoráveis que as bibliotecas e livros tão raros fossem mais consultados. A biblioteca, nesse momento da história, era vista como “inimiga”, porque tinha o poder de transformar aqueles que por ela adentrasse.

Mas o que a trama de Eco tem a ver com essa pesquisa realizada em pleno século XXI? Em consonância com as recentes pesquisas de Edvandro Vasconcelos e Alessandra Mesquita realizadas no município de Monte Alegre – Pará, desenvolvidas em 2018, que

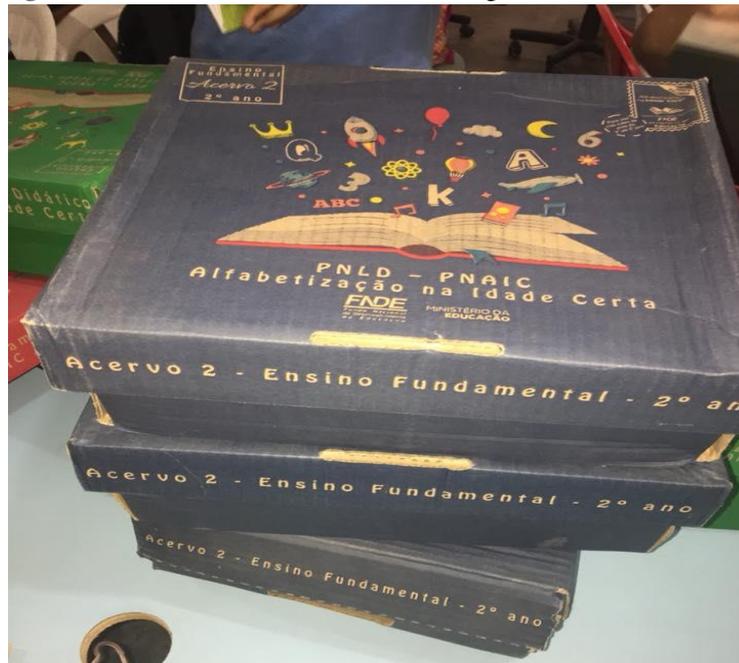
abordam em suas análises sobre o fetichismo da leitura¹⁷, o estudo que ora expomos também apresenta indícios de fetichismo. Segundo Mesquita (2018), o fetichismo da leitura consiste num aspecto cultural característico do interior da Amazônia. “O fetiche por livros se resume à sua presença física nas residências” (MESQUITA, 2018, p. 72). Vasconcelos aborda o termo fetichismo por outra perspectiva, “o objeto de desejo conduz o desejador a uma espécie de entorpecimento e encantamento” (VASCONCELOS, 2018, p. 107).

Assim como Mesquita (2018), que encontrou em seu campo de pesquisa, livros trancafiados em armários, e Vasconcelos (2018) que teve que compreender a reação de uma aluna, em não querer devolver o livro “O pequeno príncipe”, mesmo já tendo lido, o cenário que encontramos no município de Itaituba – PA, especificamente na escola onde desenvolvemos a pesquisa, foi também de livros guardados a sete chaves em armários dos professores, em suas salas de aula. Alguns alunos e professores estavam com outros livros em suas casas, mesmo sabendo que pertenciam à escola e não poderiam ficar com eles. Como explicitado no trecho em que descrevemos sobre o acervo encontrado, dentre as coleções de clássicos completas, havia a coletânea do Padre Antônio Vieira. Ao fazermos os cadastros, vimos que faltavam dois exemplares, os volumes I e o VI. A coleção é composta por doze volumes e, até então, não imaginávamos que uma aluna estivesse com esses livros. Logo que começamos a fazer os empréstimos e as campanhas de doações, o volume VI “apareceu”, e ao verificarmos de quem era a doação constatamos que tinha vindo de uma aluna do 8º ano. A aluna estava com esses livros desde o 6º ano, e, pressupomos, que nunca os leu, pois “Os Sermões” do Padre Antônio Vieira não é uma leitura fácil para um aluno nessa fase. Por fim, além desse exemplar, estava em seu poder o volume I, a Divina Comédia e muitos outros livros, ela simplesmente ia levando porque gosta dos clássicos, pedia emprestado para a professora que autorizava que ela levasse, mas como não havia um controle, os livros não retornavam.

Os livros presos em armários nas salas de aula nos fizeram refletir e associar o comportamento desses personagens com os relatados pelos dois pesquisadores citados, que recentemente desenvolveram suas pesquisas sobre “Espaço de leitura e levar a ler em lugares distantes”, ambos orientados pelo professor Zair Henrique Santos.

¹⁷ Alessandra Mesquita e Edvandro Vasconcelos produziram um artigo que foi acrescentado em suas dissertações do Proletras, tratando sobre o tema “Fetichismo”. Os dois desenvolveram pesquisas sobre espaços de leitura no município de Monte Alegre – PA.

Figura 30 - Caixas com livros do PNAIC resgatadas dos armários de professores



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Esse “Fetichismo” na Escola AMC foi além do “cuidado” de algumas pessoas com os livros, ele se estendeu para o espaço da biblioteca, local que as pessoas veem como se fosse sagrado, sem nenhum tipo de danificação. Percebemos que essa questão se intensificou mais ainda após a inauguração da biblioteca, pois, de acordo com alguns personagens inseridos, os alunos não podem bagunçar, nem retirar os materiais do lugar.

É necessário ressaltar, entretanto, que uma biblioteca muito organizada é um espaço sem uso (SILVA, 1988). Hoje, esteticamente, a biblioteca da escola AMC está muito bem arrumada, mas isso não significa que o aluno não possa entrar e retirar os livros das prateleiras, explorar tudo o que ela tem a oferecer. Os alunos precisam de liberdade para explorar a biblioteca e ler o livro do interesse dele, apenas cumprindo, obviamente, algumas regras que são comuns a esse tipo de espaço de leitura. A escola tem o papel de orientar o aluno quanto ao uso da biblioteca enquanto patrimônio público, mas sem as limitações do contato do aluno com os livros.

3.2 DIFICULDADES ENFRENTADAS E AVANÇOS

As mudanças na escola após a revitalização do projeto são visíveis, o projeto conseguiu a adesão de alguns e a antipatia de outros. Para muitos, a revitalização da biblioteca era um sonho. A minha ida para a escolar fortaleceu o desejo de realização do sonho, uma vez

que a reconstrução do espaço estava atrelada à pesquisa, o que deu mais credibilidade no acreditar que era possível. Contudo, as dificuldades para que o projeto saísse do papel foram inúmeras, foi criada a imagem de que o projeto era mais elemento do “mestrado da professora”, do que da escola. Talvez minha postura como professora de ir para um espaço no qual eu não fazia parte, até então, e chegar lá já com uma proposta de mexer e mudar com toda uma estrutura tenha assustado alguns componentes desse grupo. A mudança não era apenas física, no espaço, mas sim na rotina e ações da escola. A postura de algumas pessoas era de insegurança. Era preciso fazê-las entender que as ações de levar a ler precisavam estar à frente do reconstruir uma sala. Os objetivos para o depois precisavam ser definidos, pois pintar e mobiliar uma sala, não é difícil, difícil mesmo é fazer o outro entender que o espaço sem uso não sobrevive, que ele precisa de “fôlego”.

3.3 ANÁLISES DOS “PERSONAGENS”

Pensando em todo o processo que tivemos que passar para chegarmos até aqui, apresentamos a análise dos personagens que fizeram parte dessa pesquisa: Escola, família, alunos, poder municipal, outras escolas e a pesquisadora.

3.3.1 A escola

Passada a euforia da construção da biblioteca, da inauguração e do movimento de ações para promover o livro na escola, percebemos, após todo esse processo, que a biblioteca é vista por muitos, ainda, como item físico necessário para o espaço escolar. Mesmo com a determinação da Lei nº 12.244/10, muitas escolas visam à obrigatoriedade em estar cumprindo uma lei, pois ter uma biblioteca faz parte do processo de legalização das escolas. De modo legal, percebe-se que as escolas ainda não validaram o que diz a lei, já que a biblioteca escolar não é participante dos projetos pedagógicos de muitas instituições.

Então, ter biblioteca nas escolas não constitui apenas uma vontade em ter livros à disposição dos alunos, trata-se de cumprir a lei que dispõe sobre as bibliotecas escolares, cujas funções são educativa e social, sendo obrigatório esse espaço pedagógico no ambiente escolar. A biblioteca é, portanto, o melhor lugar para aconchegar um livro, como bem arremata Britto (2016, p. 79): “As bibliotecas são o lugar do livro e da leitura”.

Durante o percurso de realização da pesquisa, ouvimos de muitos que escola apenas estava cumprindo o que orientava a lei, caso o projeto não fosse realizado naquele momento, a biblioteca seria revitalizada da mesma maneira, em outro momento. O aparte a ser dito é que não seria na magnitude da que conseguimos reconstruir, mas esta fala vinda de muitos personagens daquele espaço é simplesmente desmotivadora, porque além de menosprezar a pesquisa, entende-se que qualquer um faria o que foi feito, e que qualquer sala com livros “organizados” já seria o suficiente. A partir dessa observação e reflexão, começamos a perceber esta problemática com mais atenção ao verificar que o físico se sobressai ao uso.

Quando iniciamos a intervenção, relatamos a necessidade de mudar de sala, assim a escola decidiu que sua melhor sala seria utilizada para a revitalização da biblioteca, o que foi visto como um ponto positivo e até empolgante no sentido de acharmos que a escola iria aderir a todas as fases da pesquisa. Entretanto, após alguns meses de desenvolvimento da pesquisa, pudemos perceber que o espaço, após a reconstrução, não tinha o mesmo valor de quando ainda era apenas um desejo. Talvez minha postura de liderar todo o processo de transformação da biblioteca na escola tenha transmitido aos demais participantes uma visão de posse e, se tivéssemos mantido um pouco mais de distância do projeto e da sua execução, este cenário, talvez tivesse sido diferente. Ressaltamos que, além de pesquisadora naquele espaço, eu também sou professora e isto, em certos momentos, causou entraves, mas fui tomada pela vontade e determinação de fazer o que havia planejado, de cumprir o compromisso que assumi com a escola ao adentrar o seu espaço com uma proposta firme.

Observamos que a visão de que a biblioteca deva atrair o indivíduo para o mundo da leitura ainda é forte, a ideia de que são necessárias recompensas, como premiações, pontuações ou coisas do tipo estão atrelados às atividades em volta do livro e, conseqüentemente, da biblioteca escolar. Contudo, não se deve exigir leitura como uma obrigação, muito menos forçar o aluno a ler, antes é preciso abordar as diversas formas de ler, as fases da leitura, como pondera Bértolo (2016). A completude do ato de ler deve ser explorada na escola, visto que muitos educandos não saem da fase superficial do texto, e, então, questiona-se: como ficam as demais? Não se sabe.

Esclarecer a importância da biblioteca como disseminadora de muitos saberes é papel da escola, o aluno precisa reconhecer que esse espaço serve para trilhar caminhos que estão além dos muros da instituição e não apenas para realizar uma atividade escolar. É importante que o leitor perceba que ler é mais que importante, é uma função complexa e indispensável. Retomando a ideia de Britto (2015), ao dizer que ler não é uma atividade simples, porque

exige esforço, é cansativo e muitas vezes doloroso, esse entendimento é necessário, pois desmitifica a ideia de que ler é prazeroso e recreativo.

A leitura é um meio pelo qual podemos transmitir nossa cultura, principalmente para aqueles que não têm acesso a ela. Dessa forma, contribui para formar grandes cidadãos críticos, reflexivos e atuantes. Quando a leitura é obrigatória, prática muito comum nas escolas, desestimula a busca, a criatividade, a curiosidade literária, principalmente quando são cobradas, dos alunos, atividades pragmáticas de forma muito rigorosa (LEAHY, 2006).

Observadas essas questões, vale ressaltar que ter ali, no centro da escola, uma biblioteca mudou drasticamente a rotina da comunidade escolar. Além do espaço físico, o comportamento de muitos professores mudou. Alguns já fazem empréstimos, compartilham livros com alunos, indicam livros para pessoas fora da escola, além de utilizarem a biblioteca, mesmo que de maneira tímida, durante suas atividades. Acreditamos que essa questão ainda é recente, por termos avaliado apenas 4 meses de uso desse espaço, porém as mudanças ocorreram desde o momento em que adentramos a escola com o projeto em mãos.

Hoje é comum ver alunos pelos corredores com livros nas mãos. Eles estão criando o senso de responsabilidade sobre a importância de ler e cuidar dos livros, questão abordada por boa parte dos funcionários da escola, professores, secretárias e equipe de apoio, que tem tido muito zelo com o espaço. De certa forma, a biblioteca contagiou as pessoas da comunidade escolar e aqueles que ainda não foram contagiados estão começando a ser atraídos para a biblioteca. As funcionárias da limpeza, que cuidam diariamente da organização do espaço, estão lendo e com frequência emprestam livros e revistas, assim como o grupo de apoio da secretaria da escola. Isto não acontecia antes na escola, quando os livros estavam apenas empilhados no chão em uma sala úmida e com mofo.

A biblioteca, espaço físico, chama a atenção de todos que adentram seu espaço. Isso colabora muito para o incentivo ao ato de ler, pois um ambiente agradável, limpo, silencioso é um convite à leitura. Reiteramos que nem todos foram contagiados para este espaço convergente do saber, mas ainda é cedo para uma efetiva análise final. É preciso manter o fôlego das ações, manter a intensidade nestes primeiros momentos, até que, autonomamente, os usuários transformem a ação de ler em hábito.

Vale dizer que os livros ganharam seu protagonismo, deixaram de ser um ilustre desconhecido. As mudanças ocorreram especialmente no espaço da biblioteca, na decoração e na quantidade e qualidade do acervo, que contempla variados gêneros de forma mais equilibrada. As mudanças também ocorreram nas atitudes da maior parte da comunidade escolar. Por exemplo, os alunos, além de doarem livros, indicam aqueles que gostariam que

fizesse parte do acervo. Assim, e por enquanto, a aquisição é feita por meio de ações como venda de rifas para angariar recursos. Atualmente a biblioteca da escola conta com mais de 3000 livros de literatura e espera ansiosa a chegada dos livros do PNLD¹⁸ literário.

É preciso considerar que a mudança está ocorrendo gradativamente e, ao avaliar os trabalhos desenvolvidos nesse primeiro semestre letivo de 2019, vemos que muitas ações de leitura foram realizadas como: “I Festival Poético”, “Programação do dia livro”, “Oficinas conhecendo o autor”, “Rodas de leitura”, bem como a rotina de empréstimos. Talvez, como pesquisadora, eu compreenda que a mudança seja lenta, mas como professora, fico angustiada por não ver logo a mudança ocorrer de uma vez.

De um ponto de vista negativo, a pesquisa apresentou algumas limitações. Não conseguimos, por exemplo, motivar suficientemente toda a comunidade escolar para ações de leitura; alguns personagens dessa comunidade ainda não reconhecem a importância da biblioteca como base para o desenvolvimento de leitura ou outras atividades relacionadas ao ensino-aprendizagem; alguns professores ainda não apresentam motivação suficiente para elaborar suas aulas, inserindo atividades de leitura, no espaço da biblioteca; alguns acham que podem simplesmente levar os alunos à biblioteca e deixá-los lá sozinhos, sem orientação, sem qualquer tipo de apoio:

Qualquer pessoa educada literariamente deve poder refletir sobre o que leu e sobre sua experiência pessoal em cada leitura de um modo mais elaborado. O fracasso social nessa tarefa educativa é bem claro quando adultos não sabem dizer de um livro mais do que “é bom” ou “eu gostei”, refugiando-se em uma resposta sobre gostos que não admitem discussão sobre os valores e aspectos da obra (COLOMER, 2017, p. 104).

Os alunos ao adentrarem a biblioteca precisam ser guiados e esse papel muitas vezes é exercido pelo professor, pois o educador é a referência que o aluno não tem em casa, ainda quando se trata de alunos oriundos de escola pública. A ponderação de Colomer (2017) é uma voz comum dentro da escola, possivelmente não só na que foi desenvolvida a pesquisa, porque a carência da leitura é problema que atinge as escolas de modo geral.

Quanto à discussão sobre a leitura, parece ser mais “fácil” dar uma resposta vazia do que mostrar para o aluno os valores que o texto literário contém. Silva (2008) reforça que o problema do ensino da literatura, não está com a literatura nem como a educação, pois o problema está centrado “no ensino da literatura”, com as pedagogias, pois o professor tem

¹⁸ O **PNLD Literário 2018** é o primeiro edital federal lançado após a inclusão dos livros literários no Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Ele prevê a aquisição de obras literárias para a Educação Infantil (0 a 5 anos e 11 meses), para o Ensino Fundamental – anos iniciais (1º ao 5º ano) e para o Ensino Médio.

tentado formar leitores, mas não consegue sustentar essa formação. Uma questão que pode ser associada a este problema é “achar” que, para fazer com que o aluno leia, seja necessário elaborar projetos mirabolantes, cujos esforços para executá-los são mais cansativos que a leitura em si. Isso acaba tirando o objetivo central do ato de ler, porque ao final da “leitura” a reflexão e a compreensão acerca do texto lido não fruem. Sobre esta discussão, Vasconcelos (2018) comenta:

A adesão da comunidade escolar não se consegue fazendo as ações por ela e para ela. A adesão é conseguida fazendo juntos, envolvendo os partícipes, desenvolvendo ações que os tornem responsáveis e conscientes da necessidade da leitura e da biblioteca. Não são meras estratégias de animações, situações dramáticas ou shows literários esporádicos que transformarão uma dada realidade não leitora. Fatores sociais, culturais e históricos devem ser considerados para que o alicerçamento da leitura possa ir se construindo no embate, na luta do que é necessário, do que é um direito. (p. 123-124).

A adesão da comunidade é outro ponto crucial quando o assunto é leitura e biblioteca, porque se a comunidade não compreende o valor do espaço para se formar leitores, de nada adianta montar bibliotecas, aumentar acervo e organizar atividades se o grupo não aderir a ideia no total. Em linha contrária ao pensamento de Vasconcelos (2018), ao abordar certas ações para a promoção do livro como “meras estratégias de animações”, é preciso observar que toda ação que leva ao ato de ler deva ser considerada, embora algumas excedam na elaboração, de alguma forma contribui para motivar o aluno a ler. Se nessas “meras” ações de animações, um único aluno foi motivado, a ação já valera a pena. É certo que não se forma leitores com essa facilidade, com projetos esporádicos, mas projetos consistentes, com propósitos bem definidos contribuem para aproximar o estudante do texto literário.

Zilberman (2008) argumenta que a escola dificilmente trabalha a leitura de literatura com o objetivo de trabalhar o texto literário em si, na maioria das vezes essa leitura está condicionada a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática. Desta forma, consideramos os projetos desenvolvidos pela escola AMC como atividades que buscaram aproximar a comunidade escolar, especialmente os alunos, do texto literário, e afastar a literatura de atividade de cunho puramente pragmático.

Para que a leitura cumpra o papel que precisa cumprir na vida dos alunos, a escola não pode ter como padrão uma leitura mecânica e desestimulante. Ao contrário. A escola pode e precisa tornar seus alunos capazes de uma leitura abrangente, crítica, inventiva.

Só assim os livros farão sentido na vida deles. E só assim a escola estará ensinando seus alunos a usarem leitura e livros para viverem melhor. Por isso, a organização de um projeto de leitura para a escola é fundamental. (LAJOLO, 2005, p. 14).

A leitura, de acordo com Lajolo (2005), não deve seguir um modelo, ser pragmática, como também defende Zilberman (2008). Sabe-se que o livro oferta para quem lê a chance de se colocar no mundo, de se sentir como integrante de um todo. Isso nos recorda uma obra que tem ganhado força nas escolas, talvez por sua temática, que traz exatamente o poder humanizador do texto literário: “Quarto de despejos: diário de uma favelada”, da escritora brasileira, Carolina Maria de Jesus. É uma obra forte e real, e mostra para o leitor o quanto a desigualdade é cruel com os pobres. O livro faz parte do PNLD Literário 2018 e a versão ofertada pelo FNDE é uma adaptação de Sirlene Barbosa e João Pinheiro em quadrinhos, é destinado para o ensino médio e retrata basicamente a biografia de Carolina e de como a leitura foi importante para ela suportar as dores da vida dura que levava na favela. Citamos esse livro como exemplo porque ele demonstra como a leitura pode nos fazer refletir sobre o eu e o outro, além apresentar relatos emocionantes de Carolina, há momentos de certa indignação, além de nos levar a refletir sobre problemas reais que assolam nossa sociedade.

Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler.

2 de maio de 1958, eu não sou indolente. Há tempos que eu pretendia fazer o meu diário. Mas eu pensava que não tinha valor e achei que era perda de tempo (JESUS, 2014, p. 28).

É importante que escola, e nisso inclui-se todos os professores, técnicos e gestores, ofereça aos alunos a oportunidade do contato com textos instigantes, desafiadores, que os tire da zona de conforto, queousem uma interpretação e tenham contato com maior número de textos possíveis, de modo que a leitura ultrapasse a dimensão escolar, permeie as ações sociais, o que requer uma compreensão de mundo, um movimento que envolva experiências e relações interpessoais.

3.3.2 A família

A participação dos pais, no desenvolvimento da pesquisa, tem servido como ponte para unir conhecimento, escola e família. Podemos considerar que comportamentos como esse fazem parte do processo da formação humana dos estudantes. O movimento de trazer os pais para o projeto aconteceu desde o momento em que a escola percebeu que a biblioteca seria mais que uma alternativa de ampliação de conhecimento para a comunidade.

Os pais, além de terem cooperado para que a reforma acontecesse o mais rápido possível, também contribuíram nas campanhas de arrecadação de livros, não só de literatura, mas, também, de pesquisa, além de revistas. Foi notável que eles perceberam que a biblioteca

escolar é de fundamental importância para o sistema educacional, capaz de reunir e dinamizar materiais bibliográficos, entre outros, constituindo um acervo variado, condizente com as aptidões de leitura de cada leitor, ou seja, ensino e biblioteca se complementam, conforme orienta Silva (1993). Alguns pais têm visitado a biblioteca regularmente, sentem-se satisfeitos em saber que na escola de seus filhos existe um espaço que vai contribuir para a formação deles. Foi observado ainda que há maior compreensão dos pais sobre a importância dos filhos estarem lendo, tanto que quando a biblioteca está fechada os pais vão reclamar com a gestão da escola, pois muitos levam os filhos no contraturno para que fiquem na biblioteca lendo. Apesar de alguns morarem distantes da escola, isso não tem sido obstáculo para que frequentem o espaço.

Essa participação e envolvimento da família com a biblioteca da escola possibilita ao aluno educar-se, ampliar sua visão de mundo sobre as coisas do mundo e sobre si mesmo. É preciso, entretanto, cautela, pois é perceptível que, para a sociedade, o ato de ler é visto como forma de salvação de todas as mazelas em que o sujeito está inserido. Mas, como aborda Britto (2016, p. 77), a leitura não é a salvação de ninguém nem o faz melhor ou mais solidário, pois o ato de ler, de ter contato com a cultura está além disso; o ato de ler proporciona liberdade ao sujeito de fazer escolhas, de se colocar em sociedade, não como um sujeito melhor, mas no sentido da criticidade e reflexão, um sujeito capaz de refletir e se posicionar em sociedade. A esse respeito Silva (1995, p. 18-19) ressalta:

[...] acreditamos numa escola que possa formar cidadãos críticos, capazes de utilizar criticamente o conhecimento construído na escola para analisar o real e, diante dele, fazerem as suas opções profissionais, culturais e políticas, de forma consciente, livre e autônoma.

A respeito do que mudou no comportamento da comunidade escolar, que engloba pais e alunos, percebemos que o espaço hoje é visto como parte integrante na rotina do aluno, os pais têm participado de forma ativa, pois é comum os alunos levarem livros emprestados a pedido de alguém da família. Às vezes eles chegam com uma relação de livros enviada por alguém, as doações continuam acontecendo regularmente, muitos pais levam livros, revistas, filmes e coleções completas para a pesquisa. Muitos argumentam que os livros, na maioria das vezes, estão servindo apenas de decoração em suas casas e na biblioteca podem ser utilizados por todos.

As programações que realizamos após a reforma teve a participação dos pais, que foram prestigiar seus filhos no I Festival Poético, alguns saíram emocionados em ver os filhos

declamarem poemas produzidos pelos próprios alunos no decorrer das atividades na biblioteca.

3.3.3 Alunos

A leitura na escola é indispensável, porque confere ao leitor a vivência de experiências que proporcionem e solidifiquem os conhecimentos de seu processo de aprendizagem, visto que o hábito de leitura depende de outros elos no processo de educação, como discute Santos (2016). Ler literatura não é apenas ler enredos, é, acima de tudo, compreender a obra de arte como reflexo do ser humano, essa posição também é observada na visão de Todorov (2014, p. 33) ao argumentar que o conhecimento da literatura não é o fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um.

O aluno é visto por vezes como aquele que não gosta de ler, que tem até uma aversão ao livro. Por outro lado, muitos professores de Português, quando se encontram diante de um dos maiores desafios que precisam enfrentar na sala de aula - o desestímulo dos alunos para a leitura - entram em pânico, sem saber que caminho seguir, pois têm a ideia de que ler precisa ser um ato prazeroso e isso gera confusão. Para Lajolo (2005, p. 6):

Várias campanhas voltadas para o incremento da leitura frisam aspectos prazerosos da leitura literária, como, por exemplo, que “ler é uma gostosa brincadeira” ou que “a leitura é uma viagem”. Ler é mesmo uma delícia, um grande prazer. Mas só para quem sabe, pois o prazer da leitura é um prazer aprendido.

É preciso quebrar o paradigma criado de que leitura é viagem, prazer, entretenimento, descoberta, etc. A leitura é muito mais do que isso, pois favorece a metacognição e direciona o indivíduo a dois caminhos possíveis, não excludentes: à leitura associada às práticas sociais imediatas e à leitura mais abstrata, ampla, reflexiva, questionadora, que está além da aquisição de informações ou das coisas utilitárias à vida cotidiana. Conforme Britto (2015, p. 57), a leitura deve “levar o indivíduo a pensar”, “ampliar a crítica, a liberdade e a criatividade das ações das escolhas”, subsidiar o indivíduo às transformações possíveis, de si e do mundo. A leitura deve ser aquela que faz o leitor “se reconhecer como parte do processo de produção de sentido”. É esta leitura que deve ser privilegiada na escola – espaço mais apropriado para isso.

A Escola A Mão Cooperadora, nesse contexto, tem procurado meios de aproximar o aluno do livro e da leitura, avaliando as ações que realizamos para esse fim, entretanto, precisamos reconhecer que algumas foram totalmente evasivas e falhas, não alcançando o

resultado esperado, promover a leitura. Mesmo assim, o envolvimento dos alunos com os projetos foi intenso. Quando iniciamos a proposta de intervenção, que inicialmente consistia em melhorar o acervo da escola e reorganizar a biblioteca, quem colaborou logo a princípio foram os alunos, especificamente os das turmas do 8º ano, que demonstraram maior desejo em ver essa biblioteca organizada em funcionamento, ajudaram na limpeza, na seleção e na classificação dos livros.

Figura 31 - Alunas da turma do 8º ano, selecionando os livros resgatados



Fonte: Arquivos da Pesquisa (2018)

Avaliamos a participação dos alunos de forma bem produtiva, pois esse momento foi importante para que eles se sentissem como parte fundamental do projeto, como sujeitos agentes. O contato com o livro nem sempre acontece do modo convencional, geralmente é orientado a realizar alguma atividade e necessita do livro para isso.

Além disso, os alunos, no decorrer do desenvolvimento do projeto, participaram de todas as programações, afinal, eles eram os personagens principais dessas atividades. Na imagem acima, temos três alunas e a acadêmica Tãmys Nauana¹⁹, elas fizeram a seleção dos livros que tinham condições de permanecer na biblioteca e, ao observar a colaboração das alunas, pudemos notar que no ano de 2018, quando estávamos nesse processo de reorganização, elas aproveitavam a oportunidade para ler e até emprestavam livros. Contudo,

¹⁹ Tãmys Nauana é acadêmica de Letras da Faculdade de Itaituba- FAI e voluntária no projeto da biblioteca. Ela organizou boa parte dos livros, além de ter participado de todas as ações. Tãmys também participou das oficinas desenvolvidas pela SEMED, como do Lelitiando 2018, momento em que ela pode conhecer a escritora Ana Maria Machado.

neste ano de 2019, após a inauguração, notamos que a frequência delas na biblioteca se tornou esporádica.

Não só essas alunas, como boa parte dos alunos que hoje fazem o 9º ano, diminuíram a frequência com que iam à biblioteca, mesmo o professor de língua portuguesa da turma tentando motivá-los a ler, a produzir textos, como poemas, contos, crônicas etc. Quando vão, preferem ler os livros da literatura de massa, produzida para fins lucrativos. Porém, podemos perceber avanços tímidos sobre o envolvimento dos alunos como um todo. No geral, as turmas do 6º ao 9º não frequentam tanto a biblioteca como os alunos do 1º ao 5º, mas participam ativamente de todas as atividades desenvolvidas na biblioteca.

As turmas do fundamental I são as que mais frequentam a biblioteca, os alunos são organizados e responsáveis com os livros que emprestam, gostam de estar na biblioteca e ler gêneros variados. Observamos que eles apresentam maior interesse por livros bem ilustrados. Para Meireles (2016), os livros infantis devem ter grandes e boas ilustrações e pequenos textos, porém não se constitui como leitura. As adaptações em quadrinhos e os poemas chamam a atenção dos jovens leitores, provavelmente por ser um tipo de leitura mais rápida para eles. Mas há exceção nessas regras. Há aqueles que querem ler obras mais complexas, como observamos, por exemplo, um aluno do 5º ano, que já leu em 2019 os volumes I e II dos contos do Grimm, leu ainda “Corda Bamba”, “A bolsa amarela” e “Os colegas”, da Lygia Bojunga e outras obras. Um detalhe importante sobre esse aluno é que ele sempre pede uma sugestão do que ler, comenta que não se interessa tanto por livros com muitas ilustrações e demonstra esse maior envolvimento com as obras sempre que pede para levar mais um exemplar para casa, diz que é para a sua mãe ler também, o que nos leva a pensar que o interesse do aluno pela leitura vem de casa e logicamente se reflete na escola.

Como fazer para que uma pessoa se torne um leitor ou uma leitora, apesar de tantos obstáculos? Em grande parte, essa é uma questão relacionada ao meio social. Quando se vem de um meio pobre, mesmo com uma formação escolar, os obstáculos podem ser numerosos: poucos livros em casa, ou nenhum, a ideia de que aquilo não é para ele, uma preferência por atividades coletivas e não por esses “prazeres egoístas”, dúvidas sobre a “utilidade” da leitura, um acesso difícil a língua narrativa: tudo isso pode somar-se para dissuadir alguém a ler. E, caso se trate de um menino, ainda há os colegas que ridicularizam quem se dedica a essa atividade “afeminada” e “burguesa”, associada por eles aos trabalhos escolares. (PETIT, 2013, p. 34).

Há, portanto, muitas variáveis para tornar alguém leitor. O contexto social é uma variável importante, como aponta Petit (2013, p. 34). Desta forma, a escola é um elemento crucial neste embate em ser leitor ou ser não-leitor. E se a escola tiver o apoio da família, os resultados poderão ser animadores.

Ratificando a fala de Petit (2013) sobre atitudes preconceituosas quanto ao ato de ler na escola, é preciso despir-se dos preconceitos com relação à leitura. Foi observado, na pesquisa, que os que mais leram livros foram os meninos, o que não é problema, mas, quando o gênero era um romance, eles ficavam reticentes para ler, porque achavam que seriam ridicularizados pelos outros garotos, que acreditam que ler romance é coisa de menina.

O horário de funcionamento da biblioteca pela manhã é de minha responsabilidade e, neste período, tento sempre receber os alunos de maneira agradável e peço que me falem sobre o livro que leram. Esses encontros deram origem à “propaganda do livro”, como bem afirma Milanesi (1979) ao apontar o ato da leitura na biblioteca como uma forma de dar voz ao público, escrever, criar e pensar, ao permitir isso para o leitor, a biblioteca atinge sua função. Com esta atividade, os alunos já estavam fazendo as indicações entre eles, diante disso, sugerimos que eles, ao acabarem de ler o livro, produzissem um pequeno texto indicando a leitura da obra, mas sem a obrigatoriedade de fazê-lo. Sem a obrigatoriedade, muitos têm feito isso com frequência. As indicações são expostas no mural, que fica na parede externa da biblioteca. Assim, os demais alunos podem ler, mesmo quando a biblioteca estiver fechada.

Observamos que uma expressiva quantidade de estudantes faz uso da biblioteca, mas há uma parte que ainda não desenvolveu este hábito. Porém se promovidas mediações variadas de leitura como destaca Leahy (2006), será adquirido um desenvolvimento que abonará a sua formação leitora para além do contexto escolar, uma formação que expandirá o seu mundo literário, onde o aluno deve se servir diariamente da biblioteca para complementar os conhecimentos adquiridos em sala de aula. É de se esperar, então, que o aluno visite de maneira integral o ambiente da biblioteca, note que ela é elemento essencial para seu desenvolvimento intelectual e pode nutri-lo com lições direcionadas ao comportamento social que o levará a ser um cidadão reflexivo e crítico.

3.3.4 Poder Municipal

Ao avaliar a biblioteca escolar como um espaço do conhecimento, a instituição escolar tem uma relação direta no processo de formação de um cidadão crítico e responsável. Campello (2011, p. 109) descreve que para ser considerada biblioteca escolar deve, em síntese, atender às seguintes condições: funcionar em sala de uso exclusivo, possuir coleção classificada e catalogada, fornecer serviço de empréstimo domiciliar, ter serviço de orientação

à pesquisa e contar com um funcionário responsável. Porém, para que esses quesitos sejam colocados em prática, a escola precisa do apoio do poder municipal.

Quando resolvemos desenvolver essa pesquisa sobre biblioteca escolar, a primeira ação foi solicitar o apoio da Semed para realizar a pesquisa. Formulamos um documento (em anexo), descrevendo a necessidade da biblioteca para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e expusemos a Lei nº 12.244/10 que trata da universalização das bibliotecas nas instituições básicas do país.

De acordo com os parâmetros, uma biblioteca escolar:

Deve contar com espaço físico exclusivo para acomodar:

- O acervo adequado à quantidade de alunos e faixa etária;
- Os ambientes para serviços e atividades para usuários;
- Os serviços técnicos e administrativos;
- Possuir materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários;
- Fornecer acesso a informações digitais (internet);
- Funcionar como espaço de aprendizagem;

A biblioteca deve contar com espaço físico exclusivo:

- No nível básico: de 50m² até 100m²;
- No nível exemplar: acima de 300m².

Essas questões foram apresentadas em documento e, em anexo, foram acrescentadas a análise das condições da Escola Barão do Rio Branco para receber o investimento, o que não foi possível por causa da desativação do Ensino Fundamental maior (6º ao 9º ano) desta escola, que passou a funcionar apenas com turmas de 1º ao 5º ano. O projeto da biblioteca, então, seria executado na escola A Mão Cooperadora, para onde fui transferida, posteriormente.

Era interesse da Secretaria Municipal de educação que o projeto fosse desenvolvido na escola do Km 5, por ser tratar de uma escola carente que necessitava de projetos dessa natureza. Ante a minha recusa e argumentação de que a pesquisa não se tratava de um projeto solidário, como bem defende Britto (2015) quando diz que a leitura não deve ser vista como forma de salvação social, fui lotada na Escola A Mão Cooperadora.

As atividades de reforma da biblioteca só iniciaram cinco meses após o início do ano letivo, em julho de 2018. Apesar do atraso, a preocupação era entregar para aquela comunidade um espaço que realmente fosse denominado biblioteca.

O secretário, a partir de então, visitava as obras regularmente e, conforme o projeto foi ganhando forma, foi obtendo força e isso ressoou em outras escolas do município. Os gestores começaram a procurar a Semed porque queriam reorganizar seus espaços. O secretário vislumbrou a oportunidade de o projeto virar um modelo a ser seguido pelas demais escolas. Assim, foi firmado o acordo de que após a finalização da pesquisa, eu estaria à disposição do município por um ano para contribuir com organização de outros espaços. E de tal modo tem-se feito que, além das oficinas desenvolvidas pela Semed, as escolas usaram um tempo da semana pedagógica para discutir as medidas que precisam tomar para adequar seus espaços. Participei de algumas reuniões em outras escolas para contribuir e aprender sobre o tema em foco.

As medidas adotadas pela Semed foram essenciais para a realização do projeto, boa parte do solicitado foi atendida e, além do investimento na reconstrução do espaço físico, houve também investimento nas formações, as citadas no capítulo metodológico.

A reforma da biblioteca custou aos cofres públicos 22 mil reais (dados não oficiais). Entendemos que não deva ser visto como custo, mas como investimento. Foi de duvidar, em alguns momentos, que esse investimento estava sendo realizado no projeto de pesquisa, uma vez que muitas administrações municipais não investem em pesquisa, neste caso, de mestrado. Um exemplo disso é a dissertação de Mesquita (2018), com a qual o poder público municipal não contribuiu para a execução do projeto. Toda a realização foi resultado do esforço da pesquisadora junto com parte da comunidade.

No dia da inauguração do Espaço de leitura estiveram presentes, a convite da escola, a primeira dama do município, o vice-prefeito, o secretário de educação, o vereador do bairro e um escritor local juntamente com os funcionários, alguns pais e alunos. A programação foi extensa, pois nesse dia foi comemorado o dia da poesia, a inauguração do Espaço, o aniversário da escola e o aniversário da cidade. Vale observar a visibilidade que o evento de inauguração teve por conta das autoridades presentes e ainda pela propagação nas mídias locais: TV e rádio. Porém, nem sempre essa visibilidade é acompanhada pelo apoio dessas autoridades no desenvolvimento do projeto como não teve até o momento da inauguração, e de forma bastante tímida depois (MESQUITA, 2018, p. 60).

Apesar do apoio da Semed, há algumas pendências a serem solucionadas, como a instalação da internet e a aquisição da impressora. Estes são recursos importantes para este ambiente, que evolui constantemente. Silva (1988) afirma que uma biblioteca é um organismo vivo, que está em constante transformação. Manter este organismo em funcionamento requer, além de vontade, investimento, que deve partir, a priori, do poder público e da gestão escolar. Além do investimento, é preciso acompanhamento das atividades, e isso a Secretaria de

Educação está fazendo, constantemente por meio de visitas técnicas. Essa frequência da Semed na escola é um fator positivo, pois mantém os responsáveis atualizados sobre as atividades da biblioteca, bem como sobre os problemas que emperram o bom funcionamento deste espaço de leitura.

Vale ressaltar que outras escolas também visitam a biblioteca da AMC, que tem servido de modelo e de inspiração para outras instituições de ensino.

3.4 EXPERIÊNCIAS NA BIBLIOTECA WILLIAN GABRIEL

À biblioteca escolar é destinada à função de educar, contudo, possui importante objetivo e uma obrigação a desempenhar. Dentro deste espaço do saber são realizadas pesquisas de valor cultural e hábitos de leitura são desenvolvidos. Neste sentido, Silva (2003) indica como missões fundamentais à biblioteca escolar: ser um organismo de base no processo ensino-aprendizagem e promover o hábito de leitura entre os estudantes.

Como não há bibliotecários para atender às bibliotecas de nosso município, essa função se direciona aos professores, em sua maioria readaptados, como pudemos verificar na oficina que realizamos em maio de 2018. É necessário, entretanto, que haja a presença de um funcionário qualificado, capaz de atuar como agente mediador, com experiência didática para elaborar atividades mais condizentes com a realidade contemporânea, como pontua Milanesi (2013).

Dessa maneira, as atividades desenvolvidas nessa fase de experimentação da biblioteca estavam voltadas para ações que atendessem não somente aos empréstimos, mas que contribuíssem com o coletivo, pois, como narramos na metodologia, ações isoladas sempre existiram nesse espaço, porém a ausência de uma biblioteca como espaço de protagonismo limitava a elaboração de atividade em conjunto. Assim, quando Britto (2012) defende a ideia de que o acervo de uma biblioteca escolar precisa incluir obras de história, geografia, artes e demais ciências é porque está pensando no coletivo, no conhecimento integral. A leitura de literatura é importante, mas as outras áreas do conhecimento também são, portanto, devem fazer parte da usualidade da biblioteca.

Destacamos também que a rotina de serviços em uma biblioteca escolar não deve priorizar apenas os serviços tradicionais e básicos, a biblioteca deve criar novas formas de oferecer tais serviços para que esses satisfaçam o público em razão da criatividade exercida. Pensando sobre esta questão, muitas e diversificadas atividades foram realizadas pela

biblioteca da AMC: “I Festival Poético”, “Dia Mundial do Livro”, “Conhecendo o autor”, “Visitas de outras escolas”, “Sessão de cinema” e as “Rodas de leitura”.

Foram atividades rotineiras e outras muito fora da rotina, o que contribuiu para o envolvimento dos estudantes com as atividades, mesmo não fazendo parte da avaliação quantitativa deles. Por outro lado, os professores participaram timidamente, comportamento ainda cedo para ser avaliado como negativo, pois a biblioteca na escola ainda é muito recente. É preciso dar mais tempo para verificar se as atitudes mudarão, se o próprio espaço de leitura, a biblioteca, irá sobreviver às mudanças: substituição de gestores, de professores, de alunos.

Muitos questionamentos têm surgido acerca dos horários de funcionamento da biblioteca escolar. Mostra-se, então, necessário verificar a possibilidade de flexibilizar o horário para atender às necessidades da comunidade, sem, no entanto, inviabilizar o trabalho do profissional que cuida da biblioteca.

Em síntese, verificou-se que a maioria dos alunos da Escola A Mão Cooperadora estão satisfeitos com a Biblioteca Willian Gabriel no seu aspecto geral, que inclui o espaço físico, o seu mobiliário, a limpeza do local, o ambiente de leitura (espaço individual e coletivo) e o horário de funcionamento. Há, porém, uma insatisfação: os recursos tecnológicos disponíveis foram avaliados pelos alunos como medianos, o que implica dizer que logo estarão desatualizados, requerendo substituições.

A biblioteca escolar tem como seu público alvo alunos em formação e não usuários que precisam apenas que lhes prestem o serviço de empréstimos de obras. O trabalho nesse ambiente deve ser ajustado ao desenvolvimento de leitor/pesquisador e o uso da biblioteca escolar é de recursos pedagógicos que devem estar voltados para a solidificação do currículo da escola. Assim sendo, ela deve constar no PPP da escola, de forma que não se torne um espaço desvinculado da instituição, mas um lugar onde acontece o processo ensino-aprendizagem integrante à sala de aula. A biblioteca deve, então, ser um recurso a serviço da escola e seu uso deve estar voltado para os fins educacionais, contribuindo para a formação humana dos seus usuários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação para esta pesquisa foi a inquietude com a relação às dificuldades em se manter a biblioteca escolar como centro do fazer educativo no espaço escolar. Questionou-se, então: é possível que um espaço de leitura – a biblioteca – bem estruturado com ações bem planejadas de leitura modifique a atitude de uma comunidade escolar para o ato de ler? É possível a biblioteca assumir o protagonismo no espaço escolar?

Os objetivos da pesquisa foram revitalizar a biblioteca da Escola A Mão Cooperadora, bem como elaborar ações coordenadas que envolvessem a comunidade escolar nas atividades de leitura. Nesse sentido, a biblioteca não foi reconstruída, mas literalmente construída, iniciada do zero, com boa mobília, com uma quantidade de acervo equivalente à quantidade de alunos que frequentam a escola, um espaço agradável dinâmico e lúdico, com total condição de ofertar para comunidade inúmeras portas para o conhecimento, com possibilidade de desenvolvimento de diversas atividades, não só de leitura de literatura, mas englobando qualquer área do conhecimento dentro de uma escola.

A pesquisa, apesar das dificuldades, atingiu seus objetivos principais: a (re)construção da biblioteca logrou êxito e pode ser considerada como uma das mais bem estruturadas do município de Itaituba; as ações planejadas de levar a ler também foram satisfatórias; houve um crescimento progressivo na frequência da biblioteca por parte dos alunos. Além disso, foi perceptível o interesse pela leitura, a partir das ações executadas no espaço da biblioteca.

Pode-se dizer que, hoje, a biblioteca da escola A Mão Cooperadora é a protagonista dentro desse espaço, é o elemento que faz a diferença no ensino-aprendizagem desse grupo escolar.

Por outro lado, o projeto apresentou limitações, que julgamos importante para o sucesso completo da pesquisa. Sob nosso olhar e de muitos outros, a biblioteca conseguiu atingir o patamar de protagonista, já sob outros olhares, não. E a limitação reside exatamente aí, o projeto não conseguiu motivar de maneira satisfatória a todos, especialmente quem ocupa uma posição de liderança dentro da instituição de ensino: o professor. Este personagem é fundamental dentro do processo de ampliação do fazer ler, sem ele, as dificuldades são ainda maiores.

Ao finalizar parcialmente esta pesquisa, tendo em vista que o trabalho continua, e sem desconsiderar algum sucesso obtido na execução das atividades, entendemos que a pesquisa precisa de mais tempo para uma avaliação mais consistente. Como pesquisadora estive muito intensamente envolvida com o projeto e, por isso, senti a necessidade de um olhar mais distanciado para perceber o todo, o geral, para que pudesse olhar de outros ângulos a mobilização dos outros personagens deste projeto. Talvez a intensidade dos trabalhos tirou de mim a oportunidade de refletir sobre as próprias ações.

Talvez estas sejam conclusões precipitadas, a biblioteca tem apenas seis meses de atividade. É um tempo muito curto para chegar a uma conclusão definitiva. Há, na realidade, uma grande dúvida: não se sabe se a biblioteca sobreviverá às mudanças que ocorrem na escola, se permanecerá ativa dentro do ambiente escolar. Esperamos que sobreviva e frutifique, pois, algumas experiências têm caminhado para o fracasso e outras têm resistido, com muitas dificuldades.

Cabe um aparte importante, nestas considerações finais, os professores que aderiram ao projeto viram nele a chance de a biblioteca contribuir no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Viram também que um espaço de leitura, que sirva ao encontro de conhecimentos, pode ser favorável ao desenvolvimento intelectual e à construção humana dos alunos.

Enquanto professora e pesquisadora, posso dizer que a experiência com esta pesquisa e o mestrado proporcionaram transformações profundas e necessárias em mim. O conhecimento teórico adquirido por meio das leituras que precisei realizar tornaram-me melhor profissional e a parte empírica da pesquisa me tornou um ser humano melhor, mais resiliente, mais adaptável às bruscas mudanças da vida.

Sempre priorizei a leitura em minha vida e tento levar isso para meu ambiente de trabalho, reconhecendo que é muito difícil trabalhar a literatura na escola, fugindo de atividades pragmáticas, esse era o maior problema para o qual eu buscava respostas.

Ressalto que o meu olhar sobre a leitura na escola mudou muito. Hoje tenho mais consciência sobre como motivar os alunos às atividades de leitura, o que não conseguia antes. O trabalho com a biblioteca proporcionou ganhos a mim e aos alunos. A mim pela diversidade das ações que tive que executar. A eles, pela diversidade de leituras que tiveram que fazer.

Em relação ao poder municipal, o apoio foi positivo para a execução da pesquisa. Desde o início, a Semed se dispôs a colaborar de forma direta com o desenvolvimento do projeto, tanto na reconstrução do espaço físico, como na formação de professores.

Cumpra registrar nessas considerações que é preciso observar os critérios de lotação para funcionários nas bibliotecas, que estas pessoas devem receber qualificação, treinamento, capacitação para atuarem de maneira mais profícua nas bibliotecas.

Analisando por um olhar externo no município, vejo que a biblioteca se tornou um ponto de referência em relação à promoção da leitura, devido às ações que estão sendo desenvolvidas de modo consecutivo na biblioteca da escola. Apesar de algumas não serem coletivas, a visibilidade da leitura é por outras escolas como elemento primordial.

Espero que a proposta de formar leitores, de disseminar a cultura letrada através da biblioteca escolar, torne-se um processo constante, não só na AMC, mas em outras instituições de ensino; que as ações não se tornem engessadas, anulando as possibilidades de transformação por meio da leitura, principalmente a de literatura; que a humanização defendida por Candido (2011) seja cada vez mais semeada nas escolas, pois proporciona melhorias no eu e no outro.

Espero, ainda, que os professores e alunos superem as barreiras que irão surgir e continuem firme a sua caminhada em direção ao conhecimento. E que nessa esteira o poder público municipal amplie a proposta de protagonizar a biblioteca nas outras escolas, uma vez que a leitura é a porta que nos liberta do caos, da escuridão e da ignorância. Por fim, que a comunidade acredite sempre na riqueza da leitura e busque pelo conhecimento novo.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland, 1915-1980. **O prazer do texto**/Roland Barthes: {tradução J.Guinsburg}. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis**: sobre leitura e crítica. São Paulo: Livro da matriz, 2014.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura - biblioteca e formação** [recurso eletrônico] / Luiz Percival Leme Britto; Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. Recurso digital.

_____. **Contra o Consenso**: Cultura escrita, educação e participação. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003. – (Coleção Ideias sobre linguagem)

_____. **Inquietudes e desacordos**: a leitura além do óbvio. Campinas – SP. Mercado das Letras: 2012.

_____. **Ao revés do avesso**: leitura e formação. São Paulo: Pulo do gato, 2015.

CAMPELLO, Bernadete. (Coordenadora). **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento**: Parâmetros para bibliotecas escolares: Documento complementar 1: espaço físico / Grupo de estudos em biblioteca escolar. – Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação, 2016.

CANDIDO, Antônio. A literatura como direito. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 5ª ed. Corrigida pelo autor. 2011 p. 169-191.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola: [tradução Laura Sandroni]. – São Paulo: Global 2007.

_____. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

COSSON. Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. – 1. Ed., 1ª impressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

ECO, Umberto. **A literatura contra o efêmero**. Publicado em 02/18/2001.

_____. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução Claudia Freire. – São Paulo: editora UNESP, 2006. 348 p.

FREIRE, Paulo, 1921 – **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

HÉBRARD, Jean. **As bibliotecas escolares: entre leitura pública e leitura escolar na França do II Império e da III Republica**; tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**/Carolina Maria de Jesus; ilustração Vinicius Rossignol Felipe. – 10. ed. – São Paulo: Ática, 2014. 200 p.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental**/Carol Kuhlthau; trad. E adapt. Por Bernadete Santos Campello et al. – 3. Ed.; 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?** Cefiel, IEL, Unicamp, 2005.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora - Ática: 2004.

LEAHY, Cyana. **A leitura e o leitor integral: lendo na biblioteca da escola**/ Cyana Leahy. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 112 p.

MACHADO, Ana Maria. **Palavras, palavrinhas e palavrões**. Ilustrações Jótan. – ed. – Curitiba: Editora Champagnat – PUC-RPR, 2011.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**/Cecília Meireles; coordenação André Seffrin, -4. Ed. – São Paulo: Global, 2016. 96 p.

MESQUITA, Alessandra Maria de. **Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em “lugares distantes”** / Alessandra Maria de Mesquita. – Santarém, 2019. 147 f.: il.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. -3. Ed. – Cotia SP: Ateliê Editorial, 2013.

_____. **O que é biblioteca**. – 1. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1983. – (Coleção primeiros passos; 94).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ: Vozes. 2009.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. – Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretária da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

MOREIRA, Marco Antônio. **Metodologias de pesquisa em ensino**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Olga de Souza – São Paulo: editora 34, 2009 (2ª edição). 192 p.

_____. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**/Michèle Petit; tradução de Celina Olga de Souza. – São Paulo: editora 34, 2013 (1º edição). 168 p.

REGO, José Lins do. **Doidinho**. 16ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SANCHEZ Gamboa, Silvio. **Pesquisa em educação: métodos e epistemológicos**/Silvio Sanchez Gamboa. – 2. Ed. – Chapecó: Argos, 2012. p.: 23 cm. – (Grandes Temas; 17)

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. Unicamp, 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. São Paulo, 1988.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escola**. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. – Campinas, SP: Mercados de Letras, 2010. Outros autores: Ana Maria da C.S. Menin. Cyntia Graziella Guizalim Simões Giroto, Dagalberto Buim Arena.

TODOROV, Tzvetan, 1939- **A literatura em perigo**/Tzvetan Todorov; tradução Caio Meira. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

VASCONCELOS, Edivandro Raimundo Alves de. **Para além dos espaços de leitura: criação e reflexões das possibilidades de ler literatura em uma escola rural no município de Monte Alegre** / Edivandro Raimundo Alves de Vasconcelos. Santarém, 2018. 164.: il. Inclui biografias.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. Ed. – São Paulo: Global 2003.

ANEXO A
REQUERIMENTO DE SOLICITAÇÃO DE APOIO À SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO DE ITAITUBA-PA

Requerimento

Itaituba, 02 de 04 de 2018


Rosilene de Araújo Farias
Secretaria Municipal de Educação
Município de Itaituba-PA

Excelentíssimo Senhor
Digníssimo Secretário de Educação de Itaituba-Pará

Eu, Rosilene de Araújo Farias, CPF 932.167.932-49, residente na Cidade de Itaituba-Pará, 68.180-260, telefone (93) 991959890, e-mail rossyafarias@gmail.com. Funcionária pública concursada, matrícula 126636-5, atualmente lotada com 135 horas na escola A Mão Cooperadora, onde estou iniciando uma pesquisa acadêmica, sobre biblioteca escolar e leitura literária. Venho por meio deste requerimento, solicitar o apoio da Secretaria Municipal de Educação, para o projeto de pesquisa de mestrado que visa revitalizar o espaço da escola (a biblioteca), para que este possa de fato ser uma biblioteca escolar, assim, que venha estar atendendo as necessidades da comunidade estudantil, colaborando para o processo ensino-aprendizagem, como também para a formação do estudante como um cidadão crítico, consciente e humano. De acordo com a Lei nº12.244 de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino básico do País. De acordo com os Parâmetros, uma biblioteca escolar:

- conta com espaço físico exclusivo, suficiente para acomodar:
 - o acervo;
 - os ambientes para serviços e atividades para usuários;
 - os serviços técnicos e administrativos;
- possui materiais informacionais variados, que atendam aos interesses e necessidades dos usuários;
- tem acervo organizado de acordo com normas bibliográficas padronizadas, permitindo que os materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez;
- fornece acesso a informações digitais (internet);

- funciona como espaço de aprendizagem;
 - é administrada por bibliotecário qualificado, apoiado por equipe adequada em quantidade e qualificação para fornecer serviços à comunidade escolar.
- Os Parâmetros estabelecem indicadores numéricos (mínimos e exemplares) para cada um desses aspectos. No que dizem respeito ao espaço físico, os parâmetros definem que:

A biblioteca escolar conta com espaço físico exclusivo:

- no nível básico: de 50m² até 100m²;
- no nível exemplar: acima de 300m²

A biblioteca escolar possui assentos para acomodar usuários que ali vão para consultar os materiais e/ou realizar atividades:

- no nível básico: assentos suficientes para acomodar simultaneamente uma classe inteira, além de usuários avulsos;
- no nível exemplar: assentos suficientes para acomodar simultaneamente uma classe inteira, usuários avulsos e grupos de alunos.

Além de ambientes para os serviços fim a biblioteca escolar conta com ambiente para serviços técnicos e administrativos:

- no nível básico: um balcão de atendimento, uma mesa, uma cadeira e um computador com acesso à internet, para uso exclusivo do (s) funcionário (s);
- no nível exemplar: um balcão de atendimento e ambiente específico para atividades técnicas, com uma mesa, uma cadeira e um computador com acesso à internet, para uso exclusivo de cada um dos funcionários.

No contexto dos atos legislativos, a Lei n.12.244/09 dispôs sobre a obrigatoriedade da existência de bibliotecas escolares, com acervo conforme sua realidade, que divulgue orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento nestes organismos. Diante o exposto, a existência da biblioteca na escola, de fato, torna-se indispensável para a formação do indivíduo. É elementar não só disponibilizar acervos mas, acima de tudo, viabilizar o acesso ao conjunto de saberes que este acervo possui para que, a partir do contexto da escola, do seu projeto pedagógico e da cultura geral que compõe tal conjunto de saberes, a biblioteca possa contribuir para criar mecanismos capazes de promover a superação das dificuldades, de modo a alcançar os objetivos desejados pela proposta pedagógica desenvolvida no âmbito da escola e das políticas educacionais brasileiras. De posse desse ideal de política educacional, de inter-relação entre os

conjuntos de saberes que fundamentam o desenvolvimento do pesquisador, será possível dar sentido ao modo de vida e à existência de cada membro da comunidade escolar. Este projeto visa investir na melhoria da infraestrutura escolar, por meio de construção, ampliação e reforma do espaço (biblioteca escolar), bem como dotá-las com equipamentos e mobiliários escolares, acervo adequado, com vistas a melhorar o ambiente de ensino. Vem por meio deste, solicitar a Vossa Excelência a concessão de apoio ao projeto para que o espaço seja revitalizado com uma pintura adequada, piso, computador com internet e um acervo (livros) que seja compatível com a quantidade de alunos da instituição

Para a comprovação do projeto de pesquisa, segue anexado documentação necessária para os devidos fins.

Nestes Termos
P. Deferimento

Secretário Amilton Pinto

Cristiane Pereira do Nascimento
Direção da escola
Porto Alegre, 24/11/2017

Rosilene de Araújo Farias
Professora Rosilene de Araújo Farias

Amilton Teodoro Pinto
Secretário Municipal de Educação
Decreto N.º 1.041/2017

ANEXO B

MEMORANDO AOS DIRETORES DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM VEVENTO DA PESQUISA

ESTADO DO PARÁ
 Prefeitura de Itaituba
SEMED
 Secretaria Municipal de Educação
 DIRETORIA DE ENSINO

Itaituba-PA, 09 de Abril de 2018.

Memo. Circ. nº 034/2018 – DIREN/SEMED

Da: **Diretoria de Ensino/DIREN**
 Aos **Diretores das Escolas Municipais do Ensino Fundamental**
 Assunto: **CONVITE**

Senhor (a) Diretor (a),

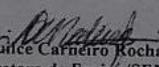
De acordo com a Lei nº 12.244/2010 que dispõe sobre a “universalização das bibliotecas nas instituições de ensino básico” com a realização em 2017 da “Oficina de Sala de Leitura e Biblioteca Escolar” pela Diretoria de Ensino / SEMED em parceria com a UFOPA, polo Itaituba, projeto efetivado para professores das escolas públicas do Ensino Fundamental e EJA.

Firmado novamente em 2018 a parceria entre SEMED e UFOPA, convidamos os professores dos anos iniciais (1º ao 5º) e anos finais (6º ao 9º) da disciplina de Língua Portuguesa para participarem da palestra com a temática “**A leitura em lugares distantes**”, ministrada pelo professor Dr. Zair Henrique Santos, Coordenador do LELIT /UFOPA/ SANTARÉM.

Informações do evento:

- ✓ **Data:** 12/04/2018 (5ª Feira)
- ✓ **Local:** Escola Marechal Rondon
- ✓ **Horário:** 19h30min às 22h

Atenciosamente,


 Maria Lúcia Carneiro Rocha Medeiros
 Diretora de Ensino/SEMED
 Dec. PMI n. 020/2018

ANEXO C

TERMO DE ANUÊNCIA DA ESCOLA A MÃO COOPERADORA



TERMO DE ANUÊNCIA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental A Mão Cooperadora está de acordo com a execução do projeto A BIBLIOTECA ESCOLAR: RECONSTRUINDO UM ESPAÇO, PARA FORMAÇÃO DE LEITORES, coordenado pela pesquisadora Rosilene de Araújo Farias desenvolvido em conjunto com o professor doutor Zair Henrique Santos, vinculado a Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, e assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa nesta Instituição durante a realização da mesma.

Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Itaituba- Pará, 23 de 03 de 2018

Cristiane Pereira do Nascimento

Cristiane Pereira do Nascimento

Diretora

Port. nº 1341/2017

José Eduardo de Azevedo Melo

Eliete Pereira Lima

Alexsandra dos Santos Senteza

Elisamara C. Santos

Maxwell Erung Santos Costa

Elizângela Amorim

Adenilton O. dos Santos

Jacqueline Sousa Felix

Valdiney Tibério de Sousa
Técnica Educacional
SEMED/PMI